

SOLANGE PEREIRA DINIZ FARACO

TEMPO AMIGO ou INIMIGO? Conceptualizações metafóricas de TEMPO no discurso de mulheres brasileiras

Tese apresentada à Coordenação de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor. Área de Concentração: Estudos Lingüísticos.

Orientador: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> SOLANGE COELHO VEREZA

Niterói, 2º semestre de 2008

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

SOLANGE PEREIRA DINIZ FARACO

TEMPO AMIGO ou INIMIGO? Conceptualizações metafóricas de TEMPO no discurso de mulheres brasileiras

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor. Área de Concentração: Estudos Lingüísticos.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mara Sofia Zanotto (PUC/SP)

---

Prof. Dr. Sérgio Nascimento de Carvalho (UERJ)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vanda Maria Cardoso de Menezes (UFF)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marlene Gomes Mendes (UFF)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Solange Coelho Vereza (UFF)

Niterói, 2008

## RESUMO

A presente pesquisa investiga o conceito de tempo para a mulher contemporânea brasileira à luz da teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF e JOHNSON, 1980/2002, 1999; KÖVECSES, 2001, 2005; LAKOFF, 1987, 1993, 2004, GIBBS e STEEN, 1994, entre outros). Com base nessa abordagem lingüístico-cognitiva da metáfora, que sugere que os nossos conceitos são influenciados pelas dimensões corporais, sociais e culturais, investigo as conceptualizações de tempo e suas possíveis implicações para mulheres brasileiras adultas, na faixa etária 48-58 anos, membros de dois subgrupos diferentes: mulheres habitantes de zona urbana e mulheres habitantes de zona rural.

O corpus utilizado na presente investigação consiste em discurso feminino e discurso voltado para o público feminino adulto e provém de três diferentes fontes: discurso midiático publicado em revistas voltadas para o público feminino adulto pertencente à classe média; transcrições de conversas gravadas em áudio de 6 mulheres habitantes de uma cidade na região serrana do Rio de Janeiro, durante participação das mesmas em eventos sociais de leitura; e transcrições de narrativas de vida produzidas por 5 mulheres habitantes de zona rural do estado de Minas Gerais, obtidas durante entrevistas semi estruturadas.

Os dados utilizados na pesquisa foram analisados com base em Cameron (2003, 2006), Charteris-Black (2004, 2005) e Musolff (2004).

Algumas das metáforas conceptuais inseridas são comuns aos três tipos de discurso, entretanto, as motivações para essas metáforas não são as mesmas.

Palavras-chave: metáfora conceptual, metáforas de tempo, metáfora e cultura, discurso feminino.

## ABSTRACT

This research investigates the concept of time for the contemporary woman, using the Conceptual Metaphor Theory (LAKOFF e JOHNSON, 1980/2002, 1999; KÖVECSES, 2001, 2005; LAKOFF, 1987, 1993, 2004, GIBBS e STEEN, 1994, and others) as theoretical foundation. Based on this cognitive linguistic approach to metaphor, which suggests that our concepts are influenced by social and cultural dimensions, I investigate the conceptualization of time and its potential implications for Brazilian mature women, aged between 48-58 years old, living in urban and rural areas.

The corpus used in this research consists of women's discourse and discourse aimed at women and comes from three different sources: media texts published in magazines whose readers are middle class adult women; the transcription of tape recorded talk of 6 women during organized social reading events in a medium sized town in the state of Rio de Janeiro; and the transcription of life histories produced by 5 women living in a remote rural area in the state of Minas Gerais, obtained during semi-structured interviews.

The data used in the research were analyzed based on Cameron (2003, 2006), Charteris-Black (2004, 2005) e Musolff (2004).

Some of the conceptual metaphors inferred are evidenced in the three types of discourse, however, the motivation for those metaphors are not the same ones.

Key words: conceptual metaphor, time metaphors, metaphor and culture, women's discourse.

Aos meus pais, **MARCELLO** e **MARIA da GLÓRIA**, e ao meu marido, **PAULO ROBERTO**.

## AGRADECIMENTOS

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Solange Coelho Vereza, minha orientadora neste trabalho, pela generosidade com a qual compartilha o conhecimento, pelo incentivo, pela dedicação que dispensou na orientação da minha pesquisa e pelas críticas e sugestões valiosas que ajudaram a nortear o meu trabalho.

À CAPES/MEC e à Universidade Federal Fluminense, em especial à Coordenação de Pós-Graduação em Letras, pela oportunidade de concorrer a uma bolsa PDEE, e ser aceita pela Universidade de Leeds, Inglaterra.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alice Deignan, por me ter aceitado como pesquisadora visitante sob sua orientação na Universidade de Leeds, Inglaterra.

Às mulheres que participaram como sujeitos desta pesquisa, sem as quais esta investigação não seria possível, por sua pronta colaboração.

*Diante de coisa tão doida  
Conservamo-nos serenos  
Cada minuto de vida  
Nunca é mais, é sempre menos  
Ser é apenas uma parte do não-ser e não do  
ser.  
Desde o instante em que se nasce  
Já se começa a morrer.*

*(O relógio – Cassiano Ricardo)*



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1.1 Apresentação e justificativa</b> .....	12
<b>1.2 Objetivos</b> .....	25
<b>1.3 Organização do estudo</b> .....	26
<b>2 METÁFORA: DA TRADIÇÃO À VISÃO CONTEMPORÂNEA</b> .....	28
<b>2.1 A metáfora na visão tradicional</b> .....	28
<b>2.2 A visão contemporânea da metáfora</b> .....	31
<b>2.3 Tipos de metáfora conceptual</b> .....	41
<b>2.4 Metáfora e cultura</b> .....	42
<b>3 METONÍMIA: A VISÃO CONTEMPORÂNEA</b> .....	50
<b>4 CONCEITUANDO O TEMPO: FILOSOFIA E METÁFORA</b> .....	58
<b>4.1 O tempo na filosofia</b> .....	59
<b>4.2 Metáforas de tempo</b> .....	65
<b>4.2.1 TEMPO É ESPAÇO</b> .....	67
<b>4.2.2 O TEMPO COMO MOVIMENTO</b> .....	70
<b>4.2.2.1 O modelo do TEMPO EM MOVIMENTO</b> .....	71
<b>4.2.2.2 O modelo do OBSERVADOR EM MOVIMENTO</b> .....	72
<b>4.2.3 O TEMPO É UM RECURSO</b> .....	74
<b>4.3 O tempo e o senso comum</b> .....	76
<b>5 METODOLOGIA</b> .....	78
<b>5.1 Paradigma interpretativista</b> .....	78
<b>5.2 A técnica introspectiva</b> .....	79

5.2.1 O pensar alto em grupo .....	81
5.3 A entrevista .....	83
5.3.1 A entrevista semi estruturada .....	85
5.4 Descrição do corpus .....	85
5.5 Contexto de pesquisa e a coleta de dados .....	86
5.6 Participantes da pesquisa .....	87
5.7 Metodologia de análise do corpus .....	88
5.8 MIV (Identificação da metáfora através do veículo).....	88
5.9 Análise crítica da metáfora .....	96
5.10 Cenários .....	99
<b>6 ANÁLISE: INVESTIGANDO METÁFORAS DE TEMPO NO DISCURSO</b> .....	102
6.1 Discurso midiático .....	103
6.1.1 Textos publicitários .....	103
6.1.2 Textos reflexivos .....	111
6.2 Discurso oral urbano .....	116
6.3 Discurso oral rural .....	130
6.4 Discussão dos resultados .....	149
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	155
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	159

## **APÊNDICES**

<b>Apêndice 1</b> .....	166
<b>Apêndice 2</b> .....	168
<b>Apêndice 3</b> .....	169
<b>Apêndice 4</b> .....	170
<b>Apêndice 5</b> .....	173

**RELAÇÃO DE TABELAS:**

**TABELA 1** – Domínios-fonte utilizados nas expressões lingüísticas metafóricas de TEMPO identificadas no discurso oral urbano ..... 116

**TABELA 2** – Domínios-fonte utilizados nas expressões lingüísticas metafóricas de TEMPO identificadas no discurso oral rural ..... 130

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Apresentação e justificativa

A presente pesquisa propõe-se a investigar, a partir do discurso feminino e do discurso voltado para a mulher adulta, as conceptualizações de tempo por mulheres brasileiras na faixa etária 48-58 anos, pertencentes a duas subculturas distintas. Como este estudo constitui o fruto de um processo de reflexão, inicialmente não teórico-metodologicamente informado, acredito ser necessário justificá-lo, o que passo, então, a fazer.

A motivação para esta pesquisa surgiu há, aproximadamente, quatro anos, quando completei 50 anos de idade. Esse fato, para minha surpresa, teve um certo impacto sobre mim. Sempre refleti sobre a noção de tempo e essa sempre se apresentou, para mim, como uma incógnita. Mas parece que, ao entrar na faixa dos 50, eu passei a pensar mais freqüente e intensamente sobre o assunto. Passei a pensar mais sobre o tempo que já vivi e sobre como normalmente *uso* o meu tempo, a prestar mais atenção nos *efeitos* do tempo sobre o meu corpo e também a tentar *administrar* melhor o tempo que *tenho* ou que penso *ter* pela frente; a impressão é de que o tempo *tem passado* mais rapidamente. Em outras palavras, o meu olhar diante do tempo mudou, passei a vê-lo e a problematizá-lo de forma diferente e, de um modo geral, a preocupar-me mais com ele. Entretanto, posso observar também

que essa preocupação com o tempo não é só minha, mas é comum a todas as minhas amigas na minha faixa etária. Seria então essa uma questão intrínseca à idade? Talvez fruto do medo de se estar chegando no início da *reta final*?

Esse meu novo olhar diante do tempo me levou a querer investigar o assunto mais sistematicamente e, por isso, passei a pesquisar e ler mais sobre o tema. Foi então que me dei conta de que a preocupação do ser humano com o tempo de vida e sua vontade e empenho em prolongá-lo são fenômenos que podem ser verificados em registros históricos, que remontam à antiguidade.

A busca da fonte da juventude, por exemplo, é algo que, desde a antiguidade, esteve presente na mente dos homens. Registros históricos nos informam que a lenda das águas que curam males ou rejuvenescem as pessoas que delas bebem ou se banham surgiu na Índia há milênios. Depois, mercadores fizeram-na atravessar continentes, oceanos e, através dos séculos, a lenda adquiriu variadas versões. E, ainda nos dias de hoje, continua fascinando o homem moderno (PEREIRA, 2002).

Existe um quadro famoso do pintor alemão, Lucas Cranach, o Velho, que a representou como uma piscina repleta de banhistas. Trata-se de uma grande piscina ladeada de degraus. À sua esquerda, pessoas idosas e doentes chegam em carroções e padiolas. Entram na água e então se dá o milagre do rejuvenescimento. Os sinais do tempo se perdem e elas voltam a ser jovens e sadias. Dessa forma, Cranach tocava num dos grandes mitos da humanidade, um tema sempre presente, que podemos encontrar tanto na mitologia suméria quanto na grega e na romana.

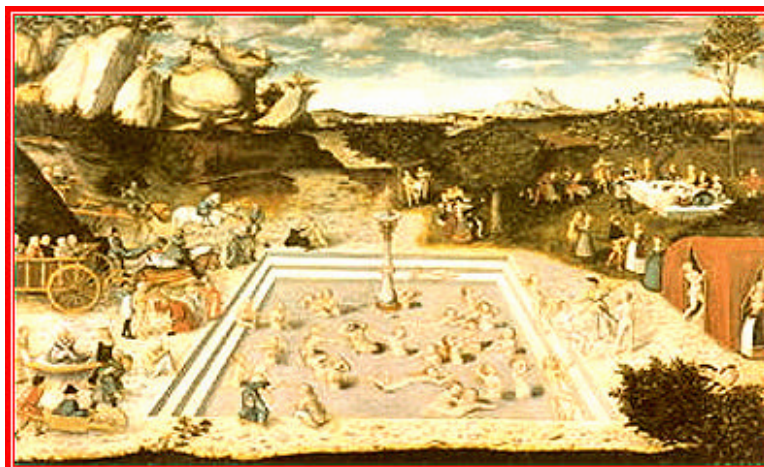


Figura 1. *A fonte do rejuvenescimento*. Lucas Cranach (1472-1553).

Na mais antiga obra literária conhecida, o famoso livro sumério *Gilgamesh*, datado do 3º milênio a.C., o herói, Gilgamesh, procura uma fonte milagrosa que promova a cura do corpo e o torne imortal. Pausânias, um geógrafo e historiador grego do 2º século d.C., misturando lenda e realidade, fala sobre a existência de uma fonte chamada Calatos, situada no Peloponeso, na qual a deusa Hera se banhava para parecer sempre jovem e bela a Zeus, seu marido.

A mitologia romana diz que Júpiter, o deus dos deuses, transformou a ninfa Juventa em uma fonte cuja água devolvia a mocidade; donde surgiu a palavra juventude. Mas Júpiter escondeu a fonte, e ninguém sabia onde ela ficava.

Alexandre, o Grande, procurou a fonte da juventude – na verdade, no seu caso, o rio da imortalidade – durante sua campanha na Índia.

Na literatura inglesa do século XIX, *O retrato de Dorian Gray*, do escritor Oscar Wilde, retrata um personagem disposto a qualquer ato, até mesmo vender sua própria alma, para que sua aparência continue jovem e bela.

Em suma, de um modo geral, a maioria dos povos sempre apelou para a fantasia quando procurava a fonte da juventude. Alguns pensaram encontrar a juventude em longínquas ilhas, outros em rios caudalosos e até mesmo em extratos especiais de testículos de cães. Dentro de uma perspectiva mais racional, a

longevidade é vista como dependente de uma rotina sem excessos e disciplinada. Mas parece que houve sempre, entre os homens, uma vontade de parar o tempo. Isso, pelo fato de o tempo ser o portador da morte (a "indesejada")<sup>1</sup> ou aquele que deixa suas marcas concretas no corpo: o envelhecimento.

Segundo Azevedo (1998), o envelhecimento – ação do tempo sobre o organismo – tem sido sim uma preocupação constante do homem em todos os tempos. Em nossa sociedade o homem rejeita o envelhecimento, não se conformando com a sua evidência. A assim chamada "terceira idade", como aponta o autor, desperta sentimentos negativos, como a piedade, o medo e o constrangimento.

De acordo com Silveira (2002), o envelhecimento, embora marcado por mudanças biológicas visíveis – mudanças essas que ocorrem com o tempo – é também cercado por determinantes sociais que tornam as concepções sobre velhice variáveis de cultura para cultura, de época para época. Desse modo, fica evidente, segundo a autora, a impossibilidade de pensarmos sobre o que significa ser velho, fora de um contexto histórico determinado. Sem dúvida, parece-me correto afirmarmos que uma das marcas da cultura contemporânea é a criação de etapas no interior da vida adulta ou no interior desse espaço de tempo que separa a juventude da velhice (ou da morte) como "meia-idade", "idade da loba", "idade madura", a "terceira idade", a "aposentadoria ativa". Seja como for, todas essas expressões têm pelo menos duas razões de ser: uma delas é o mercado de consumo para cada uma das etapas, a outra é a tentativa de quebrar preconceitos.

---

<sup>1</sup> Denominação dada à morte pelo jornalista Rodrigo Fonseca em um artigo publicado no jornal *O Globo* (5/11/2005), intitulado *O xeque-mate da indesejada*. Segundo Fonseca, a morte ("o fim do nosso tempo de vida") é um tema eterno, presente em todas as culturas. Ela é democrática, pois apesar de terrível, é universal, niveladora, indiferente a monarcas e camponeses, santos e assassinos. Mesmo assim, é "a indesejada das gentes". Essa denominação também foi dada à morte por Manuel Bandeira, em 1953, quando esse escreveu o poema *Consoada*, que assim começa: "*Quando a indesejada das gentes chegar/ (Não sei se dura ou corável), / Talvez eu tenha medo./ Talvez sorria ou diga: Alô, iniludível! / O meu dia foi bom, pode a noite descer. / (A noite com os seus sortilégios.)/ Encontrará lavrado o campo, a casa limpa, / A mesa posta, / Cada coisa em seu lugar.*"



Se formos pensar a partir de uma perspectiva histórica, comprovaremos a visão de Silveira (2002) de que o significado de "velho" e sua conseqüente problematização muda com o tempo. Muito provavelmente, esse fato se dá devido à alteração da expectativa de vida das pessoas e à melhoria da qualidade de vida do idoso, pelo menos na população de classe média.

Uma moça de 16 anos é retratada como "solteirona idosa" em um romance de Bernard Cornwell – *The last kingdom* – passado no século IX, onde hoje é a Inglaterra. Um grande número de romances escritos no século XIX (*A Moreninha* de Joaquim Manoel de Macedo; *Senhora* e *A Viúvina* de José de Alencar, entre outros) têm como protagonistas mulheres jovens, algumas ainda adolescentes e outras recém saídas da adolescência. O que essas histórias têm em comum é a faixa etária (final da adolescência) apontada como idade ideal para que as moças se casassem, pois passada essa época elas já seriam consideradas "maduras". A minha avó, que se casou aos 18 anos em 1910, sempre nos contava que, antes de conhecer o meu avô, sua grande preocupação era com "a idade que já estava chegando" e com o fato de ela ainda não ter se casado.

A partir das décadas de 60 e 70, parece ter início um processo de valorização de faixas etárias antes estigmatizadas por estarem distantes da juventude: as chamadas balzaquianas – mulheres "maduras" na faixa dos 30 anos – ganharam evidência nessas décadas, sobretudo na mídia. O étimo para esse vocábulo foi fornecido pelo escritor francês Honoré de Balzac, a partir de um de seus romances, intitulado *A mulher de trinta anos*, no qual delineou o perfil de uma figura feminina que soube caracterizar num misto de sedução e madureza.

A "idade da loba", a mulher de 40, foi tematizada e valorizada na década de 90 no Brasil. Há inclusive um livro de autoria de Regina Lemos, intitulado *Quarenta – A idade da Loba*, publicado naquela década. Essa obra consiste em uma coletânea de depoimentos de 97 mulheres de todo o país, que viveram sua juventude nos rebeldes anos 60, mudando padrões de comportamento e que revelam à autora como elas estavam encarando as transformações físicas e emocionais da "meia-idade".

Recentemente, venho observando que o foco atual é a mulher de 50. Vale lembrar que uma novela de grande audiência, veiculada pela rede Globo, no início de 2005 – *Senhora do Destino* – tinha como protagonista (a personagem Maria do Carmo, interpretada pela atriz Suzana Vieira) uma mulher madura, na faixa dos 50 anos. Em meados de 2006, o autor Manoel Carlos escreveu um outro folhetim de grande audiência – *Páginas da Vida* – que tinha como uma das personagens principais (a personagem Helena, interpretada pela atriz Regina Duarte) uma médica bem sucedida na faixa dos 50 anos. A última novela veiculada no horário nobre pela rede Globo (*Dois Caras*) apresentava várias personagens femininas de destaque na faixa dos 50 anos – as personagens interpretadas pelas atrizes Marília Pêra, Suzana Vieira, Renata Sorrah e Marília Gabriela.

A mulher de 50 ainda não é designada por um termo específico, mas é freqüentemente lembrada e tematizada na mídia com reportagens que versam sobre "a vida aos 50". Tais artigos parecem nos querer lembrar que os 50 anos constituem um marco importante em nossas vidas e que chegou a hora de fazermos um balanço do tempo que já vivemos, e de planejarmos, da melhor maneira possível, o tempo que ainda temos.

A revista *Veja* publicou há algum tempo (31/08/2005) uma edição especial sobre "a melhor idade", cuja reportagem de capa foi intitulada *A vida depois dos 50*. Nesse artigo, o autor escreve sobre "alguns dos profissionais mais respeitados do país entre 52 e 88 anos de idade, que falam sobre o que é envelhecer e de seus planos para o futuro". Ou seja, os 50 anos parecem ser mesmo vistos como o início do envelhecimento e o momento propício para planejar essa fase da vida. Os depoimentos dos profissionais entrevistados nos apresentam algumas visões reveladoras sobre essa faixa de idade. Uma das entrevistadas, de 53 anos, ao ser perguntada sobre a vida depois dos 50, respondeu que "Fazer 50 não foi marcante. É só um número. Mas sinto falta da energia dos 20". Uma outra profissional, de 55 anos, respondeu: "Tenho muitas alegrias no âmbito pessoal e profissional, mas conflitos diante das perdas físicas e frustrações".

Nesse artigo, de um modo geral, as mulheres na faixa dos 50 anos mostram-se satisfeitas quanto à experiência acumulada ao longo dos anos e, de certa forma, valorizam a idade, atribuindo-lhe maturidade, cometimento, maior tolerância e segurança para realizar projetos profissionais e lidar com problemas em geral. Por outro lado, assim como as profissionais citadas acima, outras também se mostram incomodadas com a falta de energia típica da juventude e com perdas físicas – ambas marcas do efeito do tempo sobre o organismo.

Entretanto, dos homens na faixa dos 50 anos que prestaram depoimento sobre a idade, apenas um deles revelou "ter largado o cigarro deliberadamente com o intuito de se cuidar mais". Os outros depoimentos são curiosos, uma vez que três dos entrevistados declararam que os 50 anos lhes trouxeram jovialidade: "...tive mais dois filhos, que me trouxeram uma jovialidade extraordinária"; "Trouxe-me rejuvenescimento. Fui pai de um casal de gêmeos no ano passado"; e "Passei tão animado e jovem pelos 50 que me casei de novo". Será que o homem se sente mais jovem do que a mulher pelo fato de ainda se encontrar em fase reprodutiva? Ou ele faz questão de reproduzir nessa idade para se afirmar como jovem? De qualquer forma, a maior parte das mulheres na faixa dos 50 não é mais capaz de reproduzir, fato que as torna diferentes das mulheres jovens e dos homens na mesma faixa etária que elas.

Nessa reportagem, os depoimentos das mulheres na faixa dos 50 apontam para uma tentativa de valorizar a idade que normalmente é desvalorizada (enaltecendo a experiência acumulada ao longo dos tempos) e para uma preocupação com limitações físicas – que realmente existem – que podem interferir na vida das pessoas.

Por outro lado, uma grande quantidade de artigos publicados, principalmente em revistas voltadas para o público feminino adulto de classe média, assim como as propagandas veiculadas pelo mesmo tipo de publicação, evidenciam uma preocupação excessiva com rugas e "marcas de expressão". Vale observar que, esse tipo de efeito do tempo sobre nosso corpo não interfere no nosso cotidiano, ao

contrário das limitações físicas. Atribuo essa preocupação à valorização da juventude, do corpo jovem e ao preconceito contra a velhice (conseqüência inevitável do tempo que não pára). E, curiosamente, essa preocupação parece estar muito mais vinculada ao universo feminino do que ao masculino. Pelo menos é o que retrata a mídia. A maior parte dos textos publicitários encontrados na mídia voltada para a mulher madura são anúncios de cosméticos ou clínicas de rejuvenescimento que prometem *apagar os efeitos maléficos* causados no nosso corpo pelo tempo.

Por outro lado, revistas masculinas tais como *Estampa* (revista publicada pelo *Valor Econômico*, um jornal lido principalmente por homens de classe média) e *Quatro Rodas* (outra revista dirigida ao público masculino dessa mesma classe sócio-econômica), veiculam propagandas de canetas, celulares, bancos, cartões de crédito, companhias aéreas, vinhos e, às vezes, perfumes. As empresas de cosméticos, que investem em produtos antienvelhecimento, têm como principal público-alvo mulheres adultas. São muito poucas as que produzem e divulgam produtos rejuvenescedores voltados para os homens.

Dito isto, é importante lembrar que, como aponta Sarup (1996), várias teorias nos informam que a nossa identidade é determinada por fatores externos a nós. De acordo com essas teorias, as instituições possuem um papel crucial na determinação da identidade: a família, a escola, o local de trabalho e, cada vez mais ativamente, a mídia. E, segundo Bakhurst e Sypnowich,

Somos seres situados em um ambiente cultural, em comunidade com outros tais seres. Somos seres pensantes, mas nossos pensamentos são nutridos e sustentados por este ambiente cultural e seu caráter deriva dele. (BAKHURST & SYPNOWICH, 1995:5)

Assim sendo, dentro dessa perspectiva, entendo que, se nossa identidade é influenciada pela sociedade e pela cultura, da mesma forma o são nossas crenças, valores e angústias. Desse modo, a cultura e a sociedade em que vivemos –

incluindo as instituições sociais, como a mídia, que, a todo o momento, aponta para os efeitos do tempo sobre o nosso corpo – seriam, em grande parte, responsáveis pela nossa preocupação em relação ao tempo e sua ação.

Tenho observado, entretanto, que o tempo não é problematizado apenas como agente de envelhecimento. Ele também pode ser visto como um *bem precioso e escasso*. Percebo, freqüentemente, no discurso cotidiano de mulheres de classe média na minha faixa etária, a presença de falas como: "não *tenho* tempo para nada", "não posso *perder* tempo", "meu tempo é *precioso*", "há uma *total falta* de tempo", "assim posso *ganhar* tempo", "preciso rever *o uso* do meu tempo", "essa atividade *consome* muito tempo", "hoje não consegui fazer nada, só *perdi* tempo", "o tempo me parece *faltar* cada vez mais nesses dias agitados". A preocupação com o "recurso escasso tempo" na sociedade urbana contemporânea é tal que alguns livros contendo conselhos sobre como administrar esse recurso já foram publicados. Um exemplo desse tipo de publicação é o livro *Reengenharia do tempo*, de Rosiska Darcy de Oliveira, que aponta como principal causa da escassez do tempo para a mulher contemporânea o fato de ela, além de ter ingressado no mercado de trabalho, continuar sendo a única ou principal responsável pelas tarefas domésticas e criação dos filhos. Outras publicações desse gênero são: *Você, dona do seu tempo*, de C. Barbosa (especialista em produtividade pessoal e empresarial), que trata de temas como "mais tempo para o trabalho, a família, a casa e o relacionamento"; *Gerenciamento de Tempo*, de Melissa Raffoni; e *Sem tempo para nada: Vencendo a epidemia da falta de tempo*, de Edward M. Hallowell.

Um outro fato que reflete a preocupação da mulher com a escassez do tempo é a freqüência com que recebo e-mails de amigas abordando esse assunto. Recentemente, uma amiga me enviou um resumo de um livreto escrito em 1992, intitulado *Administração do tempo* (MOURÃO, 1992). De acordo com esse resumo, *administrar o tempo* é uma questão de definir prioridades e decidir com o que você vai *usar* o seu tempo, se é com o que é importante ou o que é urgente. Segundo o autor, *não somos donos de todo o nosso tempo*. Quando aceitamos um emprego, por

exemplo, estamos nos comprometendo a *ceder* a outrem o *nosso tempo*. Ele prossegue dizendo que há os que afirmam, hoje, que *o recurso mais escasso na nossa sociedade* não é o dinheiro, não são matérias primas, não é energia, não é nem mesmo inteligência: *é o tempo*. Mas *tempo se ganha*, deixando de fazer coisas que não são nem importantes nem urgentes. O autor conclui dizendo que “quando nosso tempo *termina*, acaba nossa vida. Não há maneira de *obter mais*. Por isso, tempo é vida. Quem administra o tempo ganha vida, mesmo vivendo o mesmo tempo” (MOURÃO, 1992).

Em suma, a princípio, essa escassez e busca de tempo, estariam vinculadas apenas ao universo masculino, uma vez que, até alguns anos atrás, o mercado de trabalho, com exceção de algumas poucas profissões, era ocupado quase que exclusivamente pelos homens. Isso, no que diz respeito à classe média. As mulheres desse estrato sócio-econômico normalmente se ocupavam dos afazeres domésticos e da família, enquanto seus maridos eram os únicos responsáveis pelo sustento da casa. Entretanto, com a entrada da mulher no mercado profissional, essa visão de tempo passou a fazer parte também do universo feminino. Até recentemente, esse tipo de publicação sobre *administração* do tempo, era escrito por homens e voltado para leitores do sexo masculino preocupados em maximizar o tempo de trabalho, pois o tempo, para esses profissionais, é fator primordial para medir e estabelecer a produtividade, força motriz da moderna noção de trabalho. No entanto, atualmente, há várias publicações desse tipo que foram escritas por e para mulheres, como é o caso dos livros de Oliveira, Barbosa e Raffoni mencionados acima. Constatamos, então, que a mulher madura, tendo entrado efetivamente no mercado de trabalho, sofre pressões do tempo no que diz respeito tanto à sua ação quanto à sua gestão.

Um artigo da jornalista Cássia Almeida publicado no jornal *O Globo* em 16/10/2005 vem confirmar essa constatação. No referido artigo, intitulado *A Desigualdade no Relógio*, a jornalista nos informa, com base em uma pesquisa realizada pela socióloga Neuma Aguiar, da Universidade Federal de Minas Gerais, que a carga de trabalho da mulher é de 5% a 62% maior que a do homem. O estudo

realizado pela socióloga registrou em minutos a "dupla jornada feminina". Segundo Almeida, "com um relógio na mão foi possível verificar a desigualdade que aflige a mulher brasileira". A pesquisadora constatou que, durante a semana, a jornada diária da mulher é de 502 minutos, 5% maior que a do homem, que trabalha 480 minutos. No fim de semana, a diferença dispara. Enquanto a carga masculina é de 201 minutos, a da mulher é de 326 – 62% maior. A pesquisa também mostrou que em qualquer comparação a diferença se mantém. Em casais com ou sem filhos, quem faz a maior parte do serviço doméstico é a mulher.

Assim sendo, uma primeira reflexão mais atenta sobre a questão com que vinha me deparando – o tempo – levou-me a identificar duas dimensões principais que parecem canalizar a preocupação das mulheres da minha faixa etária e classe social com o tempo. Por um lado, o tempo preocupa pelos seus efeitos no corpo, sob a forma do que é visto como envelhecimento. Por outro, o tempo é uma variável escassa que precisa ser bem administrada para que possamos desempenhar nossas funções domésticas e profissionais. E, em última instância, o tempo relaciona-se com a vida e seu oposto: é ele que nos leva à morte.

Se observarmos atentamente essas duas visões, perceberemos que elas podem ser agrupadas em duas conceituações de tempo. A primeira seria uma visão de *tempo como inimigo*, que age negativamente sobre o corpo da mulher madura e, conseqüentemente, deve ser combatido. A segunda seria uma visão de *tempo como recurso/bem escasso e necessário*, o qual devemos administrar, gerir, economizar e investir para que ele renda mais. Ou seja, nos dois casos a nossa visão do tempo parece ser metaforicamente construída.

Assim, para investigarmos mais aprofundadamente a visão de tempo de mulheres maduras, questão que se torna aqui objeto de investigação de uma pesquisa de doutoramento, faz-se necessário compreendermos justamente essa dimensão metafórica do tempo. Desse modo, a seguir, discutirei, brevemente, a visão contemporânea da metáfora, para que os objetivos específicos desta pesquisa, que serão apresentados na próxima seção, fiquem mais claros.

Uma rápida pesquisa na literatura sobre essa questão (Metáfora e Tempo) nos leva à visão de metáfora introduzida formalmente por Lakoff & Johnson em sua obra seminal *Metaphors we live by* (1980/2002). Essa visão desenvolveu-se no que hoje é conhecido como "teoria da metáfora conceptual", que aborda a metáfora sob uma nova ótica que se tornou conhecida como uma "visão lingüístico-cognitiva" (KOVECSES, 2002: VII), mudando o status da metáfora de uma simples figura de retórica para o de uma operação cognitiva fundamental (ZANOTTO et al., 2002).

Ou seja, o "locus" da metáfora, segundo Lakoff e Johnson (1980/2002), não é a linguagem, mas sim o pensamento. A metáfora é parte indispensável da nossa maneira convencional e comum de conceptualizar o mundo, e nosso comportamento cotidiano reflete nossa compreensão metafórica da experiência. Nesse processo, conceitos abstratos presentes no nosso cotidiano, tais como tempo, estados, mudanças, causa, e propósito também se mostram metafóricos.

Como a idéia abstrata de tempo ocupa uma posição central em nossas vidas, como pudemos observar no relato feito até agora, ela é conceptualizada de várias maneiras diferentes, uma vez que temos várias experiências diferentes de tempo. E segundo a teoria da metáfora conceptual (LAKOFF & JOHNSON, 1980/2002), essas diferentes conceptualizações consistem em mapeamentos metafóricos baseados em domínios concretos que experienciamos em nossa cultura ou subcultura. Ou seja, a cultura também tem um papel importante nas representações metafóricas de tempo, assim como de vários outros conceitos abstratos.

Em outras palavras, de acordo com a visão lingüístico-cognitiva da metáfora, nós compreendemos conceitos abstratos (por exemplo: tempo, amor, vida) por meio de mapeamentos metafóricos de domínios-fonte baseados em experiências físicas ou sociais que ocorrem dentro de uma determinada cultura ou subcultura. Ou seja, para conceptualizar tais domínios abstratos nós os relacionamos a conceitos concretos com os quais temos uma experiência mais direta. Isso é feito através de um mapeamento entre domínios, estabelecendo conexões entre os elementos de um domínio conceitual mais abstrato, o domínio-alvo, e os elementos correspondentes



de um domínio mais concreto, o domínio-fonte. Assim sendo, o domínio-alvo é o domínio que nós tentamos compreender através do uso do domínio-fonte (LAKOFF & JOHNSON,1980/2002; LAKOFF, 1993; KOVECSES, 2002).

Esse mapeamento trans-domínio é revelado na linguagem utilizada pelas pessoas ao falarem sobre o conceito abstrato. Ou seja, expressões lingüísticas metafóricas (palavras ou expressões lingüísticas provenientes de um domínio conceitual mais concreto) podem indicar o mapeamento metafórico subjacente, uma vez que a metáfora conceptual não ocorre na linguagem explicitamente, mas subjaz, conceitualmente, a expressões metafóricas explícitas (LAKOFF & JOHNSON,1980/2002; LAKOFF, 1993; KOVECSES, 2002). Utilizarei, como exemplo, minhas próprias palavras usadas para falar sobre tempo no início desta apresentação: "tentar *administrar* melhor o tempo que *tenho* ou que penso *ter* pela frente". O fato de eu ter usado palavras como *administrar* e *ter* (expressões lingüísticas metafóricas) indica que a minha compreensão de tempo é em termos de um conceito mais concreto – um recurso. Daí a metáfora conceptual TEMPO É UM BEM DE CONSUMO.

Do mesmo modo, o uso de marcas lingüísticas tais como “*uma nova arma contra o envelhecimento*”, “*XXX ajuda a combater os efeitos do tempo*” e “*é preciso deter a ação do tempo*” (marcas lingüísticas encontradas em propagandas de cosméticos para mulheres adultas) nos levam a acreditar que a metáfora conceptual subjacente seria O TEMPO É UM INIMIGO (A SER VENCIDO).

A abordagem teórica em questão, como apontam Lakoff & Johnson (1980/2002), advoga a idéia de que os conceitos que governam nosso pensamento, também governam nossa atividade cotidiana. Eles influenciam como nós percebemos o mundo, e até mesmo o que nós percebemos, a maneira como nos comportamos e o modo como nos relacionamos com outras pessoas. Devo admitir que o conhecimento desse fato contribuiu bastante para a minha decisão de investigar o conceito de tempo para mulheres na minha faixa etária. Pois, assim como Kövecses (2002), acredito que tentar compreender que metáforas conceptuais

de tempo as pessoas possuem significa tentar entender uma parte vital de quem nós somos e em que tipo de mundo vivemos. Também entendo que esta investigação pode me ajudar a compreender como as metáforas conceituais de tempo influenciam a vida das mulheres ou, o contrário, como a vida das mulheres influencia suas conceptualizações de tempo.

Assim sendo, por uma hipótese ainda não teoricamente informada e com base na abordagem lingüístico-cognitiva da metáfora, que sugere que os nossos conceitos são influenciados pelas dimensões sociais e culturais, acredito que a visão de tempo que compartilho com outras mulheres na minha faixa etária e habitantes de zona urbana não é, necessariamente, a mesma de mulheres membros de uma outra subcultura. Investigar essa hipótese é um dos objetivos do presente estudo.

## **1.2 Objetivos**

A questão central desta pesquisa é investigar como mulheres na minha faixa etária conceptualizam o tempo e se essa conceptualização dialoga com as conceptualizações de tempo que podem ser inferidas no discurso midiático voltado para essas mulheres. A hipótese levantada acima, de que a visão de tempo compartilhada por mulheres de subculturas diferentes pode não ser a mesma, também constitui objeto de investigação deste estudo. Portanto, tendo como suporte epistemológico a teoria da metáfora conceptual, as perguntas que norteiam a minha pesquisa são:

**1. Que metáforas conceituais sobre o tempo fundamentam o discurso midiático voltado para mulheres brasileiras adultas de classe média?**

**2. Que metáforas conceptuais sobre o tempo subjazem ao discurso de mulheres brasileiras, de classe média, na faixa etária de 50 anos? Como essas metáforas se articulam às metáforas inferidas e m "1"?**

**3. Haveria diferença entre as metáforas conceptuais e/ou suas marcas lingüísticas no discurso de mulheres de diferentes subculturas – mulheres habitantes de zona urbana e mulheres habitantes de zona rural?**

### **1.3 Organização do estudo**

Este trabalho se divide em sete capítulos, que abrangem o corpo teórico assim como a metodologia utilizada na investigação, a metodologia de análise, a análise propriamente dita e a discussão dos resultados.

No capítulo dois, traço uma comparação entre as visões da metáfora tradicional e da metáfora conceptual. Nesse mesmo capítulo também discuto a relação entre metáfora e cultura dentro da abordagem da metáfora conceptual. Ou seja, qual seria o papel da cultura no desenvolvimento de conceitos metafóricos.

No terceiro capítulo, discuto o conceito de metonímia à luz da teoria cognitiva.

O quarto capítulo versa sobre as diversas conceituações de tempo. Inicialmente, abordo o tema sob uma perspectiva filosófica, introduzindo visões de tempo segundo Santo Agostinho, Aristóteles, Kant e outros filósofos. A seguir, apresento uma revisão das metáforas conceptuais de tempo encontradas na literatura. Por fim, discuto algumas metáforas de tempo, informadas pelo senso comum, encontradas na mídia voltada para mulheres brasileiras adultas de classe média.

O quinto capítulo trata do contexto de pesquisa e da metodologia utilizada na presente investigação. Assim, apresento uma breve discussão sobre o paradigma interpretativista de pesquisa e, dentro desse, discuto o evento social de leitura e a

entrevista, instrumentos de coleta de dados utilizados neste estudo. Uma descrição resumida dos sujeitos de pesquisa também é apresentada nesse capítulo, assim como os contextos de coleta de dados. O capítulo cinco também versa sobre a metodologia de análise do corpus, portanto, discuto três metodologias desenvolvidas para pesquisar metáfora em discursos produzidos em situações reais de uso da língua e suas respectivas unidades de análise.

O capítulo seis apresenta a análise dos dados, ou seja, uma discussão das metáforas de tempo (marcas lingüísticas e suas metáforas conceptuais subjacentes) identificadas no discurso midiático e nas transcrições das falas resultantes dos eventos sociais de leitura e das entrevistas. Ainda no capítulo seis, discuto os resultados da análise, procurando estabelecer uma articulação entre as constatações feitas a partir da análise dos três diferentes tipos de discurso que compõem o corpus.

No capítulo sete, intitulado Considerações Finais, sumário e re-discuto as constatações feitas durante a investigação, agora, tendo em vista as possíveis projeções que podem advir deste trabalho.

Os apêndices reproduzem o material utilizado por parte dos participantes para a realização dos eventos sociais de leitura e apresentam amostras do processo de análise do corpus.

## **2 METÁFORA: DA TRADIÇÃO À VISÃO CONTEMPORÂNEA**

Neste capítulo abordarei, inicialmente, a visão tradicional de metáfora iniciada com Aristóteles há 2400 anos. A seguir, discuto a teoria contemporânea da metáfora conceptual. Na terceira subseção, apresento os diferentes tipos de metáfora dentro dessa visão contemporânea. Na última subseção exploro a relação entre metáfora e cultura, ilustrando-a com alguns exemplos de metáforas conceptuais presentes em nosso cotidiano.

### **2.1 A metáfora na visão tradicional**

O conceito tradicional de metáfora tem origem no século IV a.C., na tradição retórica iniciada com Aristóteles. A metáfora, como todas as outras figuras de linguagem, seria um recurso lingüístico com motivação fundamentalmente poética ou retórica; em outras palavras, um ornamento lingüístico. A partir do uso de um determinado tropo, um sentido literal seria "desviado" através de palavras, imagens, frases ou expressões para que um determinado significado fosse alcançado. A metáfora seria, então, considerada uma linguagem própria de linguagens especiais, como a poética e a persuasiva e, ainda de acordo com a visão aristotélica, o uso da metáfora seria indesejável no discurso científico, que deveria se utilizar da

linguagem literal, considerada, então, clara, precisa e determinada. Nessa visão, portanto, a ciência se faria com a razão e o literal, enquanto a poesia se faria com a imaginação e a metáfora (ZANOTTO et al., 2002).

Para explicar melhor essa questão, me parece adequada uma breve discussão da idéia aristotélica de sentido literal, idéia essa advinda de sua teoria do conhecimento. Como apontam Lakoff e Johnson (1999), segundo a perspectiva epistemológica de Aristóteles, o nosso conhecimento é resultado da nossa capacidade de apreendermos a essência das coisas como elas realmente existem no mundo. Assim sendo, nossas idéias não apenas correspondem às coisas no mundo, mas elas realmente são as essências das coisas no mundo. Em outras palavras, as idéias são aspectos do mundo físico. E para que possamos expressar e comunicar essas idéias, precisamos lançar mão de uma linguagem convencional cujas expressões lingüísticas designem, de maneira correta e adequada, as idéias. Ou seja, deve haver uma correspondência perfeita entre as expressões lingüísticas e as idéias por elas expressas. Isso nos leva, segundo Lakoff e Johnson (ibid.), à teoria aristotélica do sentido literal: "Cada termo designa corretamente pelo menos uma (e talvez mais de uma) idéia, a qual, por sua vez, consiste em uma forma que caracteriza uma essência no mundo" (LAKOFF & JOHNSON, 1999:382).

Em suma, quando os termos lingüísticos são utilizados para designar o que eles devem, convencionalmente, designar, o sentido é literal. E na visão de Aristóteles, o conhecimento científico não pode ser comunicado se os termos não são utilizados em seu sentido literal.

Passo agora a discutir a visão aristotélica de metáfora, visão essa que, segundo vários autores (FILIPAK, 1983; RICOEUR, 1994, LAKOFF E JOHNSON, 1999) perdura há aproximadamente 2500 anos.

Como aponta Filipak (1983), após Aristóteles, vários estudiosos (Konrad, Bühler, Guiraud, Fontanier, Cohen, Richards, Black, Beardsley, entre outros) desenvolveram inúmeros postulados, proposições e teorias sobre a metáfora. Entretanto, esses demais enfoques vêm apenas esclarecer, explicitar, reanimar e

complementar a visão de metáfora de Aristóteles, que constitui a grande novidade metafórica. Foi Aristóteles, segundo Ricoeur (1994), que, na verdade, definiu a metáfora para toda a história subsequente do pensamento ocidental, fundamentado em uma semântica que toma a palavra, ou o nome, como sua unidade básica. Ou seja, a metáfora consiste em um dos procedimentos da *léxis* (a expressão). E sua análise se situa no ponto de encontro entre duas disciplinas – a retórica e a poética – com dois objetivos distintos: a persuasão no discurso oral, a *retórica*; e a *mimésis* (imitação) da ação humana na *poética* trágica.

*METAPHORÁ* (METÁFORA), em grego, *meta* = trans + *pherein* = levar, é uma mudança, transposição; mudança de sentido próprio para figurado. Aristóteles, na *Poética*, define a metáfora tanto para a retórica quanto para a poética da seguinte maneira:

A metáfora consiste em dar a uma coisa um nome que pertence a uma outra; tal transferência pode ser do gênero para a espécie, da espécie para o gênero, da espécie para a espécie e, por fim, pela relação de analogia (RICOEUR, 1994:13).

Aristóteles tomou a semelhança como base geral para o uso metafórico da linguagem. Para ele, a razão primária para se usar o nome de uma coisa para designar um outro tipo de coisa é simplesmente estabelecer alguma semelhança entre as duas coisas. Entretanto, sob o rótulo de metáfora, o filósofo grego designa toda a sorte de transposições, tanto as que se inspiram nas relações de similaridade quanto nas de contigüidade. (FILIPAK, 1983, RICOEUR, 1994).

Em outras palavras, para Aristóteles, a metáfora é uma epífora, ou seja, uma espécie de deslocamento, transferência, movimento de ... até ... Esse cruzamento de espécies fundamentado no conceito aristotélico se processa da seguinte maneira:

1. Transferência do gênero para a espécie: toma parte pelo todo, particular pelo geral, menos pelo mais. Exemplos: Vela por barco, teto por casa. (sinédoque particularizante)

2. Transferência da espécie para o gênero: vai do particular para o geral, da parte para o todo, do menos para o mais. Exemplo: Tomar mortais por homens. (Sinédoque generalizante)

3. Transferência de espécie para espécie: consiste em uma transnomação de objetos ou passagem de um nome para outro; um objeto é designado por outro que tem com o primeiro uma relação de causa e efeito, de continente e conteúdo e de produtor e produto. Exemplo: Tomar uma San Pellegrino. (Metonímia)

4. Uma transposição, uma substituição de um nome pelo outro, cujas bases se estribam nas relações de similaridade. É a metáfora que se apóia na analogia. Exemplo: A tarde é a velhice do dia, a velhice é a tarde da vida. (Metáfora analógica) (FILIPAK,1983).

Em suma, a metáfora, ao dar à coisa um nome que pertence à outra, vale-se do desvio, da substituição. Ela se define em termos de epífora entendida como deslocamento. Esse deslocamento, em Aristóteles, aplica-se também à metonímia e às sinédoques, como visto acima. A metáfora, para Aristóteles, é lingüística. Um mero uso desviante de palavras para se atingir um determinado efeito.

Como conseqüência dessa visão tradicional, até recentemente, a metáfora era vista pela maioria dos lingüistas, filósofos e outros pesquisadores da linguagem como uma singularidade lingüística, posicionada fora do espectro de interesse desses estudiosos. Estudos metafóricos eram considerados como sendo da alçada de críticos literários ou estudiosos da retórica e não eram vistos como merecedores de atenção por parte dos lingüistas.

## **2.2 A visão contemporânea da metáfora**

Os dois vetores fundamentais da visão tradicional de metáfora seriam, como visto acima, a teoria da comparação e a teoria da substituição. De acordo com a



teoria da comparação, a semelhança constitui a base para o uso metafórico da linguagem e, nessa perspectiva, uma expressão metafórica pode ser substituída por uma comparação literal equivalente (BLACK, 1962). Ou seja, a razão para se usar um termo para designar um outro tipo de coisa é estabelecer uma semelhança entre as duas coisas. E segundo a teoria da substituição, a metáfora constituiria um uso desviante de palavras, um deslocamento ou substituição de um termo por outro com a intenção de se atingir um determinado efeito retórico ou poético. Esse deslocamento se daria em um contexto tal que permitisse a detecção da expressão substituída e sua transformação na expressão literal que a metáfora veio substituir. Em outras palavras, essa visão trata a expressão metafórica como um substituto para uma outra expressão literal que expressaria o mesmo significado, caso tivesse sido utilizada (BLACK, 1962).

Black (ibid.) veio criticar essas duas visões a favor do que ele denominou *Teoria Interacional da Metáfora*. De acordo com essa nova abordagem, tanto a fonte quanto o alvo da metáfora interagem para produzir uma nova visão de mundo. Desse modo, uma metáfora produtiva gera novo conhecimento e não pode ser considerada semanticamente equivalente a nenhum conjunto de expressões literais co-existentes.

A verdadeira virada paradigmática, no entanto, como apontam vários autores (STEEN, 1994; KÖVECSES, 2002; BROWN, 2003), ocorreu, no final da década de 70, por meio de diversas publicações (ORTONY, 1979; REDDY, 1979; LAKOFF & JOHNSON, 1980/2002), que levaram ao que pode ser chamada de *virada cognitiva*, que trouxe pelo menos três conseqüências significativas para a metáfora (STEEN, 1994), que deixou de:

- a) ser um desvio de linguagem ou algo a ser evitado na linguagem;
- b) ter contornos claros e definidos; e seu estudo passou da metáfora como expressão meramente lingüística para a metáfora como fenômeno de cognição;
- c) ter um papel ornamental dentro da linguagem, passando a desempenhar um papel central.

Na verdade, essa nova perspectiva, que veio desafiar os aspectos mais importantes de uma teoria tradicional milenar, foi formalizada e sistematizada por George Lakoff e Mark Johnson em, segundo Kövecses (2002), sua obra seminal - "*Metaphors we live by*" - publicada em 1980. Lakoff e Johnson vêem a metáfora sob uma nova ótica, que se tornou conhecida como uma "visão lingüístico-cognitiva" (KOVECSES, 2002: VII), mudando seu status de uma simples figura de retórica para o de uma operação cognitiva fundamental (ZANOTTO et al., 2002). Na concepção daqueles dois estudiosos, a metáfora não é simplesmente uma questão de palavras ou expressões lingüísticas, como em Aristóteles, mas sim uma questão de pensamento, de compreender um conceito em termos de outro. Assim sendo, não se trata mais de um dispositivo de criação literária, ou manipulação retórica, mas um instrumento cognitivo valioso sem o qual nem poetas, retóricos ou pessoas comuns, poderiam construir e comunicar significados.

Segundo Lakoff e Johnson (1980/2002), a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não apenas na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Esse fato pode ser considerado evidência de que o nosso sistema conceptual, em termos do qual não só pensamos como também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza.

Entretanto, Lakoff (1993) atribui a Reddy a proeza de ter sido o primeiro a demonstrar que o locus da metáfora é o pensamento e que a metáfora constitui parte indispensável da nossa maneira convencional de conceptualizar o mundo, e que o nosso comportamento cotidiano reflete essa nossa compreensão metafórica da experiência.

Como aponta Lakoff (1993), o artigo *The conduit Metaphor*, escrito por Reddy (1979), é tido como a introdução das idéias de que a metáfora é de natureza fundamentalmente conceptual, convencional e parte do sistema de pensamento e linguagem. Nesse trabalho, Reddy analisou enunciados e expressões que os falantes de língua inglesa usam para falar de comunicação, concluindo que esses podem ser

organizados a partir de quatro parâmetros que representam o arcabouço conceitual da metáfora do canal:

(1) a linguagem funciona como um canal, transferindo pensamentos corporeamente de uma pessoa para outra; (2) na fala e na escrita, as pessoas inserem seus pensamentos e sentimentos nas palavras; (3) as palavras realizam a transferência ao conter pensamentos e sentimentos e conduzi-los às outras pessoas; (4) ao ouvir e ler, as pessoas extraem das palavras os pensamentos e os sentimentos novamente. (REDDY 1979, p. 290)

Seguindo a trilha aberta por Reddy, segundo Zanotto et al. (2002), Lakoff e Johnson (1980/2002) deram um tratamento mais explícito à metáfora do canal ao descobrirem as metáforas conceptuais subjacentes às expressões linguísticas metafóricas. Esses dois autores mostram que os enunciados analisados por Reddy são manifestações linguísticas de metáforas conceptuais, quando eles apontam que:

Reddy observa que nossa linguagem sobre a linguagem é, grosso modo, estruturada pela seguinte metáfora complexa: IDÉIAS OU SENTIDOS SÃO OBJETOS, EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO RECIPIENTES, COMUNICAR É ENVIAR. (LAKOFF & JOHNSON, 2002: 54)

Dessa forma, Lakoff e Johnson (1980/2002) consideram a metáfora do canal como uma metáfora complexa, constituída por uma rede de metáforas conceptuais (geralmente representadas por maiúsculas), que se manifestam nos enunciados linguísticos, como nos exemplos a seguir:

A. A MENTE É UM RECIPIENTE

*Não consigo tirar essa música da minha cabeça  
Sua cabeça está recheada de idéias interessantes*

B. IDÉIAS (OU SENTIDOS) SÃO OBJETOS

*Quem te deu essa idéia?  
Você encontrará idéias melhores que essa nos livros.*

### C. COMUNICAR É ENVIAR OU TRANSFERIR A POSSE

*Vou tentar passar o que tenho em mente.*

*Ele me deu essa idéia.*

Lakoff e Johnson, segundo Zanotto et all. (2002), avançaram em relação a Reddy, pelo fato de, a partir daí, terem feito uma ampla análise de enunciados da linguagem cotidiana e terem mostrado, com base nessas análises, que a nossa linguagem cotidiana revela um imenso sistema conceptual metafórico, que rege também nosso pensamento e nossa ação. Ou seja, assim como a metáfora do canal não é simplesmente uma forma de falar sobre a comunicação, mas uma forma de pensar e agir quando nos comunicamos, as outras metáforas da linguagem cotidiana também influenciam nossa vida: são metáforas que vivenciamos cotidianamente.

Em outras palavras, nessa conceituação, a metáfora estaria situada no nível conceptual ou cognitivo, deixando de ser uma figura de linguagem – como é abordada na teoria aristotélica – para assumir o papel de uma figura de pensamento, um processo através do qual experiências são elaboradas cognitivamente a partir de outras já existentes no nível conceptual. Desse modo, segundo Vereza (1996), haveria uma superposição de um conceito já incorporado e lingüisticamente determinado a uma outra experiência a ser "mapeada" pelo pensamento e pela linguagem.

Poderíamos pensar nesse processo como a utilização de uma "forma de pastel" para se dar forma a uma massa disforme, sem limites, sem características próprias, sem uma linguagem e, conseqüentemente, sem acesso a redes conceptuais que viabilizariam a consciência (VEREZA, 1996: 166).

Para facilitar a compreensão desse tipo de mapeamento, Lakoff e Johnson (1980/2002) adotaram a nomenclatura **A é B**, na qual **A** é o domínio-alvo e **B** é o domínio-fonte, explicando as correspondências presentes no sistema conceptual da

metáfora<sup>2</sup>. Um de seus exemplos clássicos é DISCUSSÃO É GUERRA, sendo essa metáfora conceptual expressa através de expressões metafóricas lingüísticas, tais como "*Ele atacou cada ponto fraco da minha argumentação*", "*suas críticas acertaram o alvo*".

Assim, como esclarece Leme (2003), a metáfora conceptual se refere ao conjunto de correspondências existente entre os domínios-fonte e alvo, um mapeamento trans-domínio no sistema conceptual, como já foi dito. E, segundo Lakoff (1993), o termo *expressão metafórica* se refere à expressão lingüística (uma palavra, frase ou oração) que constitui a realização superficial do referido mapeamento trans-domínio. Logo, podemos dizer que a metáfora é o caminho que nos permite explicar ou compreender uma área menos conhecida de nossa experiência em termos de outra mais conhecida.

Kövecses (2002) realizou um estudo dos domínios-fonte e alvo mais comuns e listou os seguintes:

- Domínios-fonte mais comuns – entidades básicas tais como recipientes, substâncias e objetos; o corpo humano; saúde e doença; animais; plantas; construções; máquinas e ferramentas; jogos e esportes; dinheiro e transações econômicas; cozinha e alimento; calor e frio.
- Domínios-alvo mais comuns – emoções; desejo; moralidade; pensamento; sociedade/nação; política; economia; relações humanas; comunicação; tempo; vida e morte; religião; eventos e ações.

O mapeamento metafórico é firmemente estruturado. No caso da metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA, por exemplo, assim como em qualquer outra,

---

<sup>2</sup> Como observa Cameron (1999), as denominações “Tópico” e “Veículo”, atribuídas a Black (1979) e Perrine (1971), são utilizadas mais ou menos convencionalmente por vários pesquisadores como termos alternativos para “Fonte” e “Alvo”. Ou seja, se definirmos a metáfora como Burke (1945: 503, citado em Cameron, 1999:13) o faz, como “...um dispositivo que nos permite ver uma coisa em termos de outra coisa”, a primeira *coisa* é frequentemente denominada “Tópico” (às vezes “Tenor”), e “Veículo” é a denominação dada à *outra coisa*.

há correspondências ontológicas, de acordo com as quais entidades no domínio-alvo, da discussão (os interlocutores, seus objetivos, seus argumentos, dificuldades, motivos, etc.) correspondem sistematicamente a entidades no domínio-fonte, da guerra (os inimigos/adversários, a vitória, as estratégias, emboscadas, etc.).

Na metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, um conceito metafórico estrutura, pelo menos parcialmente, o que fazemos quando discutimos, assim como a maneira pela qual compreendemos o que fazemos. "A essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra" (LAKOFF & JOHNSON, 2002: 48). As discussões não são subespécies de guerra. Discussão e guerra são duas coisas diferentes – discurso verbal e conflito armado, respectivamente – e as ações correspondentes são igualmente diferentes. Mas discussão é parcialmente estruturada, compreendida, realizada e tratada em termos de guerra. Assim sendo, a metáfora não está presente apenas nas palavras que utilizamos para falar de discussão, ela se encontra presente no conceito de discussão. Ou seja, nós experienciamos a discussão como se fosse uma guerra. Desse modo, os enunciados que se seguem não são simples formas de dizer, mas formas de pensar e agir:

. *Seus argumentos são indefensáveis.*

. *Suas críticas foram direto ao alvo.*

. *Eu nunca o venci numa discussão.*

Além dessa característica estrutural da metáfora, isto é, a superposição de um determinado domínio conceptual sobre outro, uma outra característica é a legitimação. A legitimação é o processo necessário de convenção no qual o mapeamento tem que ser legitimado socialmente, isto é tornado convenção para poder fazer parte de "nossa maneira automática de compreender a experiência" (LAKOFF & JOHNSON, 1980/2002).

Como aponta Lakoff (1993), cada metáfora convencional, ou seja, cada mapeamento constitui um padrão fixo de correspondências trans-domínios. Em outras palavras, esses mapeamentos não devem ser considerados processos, mas devem ser vistos como padrões fixos de correspondências trans-domínios que

podem ou não ser aplicados à estrutura cognitiva do domínio-fonte ou a um item lexical do domínio-fonte. Assim, itens lexicais convencionais no domínio-fonte nem sempre são convencionais no domínio-alvo. Se um item lexical do domínio-fonte é utilizado pelo mapeamento, ele adquire um sentido estendido no domínio-alvo, sentido esse que é caracterizado pelo mapeamento. Se um item lexical do domínio-fonte não é utilizado pelo mapeamento, ele não irá adquirir um sentido convencional no domínio-alvo, mas ainda assim poderá ser mapeado, no caso de metáforas novas. Desse modo, o termo *arma branca* não é convencionalmente utilizado para discussão, mas a estrutura cognitiva associada a ele é mapeada pela metáfora DISCUSSÃO É GUERRA no caso de "*ele fez uso de uma arma branca para vencer a discussão*", o que nos leva a compreender a metáfora nova. Esse mapeamento adicional é devido ao nosso rico conhecimento a respeito do domínio-fonte e é denominado *desdobramento* (KÖVECSES, 2002: 94).

Uma terceira característica da metáfora conceptual, essa referente à sua origem, é o fato de os valores de uma cultura não serem independentes, mas de formarem com os conceitos metafóricos um sistema coerente. Um exemplo seria a expressão "quanto mais ele tem, melhor" que é coerente com as metáforas conceptuais MAIS ESTÁ NO ALTO e BOM ESTÁ NO ALTO. Assim, os valores culturais que existem em nossa sociedade são compatíveis com nosso sistema metafórico.

Uma das hipóteses decorrentes da concepção de metáfora em questão é o "Princípio da Invariância", segundo o qual Lakoff (1993: 215) observa que "os mapeamentos metafóricos preservam a topologia cognitiva do domínio-fonte de forma coerente com a estrutura inerente do domínio-alvo". Devemos entender esse princípio como aquele que limita as correspondências entre partes diferentes dos domínios-fonte e alvo. Ele garante, por exemplo, que em esquemas metafóricos de "caminhos", as partidas serão mapeadas sobre partidas, os objetivos sobre objetivos, as trajetórias sobre trajetórias, e assim por diante.

Além dessas metáforas exemplificadas até então, em que ocorre um mapeamento de um domínio conceptual sobre um outro domínio conceptual, no qual geralmente há vários conceitos no domínio-fonte mapeados sobre vários conceitos correspondentes no domínio-alvo, Lakoff (ibid.) apresenta uma outra categoria metafórica, a qual ele denominou *metáfora de imagem*. Nesse tipo de mapeamento o que ocorre é uma superposição de uma imagem mental sobre uma outra. Como no caso anteriormente visto, a metáfora de imagem também é conceptual; entretanto ela não se encontra nas palavras, mas nas imagens mentais do indivíduo. Se tomarmos o seguinte exemplo (uma frase de André Breton): "*minha esposa, cuja cintura é uma ampulheta*" (LAKOFF, 1993: 229), imediatamente ocorre a superposição da imagem de uma ampulheta sobre a imagem da cintura de uma mulher, em decorrência da forma semelhante entre as duas entidades. Nós possuímos a imagem mental de uma ampulheta e a de uma mulher, e nós mapeamos a parte central, estreitada da ampulheta sobre a cintura da mulher. Um outro exemplo seria a expressão *hot dog* (cachorro quente), derivada da forma semelhante entre a salsicha e o corpo do cachorro da raça *basset*. Ainda um outro exemplo de metáfora de imagem, esse proveniente da nossa cultura, seriam as expressões *corpo de maçã* e *corpo de pêra*, atribuídos a mulheres.

Lakoff (1993: 244-245) destaca que a Teoria Contemporânea da Metáfora é revolucionária, porque, em síntese, apresenta os seguintes aspectos básicos que a distinguem das teorias anteriores:

Quanto à natureza da metáfora:

- A metáfora é o principal mecanismo pelo qual compreendemos conceitos abstratos e raciocinamos abstratamente.
- Muitos assuntos, do mais comum à mais complexa teoria científica, somente podem ser compreendidos via metáfora.
- A metáfora é de natureza fundamentalmente conceptual e não lingüística.
- A linguagem metafórica é uma manifestação superficial do conceito metafórico.



- Embora grande parte do nosso sistema conceptual seja metafórica, uma parte significativa é não-metafórica. A compreensão metafórica é fundamentada na compreensão não metafórica.
- A metáfora nos permite compreender um assunto relativamente abstrato ou inerentemente desestruturado em termos de um mais concreto ou pelo menos mais altamente estruturado.

Quanto à estrutura da metáfora:

- As metáforas são mapeamentos entre domínios conceptuais.
- Tais mapeamentos são assimétricos e parciais.
- Cada mapeamento é um conjunto estabelecido de correspondências ontológicas entre entidades num domínio-fonte e entidades no domínio-alvo.
- Quando essas correspondências estabelecidas são ativadas, os mapeamentos podem projetar padrões de inferência do domínio-fonte para os padrões de inferência do domínio-alvo.
- Os mapeamentos metafóricos obedecem ao Princípio da Invariância: a estrutura esquema-imagem do domínio-fonte é projetada no domínio-alvo de modo que seja coerente com a estrutura inerente do domínio-alvo.
- Os mapeamentos não são arbitrários, mas embasados no corpo e nas experiências e conhecimentos cotidianos.
- O sistema conceptual contém milhares de mapeamentos metafóricos convencionais que formam um subsistema altamente estruturado do sistema conceptual.
- Há dois tipos de mapeamentos: os mapeamentos conceptuais e os de imagem; os dois obedecem ao Princípio da Invariância. (LAKOFF, 1993: 244-245)

### 2.3 Tipos de metáfora conceptual

Discutirei, nesta subseção, os três principais tipos de metáforas conceptuais, classificadas, segundo Kovecses (2002), com base em Lakoff e Johnson (1980/2002), quanto à sua função cognitiva. São elas: *metáforas estruturais*, *metáforas ontológicas* e *metáforas orientacionais*.

A metáfora conceptual abordada neste trabalho até o presente momento é o que chamamos *metáfora estrutural*. Ou seja, nesse tipo de metáfora, o domínio-fonte fornece uma estrutura cognitiva para o domínio-alvo (LAKOFF & JOHNSON, 1980/2002; KOVECSES, 2002). Em outras palavras, a função cognitiva dessas metáforas é permitir que as pessoas compreendam um alvo A por meio da estrutura de uma fonte B. Como visto em 2.2, essa compreensão ocorre devido a mapeamentos conceptuais entre elementos de A e elementos de B.

Já as metáforas ontológicas não propiciam uma estrutura cognitiva tão completa quanto as estruturais. Sua função é conceber status ontológico a conceitos-alvo abstratos. Desse modo, elas nos permitem compreender emoções, idéias, eventos, etc. como entidades (objetos e recipientes) e substâncias. Segundo Kovecses (2002), uma vez que o nosso conhecimento de objetos, substâncias e recipientes é limitado, nós não podemos usar essas categorias gerais para uma compreensão mais aprofundada dos domínios-alvo. Essa função fica a cargo das metáforas estruturais.

As metáforas orientacionais, por sua vez, são ainda menos estruturais do que as ontológicas. Sua função é "organizar um sistema de conceitos em relação a outro" (LAKOFF & JOHNSON, 2002: 59). Ou seja, as metáforas orientacionais são responsáveis pela coerência do nosso sistema conceptual. O termo coerência é empregado aqui no sentido de que geralmente conceptualizamos idéias abstratas alvo de maneira uniforme. Por exemplo, orientação *para cima* geralmente é combinada com avaliação *positiva*, enquanto que orientação *para baixo* é combinada com avaliação *negativa* (FELIZ É PARA CIMA/TRISTE É PARA BAIXO;

SAÚDE E VIDA SÃO PARA CIMA/DOENÇA E MORTE SÃO PARA BAIXO). A denominação *orientacional* é devido ao fato de a maioria dessas metáforas ter a ver com orientações espaciais tais como: para cima – para baixo, dentro – fora, frente – trás, fundo – raso, central – periférico (LAKOFF & JOHNSON, 1980/2002; KOVECSSES, 2002).

Como veremos mais adiante, a maior parte das metáforas do tempo são metáforas estruturais (TEMPO É UM RECURSO ESCASSO) ou personificações (TEMPO É INIMIGO), essa última constituindo um tipo especial de metáfora ontológica.

## **2.4 Metáfora e cultura**

Nesta subseção, discutirei a questão da cultura e sua relação com a visão contemporânea da metáfora, pois acredito ser essa de grande importância para as questões abordadas neste estudo.

Segundo Laraia (2003), Ruth Benedict escreveu em seu livro *O crisântemo e a espada* que a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desconstruídas das coisas.

O autor acima citado endossa e expande a visão de Benedict ao afirmar que o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são produto de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura.

Podemos, então, entender o fato de que os indivíduos de culturas diferentes podem ser facilmente identificados por uma série de características, tais como o modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar a evidência das diferenças lingüísticas, o fato de mais imediata observação.

Até mesmo o exercício de atividades consideradas como parte da fisiologia humana pode refletir diferenças de cultura, observa Laraia (2003). Um exemplo seria o riso, tido como uma propriedade do homem e dos primatas superiores. O riso se expressa, primariamente, através da contração de determinados músculos da face e da emissão de um determinado tipo de som vocal, e exprime quase sempre um estado de alegria. Todos os homens riem, mas o fazem de maneira diferente e por motivos também diferentes. Os japoneses, por exemplo, riem muitas vezes por questão de etiqueta, mesmo em momentos evidentemente desagradáveis.

Marcel Mauss (1872-1950), citado por Laraia (2003), em um artigo intitulado *Noção técnica corporal*, analisa as formas como os homens, de sociedades diferentes, sabem servir-se de seus corpos. Mauss cita, por exemplo, as técnicas do nascimento e da obstetrícia. Em algumas sociedades da Índia as mulheres dão à luz em pé. Para nós, a posição normal é a mãe deitada sobre as costas, e entre os índios Tupis e outras tribos brasileiras, a posição é de cócoras.

Dentro de uma mesma cultura, a utilização do corpo é diferenciada em função do sexo. As mulheres sentam, caminham, gesticulam, etc. de maneiras diferentes das dos homens. Todos os homens são dotados do mesmo equipamento anatômico, mas a utilização do mesmo, ao invés de ser determinado geneticamente, depende de um aprendizado e esse consiste na cópia de padrões que fazem parte da herança cultural do grupo.

Laraia (2003) argumenta que a cultura, além de interferir na satisfação das necessidades básicas dos indivíduos, pode também condicionar outros aspectos biológicos e até mesmo decidir sobre a vida e a morte dos membros de um sistema. Se a cultura se encontra tão arraigada na vida das pessoas, é de se esperar que ela também tenha um papel importante nos nossos mapeamentos metafóricos conceituais.

O papel da cultura na metáfora conceptual é discutido por vários autores (LAKOFF & JOHNSON, 1980/2002; LAKOFF, 1987; LAKOFF, 1993; GIBBS, 1999; KÖVECSSES, 2002; DEIGNAN, 2003; KÖVECSSES, 2005; entre outros). Há, na literatura,

um grande número de estudos que se ocupam das diferenças trans-lingüísticas do uso da metáfora. Entretanto, como informa Deignan (2003), o termo *cultura* tem sido interpretado de várias maneiras, muito provavelmente pela dificuldade notória de se desenvolver uma definição operacional para essa noção.

Kövecses (2005) estabelece uma conexão entre a metáfora, como vista pelo enquadre lingüístico-cognitivo iniciado por Lakoff e Johnson, e cultura. O autor, alinhado com algumas visões contemporâneas da antropologia, considera cultura como sendo "um conjunto de entendimentos compartilhados que caracterizam grupos (maiores ou menores) de pessoas" (KÖVECSES, 2005:1). E é essa noção que adotarei neste trabalho. Essa definição de cultura, segundo o autor, exclui objetos, artefatos, instituições, práticas, ações e etc., que as pessoas usam e das quais participam em qualquer que seja a cultura, mas ela inclui uma parte importante de qualquer um desses aspectos: o entendimento compartilhado que as pessoas têm com relação aos mesmos.

De acordo com Kövecses (2005), quando pensamos em cultura dessa maneira, a conexão entre cultura e metáfora se torna visível no que diz respeito à abordagem lingüístico-cognitiva da metáfora. Um dos principais argumentos de Lakoff & Johnson (1980/2002), como já visto anteriormente, é que a metáfora não ocorre primariamente na linguagem, mas no pensamento. Em outras palavras, eles argumentam que nós, na verdade, compreendemos o mundo através de metáforas, e não apenas as usamos na fala/linguagem. Assim sendo, o entendimento compartilhado sugerido por antropólogos como parte da definição de cultura pode ser entendimento metafórico. E as metáforas que usamos para compreender conceitos abstratos, como o tempo, por exemplo, podem tornar-se crucialmente importantes para o modo como experienciamos tais conceitos em nossa cultura. Em suma, segundo Kövecses (2005), dentro dessa abordagem teórica da metáfora, as metáforas podem ser uma parte inerente de uma cultura.

De acordo com a visão ortodoxa da metáfora conceptual (LAKOFF & JOHNSON, 1980/2002), muitas metáforas são baseadas em experiências humanas do corpo. Por

exemplo, nós, metaforicamente, conceptualizamos afeição como calor devido à correlação, em nossas experiências quando crianças, entre o abraço carinhoso de nossos pais e o calor corporal reconfortante que o acompanhava. Isso nos dá a metáfora conceptual, a idéia AFEIÇÃO É CALOR. Pensar e falar de afeição em termos de calor emerge naturalmente de nossas experiências corporais. Metáforas que emergem diretamente de correlações com experiências corporais são denominadas *metáforas primárias* (GRADY, 1997, citado em LENZ, 2003). Tipos de metáforas conceptuais como essas, baseadas em experiências corporais universais, ocorrem em muitas línguas e culturas – e são considerados universais (KÖVECSES, 2005). Entretanto, quando se observam metáforas nas diversas línguas, tem-se a impressão de que há um número grande, na verdade bem maior, de metáforas não universais. Ou seja, a variação na metáfora parece ser tão importante e comum ou mais que a universalidade (KÖVECSES, 2002; KÖVECSES, 2005).

A variação metafórica, segundo Kövecses (2005), toma muitas formas, e, em uma das formas mais comuns, um determinado domínio abstrato é compreendido de diferentes maneiras, variando de cultura para cultura. A explicação para essa variação, como observa o autor, deve-se ao fato de as pessoas viverem em sociedades complexas, estruturadas de diversas maneiras. Somos membros de grupos que possuem mais ou menos poder social; em muitas sociedades pertencemos a grupos étnicos diferentes; vivemos em regiões geográficas que deixam suas marcas nos grupos de pessoas que as habitam; seguimos certos costumes e convenções em situações particulares, nas quais nos comunicamos com outras pessoas; e, naturalmente, todos nós, como indivíduos, temos as nossas idiossincrasias.

Essas dimensões da vida social e cultural são bem conhecidas por sociólogos, antropólogos e outros estudiosos. Elas também são do conhecimento de sociolinguistas que estudam a variação no uso da língua. Esses estudiosos observam que as línguas apresentam uma grande variação e que essas variações refletem os diversos aspectos da sociedade (KÖVECSES, 2005). Um outro fator que influencia a

variação lingüística é o fato de que as experiências das pessoas agrupadas de acordo com as diversas dimensões sociais também variam. Assim sendo, se for verdade que as metáforas revelam e, em alguns casos, constituem a experiência humana, seria óbvio esperar que as metáforas variem de acordo com essas dimensões sociais.

As dimensões sociais incluem a divisão da sociedade em homens e mulheres, jovens e idosos, e classe média e classe operária. Não há ainda, segundo o autor, estudos relevantes realizados sob uma perspectiva lingüístico-cognitiva que apontem para o uso de diferentes metáforas por parte de, por exemplo, homens jovens de classe média e mulheres idosas de classe operária. Entretanto, há alguma indicação de que alguns desses fatores sociais possam produzir variação na conceptualização metafórica. A presente investigação pretende contribuir para a elucidação da relação entre conceptualizações metafóricas e fatores sociais, uma vez que as participantes da pesquisa pertencem a classes sócio-econômicas diferentes.

Um exemplo, apontado por Kövecses (ibid.), de um fator social que parece ser responsável por variação metafórica seria a dimensão homem-mulher. Essa dimensão parece ser operacional em vários aspectos: a maneira como os homens e as mulheres falam sobre as mulheres, a maneira como os homens e as mulheres falam sobre os homens e a maneira como homens e mulheres falam sobre o mundo e sobre as coisas do mundo. O autor observa que em países de língua inglesa e em alguns outros países é comum o fato de os homens usarem expressões como "coelhinho", "gatinha", "passarinho", "pintinho", "biscoito", "docinho" ao se referirem às mulheres. Essas expressões metafóricas pressupõem certas metáforas conceptuais como MULHERES SÃO (PEQUENOS) ANIMAIS PELUDOS OU COM PENA, e MULHERES SÃO ALIMENTOS DOCES. Entretanto, quando as mulheres falam sobre os homens, elas não usam essas metáforas ou elas as usam de modo limitado.

Um outro exemplo de diferentes metáforas utilizadas por homens e mulheres para conceptualizar coisas do mundo é dado por Kövecses (ibid.) ao citar a autora Annette Kolodny. Kolodny, em dois livros publicados em 1975 e em 1984, mostra

que homens e mulheres americanos dos séculos XVII a XIX apresentavam diferentes imagens metafóricas das terras inexploradas do oeste do país. Os homens pensavam nessas áreas como uma terra virgem a ser tomada, já as mulheres pensavam nessa mesma área como um jardim a ser cultivado.

Aparentemente, as variedades regionais de uma mesma língua também revelam variações metafóricas. Variedades regionais incluem dialetos locais ou regionais. Pelo que parece, segundo Kövecses (ibid.), não há até agora, nenhum estudo envolvendo variedades locais. Há investigações feitas em variedades nacionais. Um exemplo de tais investigações seria um estudo feito em holandês e afrikaans, uma língua que se originou do holandês e que é falada em algumas partes da África do Sul. Nesse estudo, René Dirven (1994), citado em Kövecses (2005), compara, sistematicamente, metáforas em holandês e em afrikaans. Em sua descrição de metáforas holandesas envolvendo a natureza, o autor observa a presença de imagens de água, luz e sombra, relâmpagos, terremoto, areia, estrelas e nuvens permanentes, e lembra que essas constituem uma imagem típica da paisagem dos países baixos. Um traço curioso das metáforas holandesas envolvendo a natureza é que elas quase nunca incluem animais. Por outro lado, o autor encontra em afrikaans metáforas associadas a uma paisagem bem mais serena, contendo montanhas, planícies, planaltos, e vários tipos de animais que são usados para compor imagens estereotipadas da aparência e do comportamento humanos.

Esse exemplo vem reforçar a idéia de que o ambiente físico onde o dialeto é falado parece exercer um impacto na variação metafórica.

Kövecses (2005) sugere que um outro local óbvio para se investigar a questão da variação metafórica seria os dialetos e as variedades individuais, estilísticas – culturais e sociais – que já foram identificados por sociolinguistas, antropólogos e outros pesquisadores da variação linguística em contextos sociais ou culturais.

Boers (2003) é um outro autor que vem investigando a influência da cultura nos mapeamentos metafóricos. O estudioso argumenta que alguns domínios-fonte talvez não se encontrem igualmente disponíveis para mapeamento metafórico em



todas as culturas. Diferenças culturais e geográficas, segundo o autor, podem ser responsáveis pelo fato de que, para falantes de uma língua, um determinado domínio é mais significativo e, conseqüentemente, utilizado como domínio-fonte para metáforas (BOERS, 2003).

Deignan (2003) apresenta alguns exemplos que podem corroborar essa hipótese. Um estudo realizado por Deignan e Potter apontou para o uso de metonímias associadas ao domínio "boca" por falantes de inglês e italiano. Tais expressões em inglês têm como domínio-alvo a fala, mas, por outro lado, em italiano, o domínio-alvo é o ato de comer. Um outro exemplo citado por Deignan (2003) é um estudo realizado por Boers (2003), em que o estudioso encontra um grande número de metáforas de saúde nas edições de inverno da revista *The Economist*. No norte europeu, essa é a época do ano em que as pessoas estão mais propensas a adoecerem, devido ao rigoroso inverno, e, conseqüentemente, se preocupam mais com a saúde do que em outra época do ano e do que outros povos, habitantes de outras regiões, como o Brasil, por exemplo.

Um outro estudo comparativo mostrou que metáforas da língua inglesa do domínio de corridas de cavalo não são encontradas em espanhol. E, por outro lado, metáforas do espanhol dos domínios de tourada e religião não são encontradas em inglês (DEIGNAN, 2003).

No Brasil, país onde o futebol é considerado o esporte mais popular (tanto nas classes menos favorecidas quanto na classe média), podemos encontrar um grande número de expressões lingüísticas metafóricas do domínio desse esporte: "*ele driblou o problema*", "*fez uma tabelinha*", "*jogou a oportunidade para corner/escanteio*", "*bate um bolão*", "*vou tirar meu time de campo*", "*ele está com a bola cheia*", entre outras.

A influência da cultura futebolística do nosso país nas expressões metafóricas também pode ser observada no livro *O inglês na marca do pênalti* (2003) de Ulisses Wehby de Carvalho. Nesse livro, voltado para professores e aprendizes de inglês como língua estrangeira, o autor apresenta e dá o significado de uma lista de

expressões metafóricas em inglês, do domínio dos esportes – expressões cristalizadas – que são utilizadas pelas pessoas em seu cotidiano. É interessante notar que muito poucas dessas expressões em inglês são do domínio do futebol jogado no Brasil (*soccer*), entretanto, muitas delas foram traduzidas pelo autor como expressões metafóricas do domínio desse esporte (*bottom of the ninth* = aos 44 minutos do segundo tempo; *drop the ball* = pisar na bola; *foul out* = levar cartão vermelho, etc.).

O próximo capítulo versa sobre a visão lingüístico-cognitiva da metonímia, a qual, juntamente com a metáfora conceptual constitui o fundamento teórico desta investigação.

### 3 METONÍMIA: A VISÃO CONTEMPORÂNEA

A metáfora, segundo vários autores, entre eles Kövecses (2002) e Barcelona (2002), não é o único tropo que desempenha um papel importante nas nossas atividades cognitivas. A metonímia também possui um papel significativo.

Metáfora e metonímia constituem processos de natureza diferente, como apontam vários autores (LAKOFF E JOHNSON, 1980/2002; LAKOFF, 1987; GIBBS, 1994; KÖVECSES, 2002; BARCELONA, 2002). A metáfora, como visto anteriormente (cf. 2.1), constitui um modo de conceber uma coisa em termos de outra, e sua função primordial é a compreensão. Por outro lado, Gibbs define metonímia como o processo pelo qual “as pessoas fazem uso de um aspecto bem compreendido ou facilmente percebido de alguma coisa para representar a coisa como um todo” (1994:320).<sup>3</sup> Sua função é, principalmente, referencial. Seguem alguns exemplos de conceitos metonímicos existentes em nossa cultura:

#### (1) PARTE PELO TODO

*Precisamos de sangue novo na empresa.*

*Acabei de comprar um 16 válvulas.*

#### (2) PRODUTOR PELO PRODUTO

---

<sup>3</sup> “People take one well-understood or easily perceived aspect of something to represent or stand for the thing as a whole”.

- Ele comprou um Ford.*  
*Estou lendo Shakespeare.*
- (3) OBJETO PELO USUÁRIO
- Os ônibus estão em greve hoje.*  
*O saxofone está gripado.*
- (4) CONTROLADOR PELO CONTROLADO
- Bush bombardeou o Iraque.*  
*Napoleão perdeu em Waterloo.*
- (5) INSTITUIÇÃO PELOS RESPONSÁVEIS
- O Senado acha que o aborto é imoral.*  
*A universidade não concorda com isso.*
- (6) LUGAR PELA INSTITUIÇÃO
- O Itamaraty ainda não se pronunciou.*  
*Paris acaba de lançar a moda inverno.*
- (7) LUGAR PELO EVENTO
- Watergate mudou a política americana.*  
*O Rio está se tornando uma Faixa de Gaza.*

Como observam vários autores (LAKOFF E JOHNSON, 1980/2002; LAKOFF E TURNER, 1989; KÖVECSES, 2002; BARCELONA, 2002), a metonímia, assim como a metáfora, não constitui apenas um recurso poético ou retórico, nem é somente uma questão de linguagem. Conceitos metonímicos fazem parte da maneira como agimos, pensamos e falamos no dia-a-dia. Os conceitos metonímicos são também sistemáticos. Ou seja, a maioria das expressões metonímicas não se encontra isolada. Normalmente elas podem ser divididas em grupos que são caracterizados por uma relação específica entre um tipo de entidade e outro. Os conceitos metonímicos, como os mencionados acima, apresentam a mesma sistematicidade que os conceitos metafóricos. As frases acima exemplificam certos conceitos metonímicos gerais

pelos quais organizamos nossos pensamentos e ações (LAKOFF E JOHNSON, 1980/2002).

Como mencionado acima, os conceitos metonímicos, assim como as metáforas, estruturam não apenas nossa linguagem, mas também nossos pensamentos, atitudes e ações e, baseiam-se na nossa experiência. Ou seja, as metonímias também são conceptuais por natureza e são reveladas por expressões lingüísticas metonímicas. Na conceptualização metonímica, a entidade que proporciona acesso à outra entidade é denominada *entidade veículo* ou *fonte*, enquanto que o tipo de entidade à qual atenção, ou acesso mental, é proporcionado é denominado *entidade alvo* (KÖVECSES, 2002). Assim sendo, nas frases acima, *sangue, Ford* e *saxofone*, por exemplo, seriam entidades veículo ou fonte e *pessoas, automóvel da marca Ford*, e *saxofonista* seriam entidades alvo. Segundo Lakoff e Johnson (1980/2002), a fundamentação de conceitos metonímicos é, em geral, mais óbvia do que a fundamentação de conceitos metafóricos, pelo fato de aqueles, geralmente, envolverem associações físicas ou causais diretas. A metonímia LUGAR PELO EVENTO, por exemplo, está fundamentada em nossa experiência com a localização física dos acontecimentos.

A metonímia, como visto acima, possui principalmente a função referencial, ou seja, permite-nos usar um subdomínio – e não “domínio”, como é o caso da metáfora – para representar outro. Em outras palavras, a metonímia permite-nos utilizar um subdomínio para indicar ou proporcionar acesso mental a outro subdomínio, dentro de um mesmo domínio (BARCELONA, 2002). Analisemos a seguinte metonímia:

*Brasília até agora não se manifestou em relação à epidemia de dengue no Estado do Rio.*

O estudo do exemplo acima, com base em Lakoff e Johnson (1980/2002) e em Barcelona (2002), nos leva à seguinte análise: dentro do domínio da capital do

Brasil encontramos, entre outros, os subdomínios da cidade propriamente dita como um local, o subdomínio das instituições políticas nela localizadas, o subdomínio das pessoas que tomam as decisões naquelas instituições políticas (o presidente da república, os ministros, senadores, etc.). Com a metonímia, um desses subdomínios, nesse caso o subdomínio das instituições políticas, é acessado mentalmente, realçado e referido como subdomínio da cidade como local, o qual, por sua vez, na interpretação dessa frase, se torna plano secundário.

Normalmente, um subdomínio mais concreto ou mais evidente é utilizado para dar ou ganhar acesso a um subdomínio mais abstrato ou menos evidente dentro do mesmo domínio, como é o caso do exemplo acima. Mas a metonímia também tem a função de propiciar entendimento. Esse tropo apresenta, pelo menos em parte, o mesmo uso que a metáfora, mas ele permite-nos focalizar mais especificamente certos aspectos do subdomínio ao qual estamos nos referindo.

Croft (1993, citado em BARCELONA 2002) se refere à metonímia como constituindo um *‘realce de (sub)domínio’* e a metáfora, para ele, consiste no que o autor denomina *“mapeamento de domínio”*. Entretanto, Barcelona (2002) não descarta a idéia de a metonímia constituir um tipo de mapeamento diferente do mapeamento metafórico. Segundo o autor, no caso da metonímia, trata-se de um tipo de mapeamento assimétrico em que a fonte metonímica projeta sua estrutura conceptual sobre a estrutura do alvo por meio não de um emparelhamento sistemático de partes correspondentes nas duas estruturas, mas sim colocando a fonte em primeiro plano e o alvo em segundo plano.

Gibbs (1994) argumenta que a metonímia constitui um recurso primário usado pelos falantes para se referirem a outras pessoas, eventos e situações e, por conseguinte, ela reflete um modo particular de pensamento. O autor alega que o pensamento metonímico subjaz a muitos tipos de raciocínio e nos permite fazer inferências sobre o que falantes e escritores querem dizer nos discursos. O autor também observa que, nesse tipo de tropo, quando as duas entidades envolvidas estabelecem um relacionamento *“parte-todo”* (ex: *“É mais uma boca para ser*

*alimentada*”, onde a parte *boca* está sendo usada para referir ao todo *pessoa*) a expressão é, geralmente, denominada sinédoque (GIBBS, 1994: 322). Expressões metonímicas, segundo o autor, expressariam relacionamentos de “representatividade” entre duas entidades como recipiente-conteúdo, inventor-objeto inventado, local-instituição e outros tipos de relacionamentos vistos acima.

Em suma, a sinédoque substitui o todo pela parte e seus termos de referência são geralmente concretos (mãos por trabalhadores, cabeça por pessoas, etc.). A metonímia, por outro lado, constitui um tropo mais sutil e produtivo do que a sinédoque, como aponta Gibbs (ibid.), e substitui a ocorrência pelo tipo, ou um caso, propriedade ou característica específica/o pelo princípio ou função geral. Entretanto, é importante observar que, neste trabalho, a sinédoque será tratada como metonímia, ou seja, não será estabelecida uma diferença entre sinédoque e metonímia.

Vários autores apresentam evidências consistentes com a alegação de que nós raciocinamos usando modelos tanto metafóricos quanto metonímicos (GIBBS, 1994; LAKOFF, 1987). Em outras palavras, há evidência empírica de que a metonímia constitui um aspecto fundamental do nosso pensamento conceptual, assim como a metáfora. O nosso julgamento do que constituiria um membro típico de uma categoria, por exemplo, é baseado em modelos metonímicos. Ou seja, o fato de as pessoas na nossa cultura considerarem mães donas-de-casa como exemplos mais adequados da categoria “mãe” do que aquelas que têm uma profissão é baseado no raciocínio metonímico, segundo o qual uma subcategoria mais evidente (*mães donas-de-casa*) possui um status reconhecido que a possibilita substituir a categoria como um todo (GIBBS, 1994: 326). Outra evidência da base conceptual da metonímia é o fato de interpretarmos diálogos como o que segue:

A. *Como você foi para o aeroporto?*

B. *Fiz sinal para um taxi.*

Segundo Gibbs (1994), o que B pretende informar a A é *‘Para ir para o aeroporto eu acenei para um taxi, o motorista parou, eu entrei no automóvel e ele me conduziu até o aeroporto’*. O que ocorre nesses casos é que os falantes, metonimicamente, mencionam uma subparte de um cenário para representar todo o cenário e seus interlocutores imediatamente reconhecem a intenção em questão.

Deignan (2005) observa que se, como Gibbs (ibid.) argumenta, o pensamento metonímico é intrínseco à mente humana, é provável que haja inúmeras maneiras pelas quais um aspecto de um domínio esteja ligado ao todo que ele representa ou que o representa. Assim sendo, (1) a (7) mencionados no início deste capítulo constituiriam apenas uma amostra desses modelos metonímicos.

Assim como as metáforas, as metonímias podem ser convencionais ou não convencionais (BARCELONA, 2002; DEIGNAN, 2005). As metonímias não convencionais só podem ser compreendidas no contexto em que elas são produzidas. Um exemplo clássico de metonímia não convencional é *‘O sanduíche de presunto está sentado na mesa 20’* (NUNBERG, 1979:149 citado em DEIGNAN, 2005:57). *‘Freguês’* não é um sentido normalmente atribuído a *sanduíche de presunto*, assim sendo, a expressão só pode ser interpretada como referindo a um freguês por meio do co-texto *‘está sentado na mesa 20’* ou por meio de contexto não lingüístico, no caso de o falante, por exemplo, indicar através de gesto que o referente é uma pessoa (DEIGNAN, 2005). Outro exemplo seria *‘Nós pensamos que tínhamos conseguido um ferro a vapor ontem, mas chegamos tarde demais. Ferros a vapor não têm dificuldade para encontrar colegas de quarto’* (GIBBS,1994:334)<sup>4</sup>. Esse enunciado é difícil de ser compreendido sem o conhecimento do contexto, entretanto, ele pode ser facilmente interpretado se soubermos que foi produzido por uma universitária a procura de uma colega para preencher uma vaga em uma república de estudantes, onde todos geralmente compartilham aparelhos eletro-eletrônicos.

---

<sup>4</sup> *‘We thought we were onto a steam iron yesterday, but we were too late. Steam irons never have any trouble finding roommates’*.



Como observa Deignan (2005), diferentemente de metonímias convencionais, as metonímias não convencionais não dizem respeito a aspectos permanentes dos referentes. Em outras palavras, uma metonímia não convencional normalmente constitui um rótulo temporário para um referente específico e sua interpretação se dá com base em características do contexto imediato. Entretanto, tais metonímias são produzidas seguindo o mesmo processo das convencionais.

A classe das metonímias convencionais inclui usos como *Shakespeare* (2), *o senado* (5) e *Paris* (6), mencionados no início deste capítulo. Tais metonímias são usadas para se referir a uma classe de entidades, ou à mesma entidade várias vezes, ou em vários contextos. *O senado*, por exemplo, é tido como referindo aos membros de uma das câmaras dos parlamentares, cuja responsabilidade é de zelar pelos direitos constitucionais do povo, julgar o presidente da república e analisar e votar projetos de lei, entre outras, em vários contextos lingüísticos. Normalmente, os interlocutores não precisam reconstruir o mapeamento metonímico em cada situação, como ocorre com a interpretação da metonímia não convencional (DEIGNAN, 2005).

Como Deignan (ibid.) – com base em vários autores (GOOSSENS, 1995; BARCELONA, 2002; RADDEN, 2002; e outros) – observa, apesar de aparentemente precisa, a distinção entre metáfora e metonímia perde a sua clareza quando examinada à luz da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), e uma interação entre os dois tropos é evidente. O exemplo utilizado por Deignan (2005) e Kövecses (2000) para discutir a questão da interação metáfora/metonímia é a metáfora conceptual EMOÇÕES SÃO CALOR. Com base na TMC, a motivação para essa conceptualização é o fato de experienciarmos sensações de aumento da temperatura corporal quando estamos com raiva. Assim sendo, o uso de “*acalorada*” para descrever raiva no enunciado “*Eu me lembro muito bem de ter tido uma discussão acalorada com o meu chefe a esse respeito*” pode ser interpretado como um “*aspecto de um domínio para representar o domínio como um todo*” (GIBBS, 1994:320). Em outras palavras, o uso de “*acalorada*” consiste em um mapeamento

dentro de um mesmo domínio, e, conseqüentemente, trata-se de uma metonímia e não de uma metáfora.

Do mesmo modo, Feyaerts (2000, citado em DEIGNAN, 2005) argumenta que o mapeamento CONHECER É VER, o qual é normalmente considerado uma metáfora conceptual, pode ser considerado uma metonímia se compartilharmos a visão de que PERCEPÇÃO SENSORIAL pertence ao mesmo domínio que PERCEPÇÃO MENTAL. Ademais, Barcelona (2000) sugere que uma grande parte das metáforas conceptuais possui origem metonímica.

Deignan (2005) rejeita a idéia de reclassificar um grande número de metáforas como metonímias, com base na distinção discutida acima, e sugere uma classificação que representa alguns pontos ao longo do contínuo Metáfora-Metonímia: Metonímia / Metonímia dentro da metáfora (com base em GOOSSENS, 1995) / Metáfora a partir de metonímia (também com base em GOOSSENS, 1995) / Metonímia baseada em metáfora / e Metáfora.

No próximo capítulo, antes de discutir as metáforas de tempo encontradas na literatura, abordarei, brevemente, a questão do tempo na filosofia.

#### 4 CONCEITUANDO O TEMPO: FILOSOFIA E METÁFORA

De todos os fenômenos científicos intangíveis que moldam nossas vidas, o tempo é, indiscutivelmente, o mais difícil de compreender. Tão amorfo quanto o espaço e o ser (outros domínios de abstração dos quais somos totalmente dependentes), o tempo afeta todas as coisas materiais...Sem ele não poderíamos medir a mudança, uma vez que a maioria das coisas que mudam na terra e no universo o fazem no tempo e são governadas por ele. [...] Secreto, imperceptível, o tempo torna sua presença conhecida através da transformação do nosso sentido de tempo em sensação. Embora não possamos vê-lo, tocá-lo, ou ouvi-lo, observamos a regularidade do que parece ser sua passagem nas estações do ano, na mudança orquestrada da aurora à manhã, ao entardecer e à noite escura, e no envelhecimento de nossos corpos. Sentimos o tempo pulsar em nossos corações e ouvimos seu silêncio no tic-tac preciso do relógio. (LANGONE 2000:7, minha tradução)<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> *Of all the scientific intangibles that shape our lives, time is arguably the most elusive – and the most powerful. As formless as space and being, those other unseen realms of abstraction on which we are helpless dependent, it nonetheless affects all material things ... Without it we could barely measure change, for most things that change on this Earth and in the universe happen in time and are governed by it. Stealthy, imperceptible, time makes its presence known by transforming our sense of it into sensation. For though we cannot see, touch or hear time, we observe the regularity of what appears to be its passage in our seasons, in the orchestrated shift from dawn to dusk to dark, and in the aging of our bodies. We feel its pulsing beat in our hearts and hear its silence released in the precise ticking of a clock.*(LANGONE, 2000: 7)

Como visto na citação acima, o tempo acrescenta uma dimensão importante e necessária à nossa compreensão do mundo e nosso lugar nesse mundo. Parece quase impossível conceber como seria a nossa experiência no mundo na ausência do tempo, pois os eventos acontecem *no* tempo (EVANS, 2004). Como resultado desse fenômeno, o tempo é um dos temas que desde a antiguidade atraíram a atenção do ser racional e, como aponta Dowden (2005), tem sido estudado por filósofos e cientistas por pelo menos 2500 anos.

Assim sendo, o objetivo deste capítulo será discutir as diferentes visões e conceituações de tempo enfocadas na filosofia e, mais recentemente, no paradigma da metáfora conceptual. Acredito que para analisarmos a questão do tempo no discurso é necessário termos uma compreensão, mesmo que não muito aprofundada, de como o tempo tem sido discutido ao longo da história e como vem sendo conceituado como metáfora por teóricos da linha lingüístico-cognitiva.

#### **4.1 O tempo na filosofia**

Nesta primeira parte do capítulo 4 introduzirei, brevemente, as visões de tempo de alguns dos filósofos que se ocuparam dessa questão como Aristóteles, Santo Agostinho, Descartes, Kant, Heidegger, entre outros.

Apesar de o tempo constituir um tema amplamente abordado por filósofos desde a antiguidade, como visto acima, várias questões estão ainda por serem explicadas, dentre elas, o que realmente é o tempo.

Para alguns filósofos, como Zeno e McTaggart, o tempo não é nada porque ele não existe. Do mesmo modo, F. H. Bradley, filósofo inglês do início do século XX, argumenta que "o tempo, assim como o espaço, não é real, mas sim uma aparência contraditória" (DOWDEN, 2005). Entretanto, a maioria dos filósofos concorda com o fato de que o tempo existe. Mas há visões diversas do que seja o tempo.

Aristóteles que, segundo Carvalho (2005), foi um dos primeiros filósofos a abordar a questão, nos deixou a seguinte definição: "O tempo é o número (soma) do movimento, segundo o anterior e o posterior, e é contínuo"<sup>6</sup>. Ocasionalmente, como aponta Dowden (2005), Aristóteles fala do tempo como se esse fosse movimento, mas nessas passagens (especialmente em *Física*, capítulo 14), ele afirma que o tempo, embora ligado ao movimento, não consiste em movimento circular dos céus (visão de Platão) ou qualquer outro movimento. O filósofo grego, entretanto, acreditava que o tempo é "um aspecto da mudança". E, embora tenha argumentado que "o tempo é a medida da mudança", Aristóteles acreditava que o tempo não é algo pelo qual nós contabilizamos a mudança, mas sim um aspecto da mudança que pode ser contabilizado. Aristóteles visionou uma relação entre tempo e mudança, a qual atualmente é abordada na teoria relacional do tempo. Ele acreditava que o tempo relaciona diferentes estados de substâncias, e que "não existe tempo, a não ser pela mudança" <sup>7</sup>. Entretanto, o filósofo deixava claro que "tempo não é mudança" porque a mudança "pode ser mais rápida ou mais lenta, mas o tempo não". Ou seja, a mudança possui uma propriedade que o tempo não possui (DOWDEN, 2005).

Santo Agostinho, segundo Correia (2005), ao abordar o problema do tempo, tratou, em especial, das relações entre Deus e o tempo. Deus não é no tempo, o qual é uma *criatura* de Deus: o tempo começa com a criação. Antes da criação não há tempo, dependendo o tempo da existência de coisas que vêm a ser e são, portanto, criadas.

O pensamento geral de Santo Agostinho e, conseqüentemente, seu pensamento sobre o tempo, têm, como base fundamental, sua teoria da verdade, que consiste primariamente em entender a verdade como "aquilo que é", lógica peculiar de sua época (CORREIA, 2005). É fazendo uso dessa lógica e aplicando sua idéia de verdade em sua teoria do tempo que Agostinho chega a duas conclusões muito

---

<sup>6</sup> "*Time is the number of movement in respect of the before and after, and is continuous*".

<sup>7</sup> "*there is no time apart from change*"

importantes. A primeira delas é decorrente de sua análise lógica acerca da existência do passado, do presente e do futuro. Afirma ele:

Que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? [...] e de que modo existem aqueles dois tempos – o passado e o futuro – se o passado já não existe e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente e não passasse para o passado, como poderíamos afirmar que ele existe, se a causa da sua existência é a mesma pela qual deixará de existir? (*Confissões*).

Santo Agostinho desconhecía, segundo Correia (2005), pelo menos filosoficamente, a existência de um tempo objetivo. Ele argumentava logicamente a favor da não existência objetiva do passado e do futuro, visto que um já passou (referindo-se obviamente ao passado), logo "já não é", o que se segue que não é verdadeiro afirmar existir o passado. Quanto ao futuro, esse ainda não veio, logo "ainda também não é", sendo, por consequência, tão falso quanto afirmar a existência do passado, afirmar a existência do futuro. Quanto ao presente, a única forma que o reconhecemos como presente é quando contrastado em relação aos outros dois tempos, isto é, passado e futuro, caso contrário o que seria? E se a causa da sua existência é a mesma pela qual deixará de existir, ou seja, quando deixar de ser presente e tornar-se passado, logo, também "não é em si mesmo", decorrendo daí, lógica e igualmente, ser tão falso afirmar a existência do presente quanto afirmar a existência do passado e do futuro.

A segunda conclusão a que chega Santo Agostinho, como aponta Correia (2005), é consequência de sua primeira reflexão acerca da existência do tempo. Afirma ele:

O que agora transparece é que não há tempos futuros nem passados. É impróprio afirmar: os tempos são três – passado, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer: os tempos são três – presente das coisas passadas, presente dos presentes, presente dos futuros. Existem, pois, esses três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas,

visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras. Se me é lícito empregar tais expressões, vejo então três tempos e confesso que são três. (*Confissões*)

Na visão de Correia (2005), a citação acima aponta para uma espécie de primazia do presente em relação ao passado e ao futuro. O autor também chama atenção para o fato de Agostinho atribuir ao tempo um aspecto subjetivo. O tempo, em sua teoria, não constitui um ente objetivo e independente do homem, mas, pelo contrário, existe tão somente em nossas mentes e em nenhum outro lugar. Isso equivale a afirmar que o tempo existe em razão de nossas consciências, isto é, não existindo o homem, não existindo sua consciência, o tempo também não mais existirá.

René Descartes, o filósofo francês que, no século XVII, introduziu a visão mais ortodoxa do racionalismo, por outro lado, apresentava uma idéia diferente do que venha a ser o tempo. Segundo Dowden (2005), ele argumentava que um corpo material possui uma propriedade de extensão espacial, mas nenhuma capacidade inerente de resistência temporal. Ele afirmava que Deus, em um processo contínuo, recria o corpo a cada instante sucessivo. O tempo, para Descartes, é um processo divino de recriação.

Ainda no século XVII, como aponta Dowden (ibid.), o físico inglês Isaac Barrow rejeitou a ligação aristotélica entre tempo e mudança ao argumentar que o tempo é algo que existe independentemente de movimento ou mudança e que esse já existia mesmo antes de Deus criar a matéria no universo. Isaac Newton, aluno de Barrow, concordava com seu mestre. Newton argumentava que o tempo e o espaço constituem um enorme recipiente para todos os eventos e que o recipiente existe independentemente dos eventos. Na visão de Newton, espaço e tempo não são substâncias materiais, mas se assemelham a substâncias pelo fato de não serem dependentes de matéria ou movimento ou qualquer outra coisa, mas apenas de Deus.

Segundo Cobra (1997), Leibniz questionou essa visão ao argumentar que o tempo não é uma entidade que exista independentemente de eventos reais. Leibniz insistia que Newton havia menosprezado o fato de que o tempo envolve, necessariamente, a ordenação de qualquer par de eventos não simultâneos. E é por esta razão que o tempo "necessita" de eventos. Segundo Leibniz, essa ordenação seria o tempo.

No século XVIII, Immanuel Kant veio argumentar que tempo e espaço são formas de intuição, ou seja, são formas que a mente projeta sobre os objetos externos (COBRA, 1997). Segundo Kant, qualquer objeto da experiência precisa ser representado em espaço e tempo. Para o filósofo, os objetos são fundamentalmente incognoscíveis, servem meramente como a matéria prima da qual as sensações são formadas. Ou seja, os objetos, eles mesmos, não têm existência, e o espaço e o tempo existem somente como partes da mente, como intuições pelas quais as percepções são medidas e julgadas. Espaço e tempo são "subpostos" como condições de conhecimento, condições que, partindo do sujeito, precisam realizar-se para que o objeto seja efetivamente objeto do conhecimento. Espaço e tempo seriam, assim, duas condições sem as quais é impossível construir conhecimento.

Segundo Cobra (ibid.), para Kant, o espaço é a forma da experiência ou de percepções externas; o tempo é a forma das vivências ou percepções internas. Porém, como aponta Cobra (ibid.), ao mesmo tempo em que o indivíduo percebe a coisa sensível, ele tem, além de sua percepção como coisa externa, a sua "apercepção" interna, dando-se conta de que a percebe. Assim sendo, o tempo ocupa uma posição privilegiada em relação ao espaço, uma vez que é forma da sensibilidade externa e interna com referência a objetos exteriores e acontecimentos interiores, abrangendo assim a totalidade das vivências possíveis.

Em suma, na visão de Kant, o tempo, assim como o espaço, é intuição pura, *a priori*, ou seja, independente da experiência. Podemos conceber o tempo sem acontecimentos, mas não um acontecimento sem o tempo. É porque a representação do tempo lhes serve de fundamento que a simultaneidade ou sucessão das coisas



pode ser percebida; as coisas e os fatos não existem sem o tempo, mas o tempo existe sem as coisas. Algo acontece porque no decurso do tempo esse algo vem a ser.

Em 1924, Hans Reichenbach definiu a ordem do tempo em termos de causa possível. Evento A acontece antes do evento B se A puder ter causado B, mas B não poderia ter causado A. Essa foi, segundo Dowden (2005), a primeira teoria causal do tempo, que foi refutada pela visão de David Hume de que a causa é simplesmente uma questão de conjunção, ou seja, de duas coisas estarem sempre juntas. Para Hume, não há uma questão metafísica no fato de causas precederem efeitos. Trata-se apenas de mera convenção o fato de usarmos os termos "causa" e "efeito" para distinguir um elemento anterior de um posterior de um par de eventos que são relacionados por conjunção constante.

Heidegger, segundo Marcondes (2000) um dos filósofos mais influentes do século XX, ao conceituar o tempo, estabelece uma relação entre esse, a criação da cultura (*Kulturschaffen*) e a história. Em um primeiro momento, segundo Benjamin & Osborne (1997), o filósofo alemão, ao descrever a finalidade da história como a objetificação temporal do espírito, reduz o tempo a um meio neutro de objetificação. No entanto, quando amplia sua análise para incluir a relação entre passado e presente, ele "tem novos vislumbres sobre o fenômeno do tempo histórico" (BENJAMIN & OSBORNE, 1997:21). Para Heidegger o objeto histórico está sempre isolado do presente por um intervalo de tempo, mas é precisamente esse intervalo que lhe permite ser recuperado e promovido. O tempo não é visto como um meio para a unificação do passado e do presente, mas como uma diferença que os aparta. Segundo Benjamin & Osborne (1997) o filósofo afirma que o tempo tanto isola o presente do passado quanto introduz o passado no presente. O presente do passado foi "outro" em relação ao nosso presente, e, no entanto, não é "incomparavelmente outro". O tempo tanto presentifica quanto exclui o passado. Ele desempenha a tarefa de transportar o passado para o presente ao mesmo tempo em que o torna algo diverso do presente.

O que essa breve discussão pôde mostrar é como a própria reflexão filosófica sobre o tempo pressupõe uma metaforização desse conceito abstrato. Questões sobre a existência ou não do tempo, a sua relação com a forma, eventos, espaço e causalidades parecem apontar para a *criação subjetiva da noção de tempo* a partir de nossas experiências no mundo. Esse processo parece nos conduzir à noção de metáfora dentro da perspectiva experiencialista proposta por Lakoff e Johnson (1980/2002, 1999).

Passo agora à explicitação dessa dimensão metafórica do tempo, discutindo as metáforas que o constroem cognitivamente e linguisticamente.

## **4.2 Metáforas de tempo**

O tempo é um conceito constantemente presente em nossa existência. Entretanto, muito pouco do nosso entendimento do tempo é estritamente temporal. É muito difícil, para não dizer impossível, falar sobre tempo sem utilizar algum tipo de metáfora. Essas metáforas passam despercebidas no discurso cotidiano, onde nós freqüentemente encontramos expressões como "o natal está *chegando*", "meu tempo está se *esgotando*", sem que tenhamos consciência dos conceitos subjacentes de espaço, movimento e substância sobre os quais esses modelos temporais se baseiam.

Lakoff e Johnson (1980/2002, 1999) sustentam que muito do nosso entendimento do tempo é fundamentado na nossa experiência de espaço e movimento, experiência essa que se torna possível pelo fato de possuímos ou sermos corpos que se movem no espaço. Esses dois estudiosos identificaram sete metáforas conceptuais de tempo, sendo que quatro delas são baseadas em espaço e movimento, enquanto que as outras três envolvem outros conceitos como recurso e personificação:

- TEMPO É UM RECIPIENTE

- TEMPO É UMA PAISAGEM ATRAVÉS DA QUAL NOS MOVEMOS
- TEMPO É ALGO QUE SE MOVE EM NOSSA DIREÇÃO
- TEMPO É UM PERSEGUIDOR
  
- TEMPO É UM MODIFICADOR
- TEMPO É UM RECURSO LIMITADO
- TEMPO É DINHEIRO

Para Lakoff e Johnson "a maior parte da nossa compreensão do tempo é uma versão metafórica da nossa compreensão de movimento no espaço" (1999:139). Glasbey et al (2003) complementam a alegação daqueles dois estudiosos apontando para um outro possível modelo conceptual importante para a noção de tempo – um modelo baseado em noções de mudança, causa, efeito e a irreversibilidade de eventos. Apesar de Lakoff e Johnson aceitarem que essas noções formam parte da nossa compreensão do tempo, eles sustentam que a contribuição dessas noções seria parte do nosso entendimento que é "básico" ou "literal" (não-metafórico) (LAKOFF & JOHNSON, 1999:138). Glasbey *et al.* (2003) discordam dessa visão e oferecem argumentos que nos levam a acreditar que, além do modelo espacial-cinético, nós fazemos uso de uma outra importante metáfora conceptual para compreender tempo – essa baseada na nossa experiência corporal, mas que vê tempo em termos de causa, direcionalidade e mudança. Contudo, esses pesquisadores admitem uma escassez de pesquisa nessa área e sugerem que estudiosos continuem pesquisando esse outro modelo metafórico.

Por outro lado, há na literatura o registro de algumas importantes metáforas espacial-cinéticas, ontológicas e de personificação para conceituar tempo.

#### 4.2.1 TEMPO É ESPAÇO

Radden (2003) discute a metáfora TEMPO É ESPAÇO e apresenta as seguintes razões para o fato de tal metáfora ser conceitualmente motivada: a) o espaço é tridimensional, logo oferece três eixos orientacionais: um eixo longitudinal, um vertical e um horizontal; b) no espaço, os objetos possuem forma; c) referência ao espaço pode ser absoluta ou relativa e, no segundo caso, essa pode ser em relação a entes no mundo ou ao ego observador; d) entes no espaço podem estar parados ou em movimento; e) no espaço podemos encontrar entes das mais variadas espécies que podem representar imagens ou pontos de referência e ser associados a certas propriedades e comportamentos.

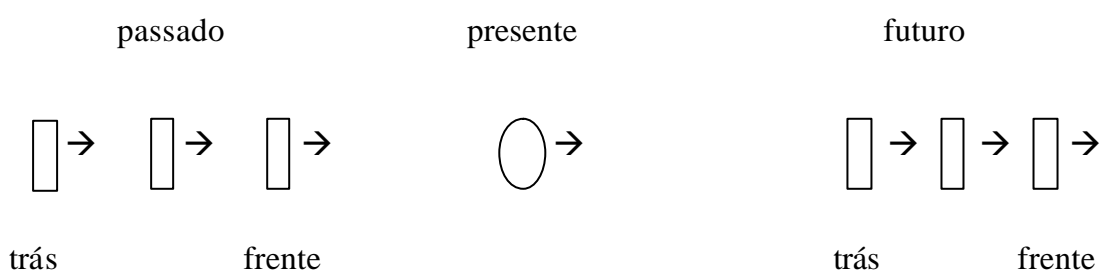
Em suma, segundo Radden (2003), ao conceptualizarmos tempo como espaço podemos nos servir da riqueza conceptual inerente ao domínio espacial e, ao mapearmos seus elementos estruturais sobre o domínio tempo impomos novos significados à noção de tempo.

Em seu estudo, Radden (2003) investiga o modo como diferentes culturas utilizam, convencionalmente, o leque de orientações espaciais para conceptualizar e expressar noções de tempo. Esse estudo mostra que tanto diferentes culturas e línguas quanto a mesma cultura e língua podem fazer usos diferentes de mapeamentos potenciais.

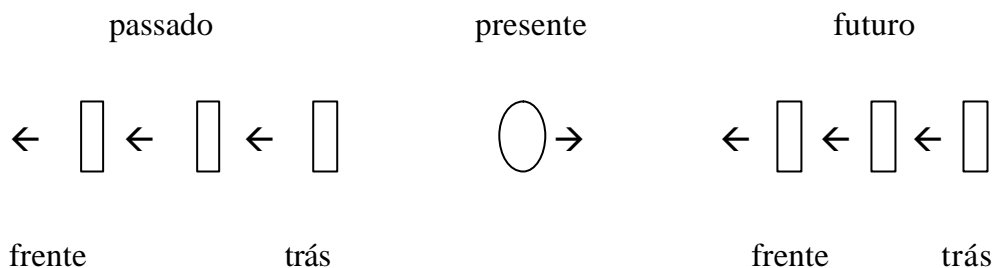
O autor observou, por exemplo, que na cultura ocidental predomina, nas cenas de tempo, o mapeamento baseado no eixo longitudinal e a orientação frente/trás se faz evidente em expressões como "o pior *ficou para trás*", "ele tem uma carreira brilhante *à sua frente*". Por outro lado, em chinês, o eixo vertical se aplica mais comumente à conceptualização de tempo. Para os chineses o passado está em cima e o futuro embaixo. Entretanto, como aponta Radden (2003), esse eixo vertical para orientação temporal se encontra em conformidade com a visão de TEMPO COMO UM RIO QUE FLUI. Na China, segundo o autor, a importância

cultural do rio Yangtze pode ter contribuído para a preferência do eixo vertical como orientador do tempo.

Ao observar as expressões metafóricas que posicionam o tempo em relação a um observador imaginário, Radden (2003) constatou que o padrão de linha do tempo predominante na maioria das línguas estudadas é o eixo horizontal, especialmente nas línguas ocidentais, que têm o futuro na frente do observador ("Não sei como *enfrentar o futuro*", "Isso aconteceu *nos idos de 1960*"). Entretanto, algumas línguas faladas no Peru e na Bolívia apresentam evidências de uma visão contrária: o futuro posicionado atrás do observador e o passado na frente. A lógica por trás dessa concepção seria, segundo o autor, o fato de nós conhecermos o passado, podermos "vê-lo", mas não o futuro. Como só podemos ver o que está na nossa frente, é aí que se encontraria o passado. Contudo, Radden (2003) argumenta que essas noções aparentemente contraditórias da linha do tempo podem ser explicadas pelo modo como nós concebemos tempo – como uma seqüência de unidades (de dias, anos, etc). Essa noção se mostra relevante quando a expressão de tempo envolve o falante/observador, pois tanto na seqüência espacial quanto na temporal o observador pode adotar dois tipos de perspectiva: de alinhamento ou de oposição, como ilustradas a seguir.



O modelo ilustrado acima é o usado por falantes do oeste africano que, segundo Hill (1978 apud RADDEN, 2003), se referem a um dia do final da semana como estando "*na frente/antes*" e um dia do início da semana como estando "*atrás/depois*".

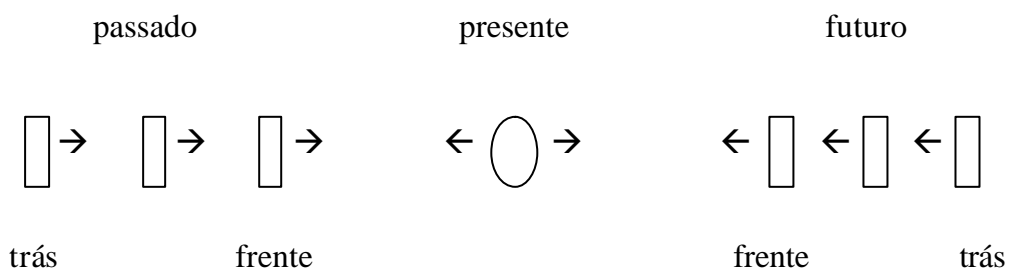


A perspectiva acima representada é a preferida de falantes da cultura ocidental. Tanto a expressão "*anteontem*" quanto "*depois de amanhã*" se encontram em consonância com essa noção de linha do tempo.

Um outro modelo de seqüência de unidades temporais seria aquele em que o observador ocupa um ponto central na linha do tempo, de onde ele pode olhar tanto para o futuro quanto para o passado usando a mesma perspectiva egocêntrica. Esse modelo é evidenciado por expressões do sistema de parentesco francês, segundo o qual a terceira geração é vista como estando atrás da segunda, tanto nas gerações ascendentes quanto nas descendentes (RADDEN, 2003). Exemplos de manifestações lingüísticas e a representação dessa perspectiva são apresentados a seguir:

*arrière-petite-fille* (atrás da neta) = bisneta

*arrière-grand-mère* (atrás da avó) = bisavó



Após esta breve discussão do conceito de tempo como espaço, passo agora a apresentar as noções de tempo como movimento.

#### 4.2.2 O TEMPO COMO MOVIMENTO

Segundo Lakoff e Johnson (1999), o movimento, em nossos sistemas conceptuais, não é compreendido do mesmo modo que na física. Na física, o tempo é considerado um conceito mais primitivo que o movimento e o movimento é definido como uma mudança de lugar ao longo do tempo. Mas, cognitivamente, de acordo com os dois autores acima citados, a situação é inversa. O movimento aparece como sendo primário e o tempo é metaforicamente conceptualizado em termos de movimento. Isto porque há uma área no sistema visual do nosso cérebro dedicada à detecção do movimento, mas não há uma área para a detecção do tempo. Isso significa que o movimento é prontamente percebido e disponibilizado para ser utilizado como domínio-fonte pelos nossos sistemas metafóricos. Em suas explicações de como isso ocorre, Lakoff e Johnson (ibid.) argumentam que o tempo é estruturado em termos de movimento devido ao fato de a nossa compreensão do tempo emergir a partir das nossas experiências de mudança. A mudança, por sua vez, possui um aspecto que envolve o movimento. Quando viajamos, por exemplo, experienciamos mudança de local. A esse tipo de acontecimento, como observam Lakoff e Johnson (ibid.), também corresponde um período de tempo de certa duração. A partir dessa perspectiva, a nossa experiência de tempo – ou seja, a nossa percepção da mudança – baseia-se em experiências mais básicas como ocorrências de movimento. Os dois autores em questão alegam que essa comparação de locais nos pontos iniciais e finais de uma viagem, dá origem à nossa experiência de tempo. Em outras palavras, experiências corpóreas de movimento estruturam parcialmente o domínio mais abstrato TEMPO, o que vem a dar origem à metáfora TEMPO É MOVIMENTO.

Expressões de movimento utilizadas para a noção de tempo (o tempo *passa*, *voa*, etc) apontam para a concepção de tempo como movimento. Vários

pesquisadores (RADDEN, 2003; LAKOFF, 1993, LAKOFF & JOHNSON, 1999 e outros) argumentam que nós utilizamos dois modelos básicos de conceptualização de tempo como movimento: "o tempo em movimento" e "o ego/observador em movimento".

#### 4.2.2.1 O modelo do TEMPO EM MOVIMENTO

À primeira vista, a conceptualização do TEMPO COMO OBJETO EM MOVIMENTO parece coincidir com a visão popular do tempo que *flui*. Entretanto, como aponta Radden (2003), se observarmos expressões como "o ano novo *está chegando*" e "o ano velho *se foi*", concluímos que, segundo a nossa noção de tempo, esse não flui do passado para o futuro, como freqüentemente dizemos, mas sim do futuro para o passado.

O autor acima mencionado observa que essa conceptualização de TEMPO EM MOVIMENTO possui evidência translingüística e pode ser motivada pela visão egocêntrica do ser humano, que se vê como centro do universo e permanece estático no mundo, enquanto o tempo e os eventos passam por ele. Expressões como "a semana que *vem*" e "a semana que *passou*" são manifestações desse modelo de conceptualização do tempo. Essa noção também nos leva a conceptualizar nossa experiência como "transformação": o futuro se transforma em presente e o presente se transforma em passado.

Segundo vários autores (LAKOFF & JOHNSON, 1980/2002; LAKOFF, 1993; LAKOFF & JOHNSON, 1999; RADDEN, 2003) a noção de TEMPO COMO OBJETO EM MOVIMENTO – segundo a qual o tempo recebe uma orientação frente/trás de acordo com a direção do movimento – nos permite conceder ao tempo uma existência independente e, conseqüentemente, as unidades de tempo se orientam umas em relação às outras. Logo temos: "a *próxima* semana" e "a semana *seguinte* (a ela)".

Para Radden (2003), a noção de TEMPO COMO OBJETO EM MOVIMENTO é reminiscência da primeira lei de movimento de Newton, segundo a qual todo objeto



se move uniformemente em linha reta, continuamente, e esse movimento só se altera se alguma força atuar sobre ele. Como não há força atuando sobre o movimento do tempo, ele não é alterado e continua indefinidamente. A única participação do observador é a de espectador a partir de sua posição na linha do tempo. Esse modelo também contribui para a noção de tempo e eventos que ocorrem e evoluem.

Segundo Lakoff e Johnson (1999), a metáfora TEMPO COMO MOVIMENTO apresenta uma variação, na qual o tempo é conceptualizado não em termos de uma multiplicidade de objetos que se movem em seqüência, mas como uma substância que flui. Desse modo, nós falamos do *fluxo do tempo* e freqüentemente conceptualizamos o fluxo linear do tempo em termos de uma substância linear que flui, como um rio. Uma vez que uma substância pode ser medida (nós podemos ter muito ou pouco dela), isso nos permite falar de *muito tempo, pouco tempo, uma grande ou pequena quantidade de tempo*.

#### 4.2.2.2 O modelo do OBSERVADOR EM MOVIMENTO

Nessa conceptualização do tempo, o observador, ao invés de permanecer parado em um local, se move. Ele vem do passado e se move, via presente, para o futuro, enquanto o tempo permanece estático. O local onde se encontra o observador é o presente. Expressões como "estamos nos *aproximando do final do ano*" e "o pior *ficou para trás*" refletem esse modelo temporal. Uma vez que o tempo é um caminho por onde o observador se move, ele abrange uma determinada extensão e pode ser medido. Daí podermos nos referir ao tempo como sendo *curto* ou *longo*. Uma extensão de tempo também pode ter *limites*, conseqüentemente podemos realizar uma ação *dentro* de um determinado tempo.

A conceptualização do tempo estático, apesar de, à primeira vista, ser inconsistente com a visão popular de tempo em movimento, tem seus aspectos motivacionais, uma vez que ela não se apresenta totalmente em desacordo com a

noção de tempo que *flui*, pois o observador se movimenta na direção "certa", segundo a visão popular – do passado para o futuro.

Lakoff e Johnson (1999) argumentam que as diferenças de detalhes entre os dois mapeamentos metafóricos (TEMPO EM MOVIMENTO e OBSERVADOR EM MOVIMENTO) nos mostram que não podemos simplesmente afirmar que expressões espaciais podem ser utilizadas para conceptualizar e falar sobre o tempo, sem especificar detalhes, como se houvesse apenas uma correspondência entre tempo e espaço. Entretanto, quando detalhamos os mapeamentos, descobrimos que se trata de dois mapeamentos distintos e inconsistentes.

Como apontam Lakoff e Johnson (1999), as duas metáforas são aparentemente inconsistentes, uma vez que, em uma, o tempo é conceptualizado como objetos que se movem diante de um observador estático; em outra, o tempo consiste em locais em uma paisagem/ cenário através do qual o observador se move. Entretanto, os dois autores argumentam que, na verdade, os mapeamentos em questão são variantes um do outro. Eles apresentam padrões inversos de figura-fundo. Na metáfora do TEMPO EM MOVIMENTO, o observador é o fundo e o tempo é a figura que se move em relação ao fundo. Enquanto que na metáfora do OBSERVADOR EM MOVIMENTO, o observador é a figura e o tempo é o fundo – o tempo consiste em locais fixos e o observador se move em relação a esses locais.

Além dessa observação, Lakoff e Johnson (1980/2002) argumentam que as duas conceptualizações em questão (TEMPO EM MOVIMENTO e OBSERVADOR EM MOVIMENTO) são subcasos da metáfora TEMPO PASSA POR NÓS e têm em comum uma implicação importante: do nosso ponto de vista, o tempo passa por nós da frente para trás (o tempo é um objeto em movimento e se move em nossa direção; e o tempo é um objeto estático e nós nos movemos através dele na direção do futuro).

Para Radden (2003), o modelo do OBSERVADOR EM MOVIMENTO tem como base a nossa experiência sensório-motora de locomoção. Além disso, ele nos permite relacionar noções de tempo a outros conceitos importantes, em especial

ações movidas por um objetivo. Quando as pessoas decidem se locomover, elas o fazem com um objetivo. O mesmo acontece com a locomoção no tempo, o que é evidenciado com a gramaticalização do verbo de movimento *ir* como um marcador de futuro: "Eu *vou* viajar na semana que vem" ou "*Vai* chover em breve".

Na seção seguinte discuto uma outra conceptualização de tempo frequentemente identificada no cotidiano das pessoas: TEMPO É UM RECURSO.

#### 4.2.3 O TEMPO É UM RECURSO

Como Lakoff e Johnson (1980/2002, 1999) observam, uma das características mais marcantes da cultura ocidental é o fato de o tempo ser conceptualizado, de um modo geral, como um bem/recurso (um recurso não reutilizável). Esses dois autores argumentam que a metáfora TEMPO COMO BEM/RECURSO constitui um mapeamento que se aplica a um esquema conceptual que caracteriza o que vem a ser um bem/recurso. O esquema consiste em uma série de elementos – o recurso, o usuário do recurso, um propósito que exige uma quantidade do recurso, e o valor do propósito – e um cenário que indica a relação entre os elementos. O cenário é formado por um contexto (*background*), pela ação e o resultado. O contexto nos informa que o usuário deseja atingir um propósito, o qual exige uma determinada quantidade de recurso que o usuário possui ou adquire. De posse do recurso, o usuário age e utiliza o recurso para atingir o propósito. Conseqüentemente, a porção utilizada do recurso não se encontra mais disponível para o usuário e seu valor se perde, por outro lado, o usuário ganha o valor do propósito alcançado (LAKOFF E JOHNSON, 1999:161).

Esse esquema caracteriza o que vem a ser um bem/recurso não reutilizável e os conceitos de escassez, eficiência, desperdício e economia são definidos em relação a ele.

Na metáfora TEMPO É UM RECURSO, de acordo com Lakoff e Johnson (1980/2002, 1999), temos um mapeamento dos elementos do domínio do esquema de recurso sobre um esquema TEMPO COMO RECURSO no domínio-alvo, sendo possível identificar as seguintes correspondências:

o recurso _____	TEMPO
o propósito que exige o recurso _____	o propósito que exige TEMPO
o valor do recurso _____	o valor do TEMPO
o valor do propósito _____	o valor do propósito

Como consequência desse mapeamento, palavras cujos significados são definidos relativamente ao esquema do recurso, como é o caso de *desperdiçar, economizar, valor, reserva*, e outras, adquirem um significado no domínio TEMPO. Por essa razão faz sentido, em nossa cultura, falar sobre *desperdício* de tempo e *economia* de tempo. Em culturas onde o tempo não é conceptualizado como recurso, tais expressões não fariam sentido (LAKOFF E JOHNSON, 1999:162).

Um dos mapeamentos metafóricos de tempo mais evidentes em nossa cultura, como apontam vários autores (LAKOFF & JOHNSON, 1980; KOVECSES, 2002; BROWN, 2003), é TEMPO É UM RECURSO LIMITADO, que constitui uma submetáfora da metáfora geral TEMPO É UM RECURSO.

Uma outra subcategoria dessa metáfora seria TEMPO É DINHEIRO. Segundo Lakoff e Johnson (1980/2002) e Brown (2003), não precisamos ir muito longe para encontrarmos a origem desse conceito metafórico: na cultura ocidental moderna, o trabalho é normalmente associado ao tempo que toma e é quantificado com precisão (as pessoas são, muitas vezes, pagas por hora de trabalho feito). Além disso, TEMPO É DINHEIRO de várias outras formas: unidades de chamadas telefônicas, taxas diárias de hotel, orçamentos anuais, juros sobre empréstimos e pagamentos de dívidas. Pelo fato de concebermos o tempo como um recurso limitado e, conseqüentemente, um bem valioso, ou seja, dinheiro, nós compreendemos e experienciamos o tempo como algo que pode ser *gasto, desperdiçado, orçado, bem ou mal investido, poupado ou liquidado*.

Na próxima seção, apresentarei algumas noções de tempo no senso comum.

### 4.3 O TEMPO E O SENSO COMUM

Além dos estudiosos que investigam os conceitos metafóricos de tempo a partir da teoria conceptual da metáfora, outras pessoas já discutem essa mesma questão dentro de uma visão não teoricamente informada, porém, bastante reveladora. Podemos dizer que essa visão faz parte do senso comum, pelo menos dentro de uma comunidade discursiva que inclui o tempo em suas discussões.

O senso comum é um tipo de saber prático, segundo Hryniewicz (1996), e surge da vivência individual ou coletiva. Ele surge da tentativa de resolver de forma imediata os problemas que o homem encontra no seu cotidiano. Daí resulta um saber espontâneo e superficial que, ao contrário do saber científico, não atinge as causas dos fenômenos aos quais se refere, mas toca o lado imediato, pragmático e aparente das coisas.

Essa forma de saber superficial pode receber vários nomes: saber popular, saber empírico e saber espontâneo ou natural. Platão chamava-o opinião (dóxa); Aristóteles se referia a esse saber com o nome de senso comum e os filósofos costumam chamá-lo assim até hoje (HRYNIEWICZ, 1996).

Podemos encontrar na mídia, por exemplo, conceitos de tempo informados pelo senso comum. Apresentarei a seguir alguns exemplos.

Sara C, em um texto intitulado *A vida feita de tempo* (publicado no *Jornal do Brasil* em 5 de junho de 2002), apresenta os seguintes conceitos de tempo:

- **Tempo como amo e senhor.** O tempo funciona como um ditador na vida das pessoas, que só fazem aquilo que o tempo permite.
- **Tempo como inimigo.** O tempo é algo que precisa ser derrotado, conduzindo a pessoa a um estilo de vida agitado, sempre de olho no relógio.
- **Tempo como escravo.** A pessoa preocupa-se com o controle do tempo.

- **Tempo como juiz.** É o relógio que indica os momentos de alegria, prazer, dever, trabalho.

O que é interessante é que, sem saber, a autora está explicitando algumas metáforas referentes ao tempo que parecem fazer parte de nossa cultura. Em vez de utilizar o termo "metáforas" a autora se refere a essas como "as imagens mais comuns que se tem sobre o tempo". A propósito, parece haver no senso comum uma associação entre metáfora e imagem.

A professora Branca Maria Sampaio, ao elaborar um "teste" (*Você sabe administrar seu tempo?*)<sup>8</sup> para que as pessoas descubram qual sua relação com o tempo, também apresentou os conceitos de **tempo como amo e senhor, tempo como escravo, tempo como inimigo**, e a esses acrescentou **tempo como aliado e tempo como mistério**, segundo o qual o tempo é encarado como desconhecido e algo difícil de lidar.

Investigar esses conceitos metafóricos informados teoricamente ou pelo senso comum representa um dos objetivos deste estudo.

Passo, a seguir, a apresentar e discutir a abordagem metodológica utilizada no presente estudo.

---

<sup>8</sup> (<http://fantástico.globo.com/Fantástico>. último acesso 21/02/05)

## **5 METODOLOGIA**

Neste capítulo descreverei a metodologia aplicada à pesquisa no que diz respeito ao processo de coleta dos dados.

A presente pesquisa utiliza o paradigma interpretativista como base para a investigação e, dentro desse, faz uso de duas técnicas de coleta de dados: o protocolo verbal em grupo ou evento social de leitura e a entrevista semi estruturada. Dito isto, apresento, na próxima seção, uma breve discussão sobre o paradigma interpretativista para, a seguir, tratar dos instrumentos de coleta de dados e do contexto da pesquisa.

### **5.1 Paradigma interpretativista**

Segundo o paradigma interpretativista de pesquisa, todo conhecimento é relativo, e há um elemento subjetivo em todo conhecimento e toda pesquisa. Em vista disso, esse paradigma tem sido, mais recentemente, bastante utilizado nas ciências sociais, fato que pode ser justificado pelas palavras de Fosnot (1998: 40): "...nós, seres humanos, não temos acesso a uma realidade objetiva, já que estamos constantemente construindo uma nova versão dessa realidade enquanto, ao mesmo tempo, a transformamos e a nós mesmos".

Há, no paradigma interpretativista, uma preocupação em compreender o comportamento humano a partir do ponto de referência do próprio ator (NUNAN, 1992). Esse paradigma de pesquisa envolve observação naturalista, não controlada, subjetiva e é orientado para o processo. Abordagens interpretativistas lidam particularmente com o que as ações significam para as pessoas engajadas nelas (CHAUDRON, 1988; MC DONOUGH & MC DONOUGH, 1997). Assim sendo, tais pesquisas são realizadas em ambientes naturais ao invés de fazer uso de grupos experimentais e de controle. O foco da pesquisa qualitativa concentra-se no particular (VAN LIER, 1988), ou seja, no entendimento profundo do contexto social investigado, que só é possível através de uma abordagem êmica - o observador interage com os sujeitos da investigação a fim de apreender os significados atribuídos pelos últimos aos eventos observados - sem almejar generalizações positivistas.

Ao invés de alegar que o que quer que tenha sido descoberto deve ser verdadeiro para a população em geral, o investigador naturalista alega que qualquer que seja a compreensão ganha com um estudo pode vir a esclarecer questões para outras pessoas envolvidas em contextos que apresentam pontos em comum.

## **5.2 A técnica introspectiva**

O termo introspecção, usado em Psicologia e em Linguística Aplicada, refere-se genericamente a diferentes métodos de investigação dos processos mentais (CAVALCANTI, 1989). A pesquisa introspectiva "centra-se nos processos e estratégias subjacentes ao uso da linguagem" (MOITA LOPES, 1996). Ou seja, ela permite que se obtenha uma intravisão dos processos conscientes do pensamento do(s) sujeito(s) em uma tarefa específica de uso da linguagem (MOITA LOPES, 1996; CAVALCANTI, 1989; COHEN, 1989; FAERCH & KASPER, 1987). De fato, como Cavalcanti e Zanotto (1994) colocam, a introspecção é usada como um termo



guarda-chuva, pois se refere a todas as ferramentas ou métodos introspectivos usados na tentativa de se compreender os processos mentais humanos. Para que se obtenha essa compreensão dos processos conscientes do pensamento dos sujeitos há, segundo Cohen (1989:4), três grupos de técnicas introspectivas, a saber:

1. *Auto-observação* (introspecção propriamente dita) – O analista-observador relata seus próprios eventos mentais.
2. *Auto-relato ou autopercepção* (retrospecção) – Generalizações feitas pelos sujeitos sobre comportamentos de aprendizagem e/ou uso da língua; normalmente sem relação com uma ação concreta. Ou seja, os sujeitos contam sua experiência ao pesquisador.
3. *Auto-revelação* (protocolos verbais) – Relatos que nem são descrições de comportamentos gerais nem são baseados no exame de comportamentos específicos. Consiste no desvelamento de processos de pensamento enquanto se presta atenção à informação com a qual se está interagindo. Em outras palavras, os sujeitos pensam em voz alta enquanto realizam uma tarefa. É também chamado de "pensar alto".

Dentre os métodos introspectivos aquele que realmente tem sido reconhecido como uma ferramenta introspectiva na literatura é o relato ou protocolo verbal (CAVALCANTI & ZANOTTO, 1994). O pensar alto é a técnica na qual os sujeitos pensam em voz alta enquanto realizam uma tarefa. Esse pensar alto é gravado em fita de áudio e depois transcrito na íntegra gerando documentos escritos denominados protocolos verbais (FAERCH & KASPER, 1987; CAVALCANTI, 1989; COHEN, 1989). Desse modo, a análise do mesmo, segundo Cohen (1989:2), "representa uma direção nova quanto à metodologia de pesquisa em Linguística Aplicada".

Como conceituado por Zanotto (1998:18):

O protocolo consiste, então, no relato verbal dos processos conscientes do pensamento dos informantes. Em outras palavras, consiste no *pensar alto* do informante enquanto realiza uma tarefa,

seja ela a leitura de um texto, a compreensão de um conceito lingüístico ou lógico, a resolução de um problema matemático, etc.

Ainda segundo Cavalcanti e Zanotto (1994), o *pensar alto* ou *protocolo verbal* deve ser considerado como relato tipo "fluxo da consciência" (idêntico ao que Cohen já havia afirmado em seu artigo), semelhante aos relatos terapêuticos da psicanálise. Portanto, deve haver nos contextos de coleta de dados de protocolo verbal, um espaço para a espontaneidade, sem rigidez dos pesquisadores, o que poderia dificultar, e muito, a coleta dos dados, pois, como as mesmas afirmam, na coleta de dados a "introspecção deve ser vista como um encontro social, não como um encontro de laboratório" (CAVALCANTI & ZANOTTO, 1994:149).

### 5.2.1 O pensar alto em grupo

O uso do pensar alto ou protocolo verbal, na presente pesquisa, apresentará uma inovação, ou seja, uma adaptação feita por Zanotto (1998) da técnica do pensar alto, que tratarei a seguir.

Zanotto (1998), afirma que em seus trabalhos anteriores utilizava o pensar alto ou protocolo verbal individual. Entretanto, como ela coloca:

O protocolo verbal apresenta limites no sentido de ser disruptivo do processo de compreensão e por não propiciar condições favoráveis para uma produção mais rica de significação (ZANOTTO, 1998:20).

Ou seja, o protocolo verbal tradicional, com o mínimo de interação do pesquisador e dos sujeitos envolvidos no evento de leitura, não permite que diferentes leituras sejam compartilhadas, enriquecendo as individuais.

Desta forma, Zanotto começou a utilizar a modalidade de pensar alto em grupo. Nesse tipo de protocolo o que ocorre é "um pensar alto colaborativo em

grupo na construção dos significados do texto" (ZANOTTO, 1998:20). Isto é, como Zanotto (1998:21) mesmo explica:

O texto é distribuído aos participantes do grupo, que fazem, num primeiro momento, uma leitura individual silenciosa e anotam [ou não] as idéias que vieram à mente. Logo em seguida se inicia a discussão, na qual cada um pode dizer livremente o que quiser a respeito do texto e do seu processo de leitura.

Portanto, por meio desse protocolo torna-se possível verificar como se constroem e se socializam os diferentes significados numa interação face-a-face. Cabe ainda ressaltar que nenhuma direção prévia sobre a leitura é dada pelo pesquisador aos sujeitos envolvidos, já que as idéias sobre o texto devem fluir livremente. O pesquisador apenas coordena a discussão.

Sendo assim, essa modalidade de protocolo em grupo, como Zanotto (1998) mesmo afirma, é, na verdade, um evento social de leitura, no qual os leitores partilham, negociam, constroem suas diferentes leituras. Dito isto, penso ser necessário um breve esclarecimento sobre o processo social de leitura, o que farei a seguir.

A leitura é vista por vários autores (BLOOME, 1983; WALLACE, 1989; MAYBIN & MOSS, 1993; MOITA LOPES, 1998) como um processo social porque o modo como as pessoas lêem será sempre afetado pela forma que o texto atua em suas vidas sociais, já que lêem a partir de um lugar social, cultural e historicamente marcado (MOITA LOPES, 1998). E como apontam Maybin e Moss (1993), as leituras são, na maioria das vezes, construídas, constatadas e negociadas através da conversa sobre os textos, quando os mesmos são estruturados novamente durante seu comentário conjunto.

Bloome (1983) argumenta que, como processo social, a leitura é vista como uma atividade pela qual as pessoas se orientam em relação umas às outras, comunicam idéias e emoções, controlam os outros, adquirem status ou posição social, adquirem acesso a privilégios sociais e engajam em vários tipos de interação

social. Ainda, segundo o autor, podemos ver o evento social de leitura como parte de um processo de construção de uma semiótica social e como parte do processo de compartilhar um sistema de sentidos próprio de uma cultura (BLOOME, 1983).

Portanto, acredito que o protocolo verbal em grupo ou evento social de leitura constitui uma metodologia adequada para o que proponho nesta investigação. Uma vez que as pessoas engajadas em um evento social de leitura comunicam idéias e emoções e compartilham um sistema de sentidos próprio de sua cultura, penso que a análise do discurso<sup>9</sup> dessas pessoas pode revelar que conceitos metafóricos as mesmas possuem. Assim sendo, para o propósito desta investigação, foram promovidos eventos sociais de leitura, tendo como participantes seis mulheres na minha faixa etária, às quais foram distribuídos textos de gêneros diversos, cujo tema era o tempo. A partir daí, foi realizada a análise do discurso das participantes com o propósito de identificar as expressões lingüísticas metafóricas utilizadas pelas mesmas ao falarem sobre o tempo. Essas metáforas, por sua vez, me levaram às conceptualizações de tempo subjacentes às tais expressões.

### **5.3 A entrevista**

Além do pensar alto em grupo, o outro instrumento de coleta de dados utilizado no presente estudo foi a entrevista, mais especificamente, a entrevista semi estruturada. Cohen et al (2000) definem a entrevista como sendo

uma conversa entre duas pessoas, iniciada pelo entrevistador, com o propósito específico de obter informações relevantes à pesquisa, e por ele focalizada no conteúdo determinado pelos objetivos da investigação, que podem ser de descrição, previsão ou explicação sistemáticas. (COHEN et al, 2000:307-308).

---

<sup>9</sup> Na presente investigação, utilizo o termo *discurso* com base em Cameron (2003), referindo a linguagem em uso (oral ou escrita)

As entrevistas, ainda segundo os autores, variam desde a entrevista formal, na qual perguntas pré-estabelecidas são apresentadas ao entrevistado e as respostas são registradas seguindo uma agenda padronizada, passando pelas entrevistas menos formais, nas quais o entrevistador pode modificar a seqüência das perguntas, mudar as palavras, explicá-las ou adicionar questões, até as entrevistas completamente informais, nas quais o entrevistador possui um papel subordinado.

Como qualquer outro instrumento de coleta de dados, a entrevista apresenta vantagens e desvantagens, que podem ser contornadas. Algumas das vantagens seriam: a entrevista permite um maior aprofundamento do assunto em questão, que pode ser conduzido pelo entrevistador; ademais, o entrevistado tem a oportunidade de esclarecer qualquer dúvida, uma vez que se trata de uma interação face-a-face, o que não acontece com os questionários, por exemplo. Outra vantagem sobre os questionários é o fato de a entrevista poder ser utilizada com participantes não alfabetizados, que é o caso da presente investigação. Dentre as desvantagens, a mais freqüentemente abordada pelos estudiosos seria a questão: ‘até que ponto uma pergunta pode influenciar o entrevistado, de modo que em sua resposta ele diga aquilo que ele pensa que o entrevistador quer ouvir, o que, muitas vezes, não coincide com a verdade dos fatos’. Como apontam vários autores (COHEN ET AL, 2000; RICHARDS, K, 2003; entre outros), esse problema pode ser evitado se a entrevista for planejada com rigor.

A entrevista, segundo Tuckman (1972, citado em COHEN et al, 2000), constitui uma técnica de pesquisa que pode ser utilizada como principal meio de coleta de informações, uma vez que ela pode manter uma relação direta com os objetivos da pesquisa. Pois, como Tuckman (ibid.) observa

ao fornecer acesso ao que se encontra “na mente das pessoas”, a entrevista torna possível medir o que uma pessoa conhece (conhecimento ou informação), do que uma pessoa gosta ou não (valores e preferências) e o que uma pessoa pensa (atitudes e crenças) (COHEN et al, 2000:309).

Assim sendo, a entrevista constitui um instrumento de coleta de dados adequada para a presente investigação, uma vez que os nossos valores, atitudes e crenças se encontram intimamente relacionados às nossas conceptualizações metafóricas (cf. 2.2).

### **5.3.1 A entrevista semi estruturada**

As entrevistas semi estruturadas, como observam Selltiz et al (1987), combinam perguntas abertas e fechadas, onde o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento oportuno, a discussão para o assunto que o interessa, fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o entrevistado tenha divergido do tema ou tenha dificuldade com ele.

## **5.4 Descrição do corpus**

O corpus utilizado na presente pesquisa provém de três diferentes fontes: discurso midiático escrito, discurso feminino urbano oral e discurso feminino rural oral, perfazendo um total de aproximadamente 50.000 palavras.

O discurso midiático escrito consiste em textos publicitários e textos reflexivos (depoimentos de leitoras) publicados em revistas voltadas para o público feminino, adulto de classe média. A maior parte dos textos utilizados foi veiculada nas revistas *Cláudia*, *Elle*, *Nova* e *Revista de domingo* de *O Globo* entre os anos de 2002 e 2006.

O discurso oral foi obtido com o uso de duas metodologias de coleta de dados diferentes (pensar alto em grupo e entrevista semi estruturada, resultando em narrativas de vida) e envolvendo a gravação em áudio do discurso de 11 participantes femininas adultas com idade entre 48 e 58 anos: 6 habitantes de zona urbana e 5 habitantes de zona rural. As gravações foram manualmente transcritas por mim.

É importante observar que a escolha do corpus foi motivada pelas hipóteses que nortearam as perguntas desta pesquisa, ou seja, as hipóteses de que: 1) pode haver uma articulação entre o modo como mulheres de classe média conceptualizam o tempo e as conceptualizações de tempo que subjazem ao discurso midiático voltado para essas mulheres, e 2) pode ser que mulheres pertencentes a diferentes subculturas – habitantes de zona urbana e habitantes de zona rural – apresentem diferenças em suas conceptualizações do tempo.

## **5.5 Contexto de pesquisa e a coleta de dados**

A coleta de dados do discurso oral urbano, utilizando o pensar alto em grupo, foi realizada em minha própria casa, na cidade de Petrópolis, Rio de Janeiro, onde promovi eventos sociais de leitura com dois grupos de três mulheres adultas, de classe média e na minha faixa etária (com idade entre 48 e 58 anos). O motivo da escolha desse local de coleta de dados está diretamente relacionado à escolha da metodologia. Para que as gravações fossem feitas, o local deveria ser apropriado para tal. Não se tratou, obviamente, de criar uma espécie de laboratório, pois a intenção foi promover um evento social onde as participantes pudessem espontânea e descontraidamente atuar na leitura dos textos. Durante os encontros, as participantes leram dois poemas e uma crônica relacionados ao tema TEMPO (cf. **apêndices 1, 2 e 3**) e conversaram sobre os textos. Três imagens visuais também relacionadas ao tema TEMPO (cf. **apêndice 4**) foram apresentadas e discutidas.

Entretanto, após algum tempo as discussões evoluíram para histórias de vida das participantes.

A coleta de dados do discurso oral rural foi realizada em uma fazenda no interior do estado de Minas Gerais, onde moram as cinco participantes desse segmento da pesquisa. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semi estruturadas. O método de coleta não pôde ser o mesmo utilizado com o outro grupo de participantes pelo fato de nem todas as participantes rurais serem familiarizadas com eventos discursivos letrados. As participantes foram entrevistadas individualmente e uma grande parte do discurso consistiu na resposta à pergunta: “Fale sobre a sua vida: infância, adolescência e vida adulta.” Boa parte do discurso produzido pode ser categorizada como o que Wolfson (1976) denomina “narrativa conversacional”, na qual o papel do pesquisador é simplesmente encorajar o entrevistando a falar livremente, a introduzir seus próprios tópicos, e a contar histórias (1976:196). Eu interfeiri o mínimo possível, apenas quando o tema TEMPO era abordado e quando havia a necessidade de elaborar o tópico. Assim como na conversa sobre textos, as entrevistas semi estruturadas também resultaram em histórias de vida das participantes.

## **5.6 Participantes da pesquisa**

As participantes urbanas são seis mulheres brasileiras, pertencentes à classe média, todas na mesma faixa etária (entre 48 e 58 anos). Quatro dessas mulheres são casadas, têm filhos já adultos, nenhum deles casado. Das outras duas participantes, uma é solteira e a outra divorciada e tem três filhos. Quanto às ocupações das participantes, há duas professoras de inglês, sendo que uma delas, na ocasião dos encontros, estava desempregada. Há uma dona de casa, uma advogada, uma artista plástica e uma psicóloga.



As participantes rurais são cinco mulheres brasileiras, pertencentes a uma classe social menos favorecida, também na mesma faixa etária (entre 48 e 58 anos). Quatro delas são casadas e têm filhos (três delas têm quatro filhos e a outra tem treze filhos), duas têm netos. A quinta mulher é solteira e tem três filhas, todas adultas, sendo que duas delas são casadas. As cinco participantes são trabalhadoras rurais, não possuem casa própria, moram em casas alugadas ou pertencentes ao patrão, dono das terras onde trabalham.

Na próxima seção discutirei a abordagem metodológica utilizada no que diz respeito à análise dos dados.

### **5.7 Metodologia da análise do corpus**

Os dados coletados para a presente investigação foram analisados com base em Cameron (2003, 2006), Charteris-Black (2004, 2005) e Musolff (2004), seguindo metodologia desenvolvida para pesquisar metáfora em discursos produzidos em situações reais de uso da língua. Assim sendo, discuto, a seguir, as metodologias desenvolvidas por esses três pesquisadores e suas respectivas unidades de análise.

### **5.8 MIV (Identificação da metáfora através do veículo)<sup>10</sup>**

Ao desenvolver sua metodologia de análise da metáfora, Cameron (2003, 2006) parte da premissa de que o uso da metáfora não é arbitrário, e que, ao usarem metáforas, as pessoas revelam algo sobre suas conceptualizações (conscientes ou não), valores e sentimentos, premissa essa compartilhada pelos defensores da Teoria

---

<sup>10</sup> Metaphor Identification through Vehicle terms

da Metáfora Conceptual (TMC). A autora também acredita que a mente humana trabalha com redes de idéias conectadas entre si, e que a experiência corpórea produz correlações com o pensamento e a linguagem, correlações essas que podem dar origem a expressões metafóricas convencionais (conceito de metáfora primária de Grady, 1999).

Cameron (2006) introduz o conceito de *METÁFORA SISTEMÁTICA*, que, segundo ela, se refere a

mapeamentos dinâmicos que refletem uma estabilidade temporária no uso da língua... A metáfora sistemática é relativa ao evento de discurso em questão e aos participantes específicos... Reflete tendências de pensamento que são ativadas e se desenvolvem no decorrer do evento discursivo (CAMERON, 2006:3).<sup>11</sup>

Em outras palavras, Cameron discorda da idéia de que as metáforas constituam apenas mapeamentos fixos e estáveis, anteriores aos usos lingüísticos e comuns aos membros de uma comunidade lingüística, como advogam Lakoff e Johnson (1980/2002) e vários outros estudiosos da metáfora. Uma das principais diferenças entre a metáfora conceptual e a metáfora sistemática é que a última seria relativa especificamente a um dado evento discursivo e aos seus participantes. Segue um exemplo de uma metáfora sistemática de um discurso de Tony Blair, ex-primeiro ministro britânico, analisado por Cameron (2007):

*COMPREENDER O OUTRO É CORRIGIR UMA IMAGEM DISTORCIDA*

Chegou-se a essa metáfora sistemática por meio das seguintes metáforas lingüísticas:

*...se você não está vendo um ser humano na sua frente/se tudo o que você vê é um inimigo...*

*...nunca é o quadro completo...*

---

<sup>11</sup> 'Systematic metaphors are dynamic mappings that reflect a temporary stabilization in on-line language use... Claims for systematic metaphors are made relative to the actual discourse events and specific participants... It is held to reflect tendencies of thought that are activated and developed in the discourse event as it happens.'

*...nós sempre estaremos lidando com uma redução ou uma caricatura...  
...você tem uma visão distorcida de mim...  
...às vezes você pode até vislumbrar...<sup>12</sup>*

Como é possível perceber, metáforas sistemáticas consistem em grupos de metáforas semanticamente ligadas, cuja denominação deve ser cuidadosamente escolhida pelo analista, de modo a refletir o sentido coletivo das metáforas lingüísticas, mantendo as palavras utilizadas e, ao mesmo tempo, captando a idéia geral (CAMERON, 2006).

A metodologia de análise em questão foi desenvolvida por Cameron, tendo em vista a análise de metáforas sistemáticas. Entretanto, como a própria autora observa, “as metáforas conceptuais são evidenciadas a partir de metáforas lingüísticas cumulativas, em um processo de identificação semelhante àquele das metáforas sistemáticas” (CAMERON, 2006:2). Assim sendo, apesar de, nesta investigação, eu pesquisar metáforas conceptuais, adoto a metodologia de pesquisa desenvolvida por Cameron (2006) para analisar metáforas sistemáticas, mas que, segundo ela, como visto anteriormente, também pode ser utilizada para a identificação de metáforas conceptuais.

O primeiro passo da análise é a identificação de metáforas lingüísticas para, a seguir, passar-se às inferências sobre sistemas de domínios conceptuais. É importante observar que, na segunda etapa da análise, o procedimento é de inferência e não de identificação, por tratar-se de sistemas subjacentes que, acredita-se, possam ser revelados através da análise das expressões lingüísticas metafóricas.

Vale ressaltar, no entanto, que a identificação de metáforas lingüísticas na linguagem em uso não constitui uma tarefa simples e, como Cameron (1999:115) adverte, aqueles pesquisadores que desejarem identificar expressões metafóricas no discurso devem utilizar critérios bastante precisos no que diz respeito ao que pode

---

<sup>12</sup> *...if you're not seeing a human being in front of you/if all you're seeing is an enemy ... it's never the whole picture... we're always going to be dealing with some reduction/or a caricature... got a distorted picture of me...sometimes you get a... like a glimpse*

ser considerado metáfora e ao que não pode ser considerado metáfora. A autora sugere uma série de procedimentos a serem seguidos para a identificação de metáforas lingüísticas no discurso, os quais foram observados na presente análise:

- A. Em um primeiro momento, realizar uma leitura superficial procurando fazer um rastreamento de termos usados metaforicamente.
- B. Fazer uso das condições necessárias para se identificar metáforas lingüísticas potenciais.
- C. Desconsiderar, como não metáforas, aparentes incongruências originadas de erros.
- D. Impor condições de limite para excluir certos tipos de metáforas potenciais.

(CAMERON, 1999:116)

Segundo Cameron (1999, 2003), as condições básicas necessárias para identificarmos metáforas lingüísticas (mencionadas no item B) seriam a incongruência entre domínios e a possibilidade de transferência de significado. Ou seja, é necessário que haja incongruência entre os domínios quando o domínio de um item lexical (fonte) for usado para referir a outro domínio (alvo). Além disso, a incongruência deve ser passível de resolução e proporcionar a compreensão do alvo em termos da fonte (CAMERON, 1999:118). Cabe aqui uma breve discussão sobre a noção de incongruência, uma vez que essa ocupa lugar central no que diz respeito à identificação de metáforas lingüísticas.

Segundo Kittay (1991), a visão geral de que a metáfora envolve algum tipo de incongruência é tão antiga quanto o tratamento dado por Aristóteles ao assunto. Porém, como observa a autora, essa visão tem sido questionada por estudos mais específicos: alguns estudiosos criticam os mecanismos utilizados para especificar a anomalia, outros dizem poder identificar orações não desviantes que podem ser usadas metaforicamente, como é o caso de provérbios e expressões idiomáticas. Entretanto, como afirma Kittay (1991), tais críticas não se sustentam quando se desvencilha a unidade metafórica da unidade gramatical.

Em sua discussão sobre incongruência, Kittay (1991) afirma que a noção de campo semântico fornece uma base para compreendermos a metáfora lingüística. A

autora observa que a noção de campo semântico é baseada na crença empiricamente apoiada de que as palavras de uma língua podem ser agrupadas de acordo com seu conteúdo conceitual. Para Kittay (1991), a incongruência é o resultado direto da união de campos semânticos incompatíveis, que no discurso de primeira ordem – quando a interpretação é literal/convencional, ou seja, onde se leva em consideração o significado da sentença a partir do significado das palavras – são mantidos distintos. Quando interpretamos uma metáfora, nós transferimos as relações que um termo mantém com outros termos em um campo semântico para um segundo campo semântico, forçando uma reorganização do segundo (KITTAI, 1991:55).

Para Kittay (1991), entretanto, não há incongruência envolvida no uso de termos adotados como técnicos – por exemplo, o sentido legal de "pessoa", quando uma corporação é tida como uma pessoa; ou no uso de termos matemáticos como "anel" ou "cadeia". A autora alega que, nesses casos, os termos são governados por convenções específicas, diferentes daquelas que governam seus usos mais comuns, mas que empregam certos elementos de seu uso literal (alguns traços são apagados e outros são adicionados). Essa visão da autora parece justificada, uma vez que sua preocupação é com a identificação de metáforas lingüísticas e não com metáforas conceptuais. Entretanto, como o meu objetivo maior é inferir as metáforas conceptuais que subjazem às expressões lingüísticas metafóricas convencionais ou não, na presente análise, baseio-me em Cameron (2006) e considero que há incongruência envolvida no uso de termos técnicos, pois tais incongruências – condições básicas para a identificação de metáforas lingüísticas – poderão nos levar aos mapeamentos cognitivos subjacentes.

As condições básicas necessárias para que haja uma expressão metafórica se aplicam a uma categoria ampla que inclui símiles, metonímias e expressões metafóricas cristalizadas. Na análise em questão, em um primeiro momento, esses tropos serão computados como metáfora sempre que o contraste entre os domínios-fonte e alvo puder ser demonstrado/evidenciado. Posteriormente, entretanto, essa

categoria abrangente – metáfora lingüística – poderá ser subcategorizada para efeito explanatório.

Na literatura contemporânea sobre metáfora, como observam alguns autores (STEEN, 1999; CAMERON, 1999, 2003), metáforas lingüísticas são geralmente exemplificadas com o uso de substantivos, mas evidência empírica sugere que metáforas verbais podem ser ainda mais comuns do que metáforas nominais em muitos tipos de discurso. Na identificação de um verbo como foco de uma metáfora lingüística, a incongruência se dá entre o domínio dos substantivos que convencionalmente co-ocorrem com o verbo e o domínio do substantivo co-ocorrente no discurso em questão. Exemplificando:

*Alimentação saudável pode ajudar a vencer as ações do tempo.*

Nesse caso, observa-se uma incongruência entre o domínio de *ações do tempo* e o domínio de substantivos (que, sintaticamente, agem como objetos diretos) que convencionalmente co-ocorrem com o verbo *vencer*, como, por exemplo, *guerra, inimigo, batalha*.

Além de substantivos e verbos, preposições também exigem consideração na busca por expressões metafóricas, e sua identificação como foco de metáforas lingüísticas segue o procedimento usado para verbos. Alguns exemplos seriam:

*...naquele momento ela fez o que ela achava que deveria ser feito...*

*...nessa idade a memória é um empecilho...*

Nos dois casos observa-se uma incongruência entre o domínio da preposição *em*, normalmente seguida por um substantivo que designa lugar (que, sintaticamente, representa o complemento da preposição), e o domínio de *momento* e *idade*, ou seja, domínio TEMPO.

Os contextos lingüísticos e não lingüísticos também devem ser cuidadosamente observados, pois, como aponta Cameron (2003), a metáfora não é inerente à palavra e nem necessariamente ao contraste alvo-fonte, mas ela pode ser identificada no contexto lingüístico imediato através do uso de outras palavras

relacionadas ao domínio-fonte e também através de atos não-lingüísticos ou não-verbalizados.

Outra maneira pela qual a expressão metafórica encontrada no discurso pode desviar-se dos exemplos típicos encontrados na literatura é a ausência do termo alvo no discurso. Em tais casos, o termo alvo não explícito deve ser resgatado por meio de pistas presentes no co-texto ou no contexto discursivo. Um exemplo seria o enunciado “*Chegou o trator*”, produzido para anunciar a chegada de uma pessoa considerada desastrada pelos outros membros do grupo. Nesse caso, o termo alvo é o próprio referente.

Uma vez que, na presente pesquisa, o meu objetivo é investigar como as pessoas utilizam expressões metafóricas e metonímicas para falar sobre o TEMPO, as expressões contendo as palavras-chave TEMPO, IDADE, ANOS, ÉPOCA, MOMENTO, ENVELHECER, ENVELHECIMENTO – todas pertencentes ao domínio-alvo TEMPO –, foram analisadas com o intuito de identificar as metáforas lingüísticas utilizadas tanto no corpus midiático como no corpus produzido pelas participantes do estudo. É importante observar que, como as palavras-chave acima mencionadas pertencem a um mesmo domínio, todas elas podem ser usadas metonimicamente, inserindo-se em conceitos como ‘todo pela parte’ (TEMPO/ÉPOCA, ANOS, MOMENTO etc.), ‘parte pelo todo’ (ANOS, ÉPOCA, MOMENTO/TEMPO), ‘efeito pela causa’ (ENVELHECER, ENVELHECIMENTO, IDADE/TEMPO) e ‘causa pelo efeito’ (TEMPO/ IDADE, ENVELHECIMENTO, ENVELHECER<sup>13</sup>) (cf. capítulo 3).

---

<sup>13</sup> Envelhecer =ficar mais velho. *Velho* pode ter dois sentidos: 1) objeto do agente TEMPO (nesse caso todos nos tornamos igualmente velhos, pois o tempo passa igualmente para todos) e 2) marcado fisicamente pelo agente TEMPO (não envelhecemos igualmente, pois o tempo pode ou não deixar suas marcas em nossos corpos. Daí as expressões “*ela está envelhecida*” – as marcas do tempo são fortes/muitas – e “*ela está envelhecendo bem*” – não há muitas marcas do tempo). Na presente pesquisa, os termos *envelhecer*, *envelhecimento*, *envelhecido* analisados foram aqueles utilizados com o segundo sentido, ou seja, usados metonimicamente, representando a relação efeito pela causa (marcas pelo tempo).

Como mencionado anteriormente, na análise em questão, as metáforas lingüísticas foram identificadas através dos termos fonte (cf. **apêndice 5**). E para que se pudesse avançar da metáfora lingüística para a metáfora conceptual, subseqüentemente à identificação do termo fonte, os seguintes procedimentos foram realizados:

I) Os termos fonte, que constituem as metáforas lingüísticas, foram selecionados e separados em grupos de domínios-fonte, com base em campos/domínios semânticos, os quais foram devidamente nomeados. Alguns exemplos de domínios-fonte identificados a partir de termos fonte na presente investigação: **objeto em movimento** – a partir dos seguintes termos fonte: *aproximando, indo, movimenta, passa, segue, vai, volta*; **agente** – a partir dos seguintes termos fonte: *amplia, dá liberdade, causa, controla, cura, interfere, muda, etc.*; **inimigo** – a partir dos seguintes termos fonte: *inimigo, contra, luta, travando uma luta*.

II) O segundo passo seria a identificação do domínio-alvo. Entretanto, na presente pesquisa, o domínio-alvo TEMPO já havia sido pré-estabelecido, uma vez que se trata do objeto desta investigação.

III) A partir do relacionamento entre o domínio-alvo e os domínios-fonte foi possível inferir uma série de metáforas conceptuais subjacentes. Seguem alguns exemplos: O TEMPO É AMIGO, O TEMPO É ESPAÇO, O TEMPO É OBJETO QUE SE MOVE, O TEMPO É AGENTE MODIFICADOR, O TEMPO É RECURSO/BEM, O TEMPO É UMA SITUAÇÃO A SER EXPERIENCIADA, O TEMPO É INIMIGO, O TEMPO É CAUSADOR.

A seguir apresento uma breve discussão sobre a Análise Crítica da Metáfora, a qual foi utilizada como base para a explicação para as metáforas específicas reveladas nesta pesquisa, assim como para a análise do potencial ideológico do uso da metáfora no discurso. A análise ideológica no que diz respeito ao uso da metáfora não constitui um dos objetivos da pesquisa, entretanto, como o potencial ideológico



da motivação metafórica pôde ser observado no decorrer da primeira leitura dos dados, acredito que essa questão mereça atenção.

## **5.9 Análise crítica da metáfora**

A Análise Crítica da Metáfora (ACM) consiste em uma abordagem de análise desenvolvida por Charteris-Black com base na Análise Crítica do Discurso (ACD) (FAIRCLOUGH, 1989) e tem como objetivo “revelar as intenções encobertas (e possivelmente inconscientes) dos usuários da língua” (CHARTERIS-BLACK, 2004:34). Um exame crítico da metáfora em contexto, segundo o autor, certamente revelará que ela influencia o tipo de julgamento de valores dos produtores do discurso e nos conduzirá às ideologias dos mesmos (CHARTERIS-BLACK, 2004: 25). O autor define ideologia como “um sistema subjacente de idéias”, e, citando Kress e Hodge (1993: 15), ele acrescenta o fato de que “a ideologia envolve uma apresentação sistematicamente organizada da realidade”.

Charteris-Black (2004, 2005) defende a visão de que a metáfora é um conceito relativo que não pode ser definido com base em um único critério, portanto, uma definição de metáfora deve incluir critérios lingüísticos, cognitivos e pragmáticos. Como aponta o autor, uma das limitações da análise da metáfora quando a abordagem cognitiva é isolada da pragmática é que a única explicação para a motivação metafórica é referente a uma base experiencial subjacente. O uso da metáfora seria, assim, um reflexo inconsciente. Por outro lado, uma visão pragmática alega que os falantes utilizam a metáfora, entre outras coisas, para persuadir, combinando os recursos lingüísticos ao seu dispor.

Carvalho (2006), com base em Charteris-Black (2005), argumenta que, em conversas espontâneas, grande parte da linguagem figurada utilizada resulta de processos cognitivos inconscientes subjacentes, enquanto que, em discursos

planejados – como é o caso do discurso midiático publicitário –, a metáfora pode, freqüentemente, refletir decisões pragmáticas conscientes.

Ademais, segundo Charteris-Black (2004), além do papel semântico (criar novos significados para as palavras) e do papel cognitivo (desenvolver nosso entendimento com base em analogias), a metáfora possui um papel pragmático cujo objetivo é proporcionar avaliações – expressões de atitude ou postura do falante, incluindo ponto de vista, ou sentimentos em relação a entidades ou proposições (HUNSTON E THOMPSON, 2000:5 citados em CHARTERIS-BLACK, 2004:11). O exemplo que o autor fornece é a expressão “*derramamento de sangue*”, a qual, quando examinada fora de contexto, consiste, aparentemente, em uma descrição neutra de determinada situação em que alguém foi ferido ou morto. Entretanto, após o exame da expressão em diversos contextos, essa revelou uma avaliação negativa implícita do agente. A expressão também conferiu ao objeto o status de ‘*vitima*’. Ou seja, a opção pelo uso da expressão “*derramamento de sangue*” e não de um termo como “*assassinato*” sugere uma avaliação encoberta, a qual, após análise, revelou as ideologias dos produtores do discurso.

A Análise Crítica da Metáfora (ACM), como aponta Charteris-Black (2004), se dá em três estágios (com base em Fairclough, 1995, citado em CHARTERIS-BLACK, 2004): 1) **identificação** – identificação das metáforas lingüísticas, 2) **interpretação** – identificação de metáforas conceptuais e 3) **explicação** – identificação da agência social envolvida na sua produção e seu papel social na persuasão (CHARTERIS-BLACK, 2004:35).

Segundo o autor, a metáfora não necessariamente pré-determina certa interpretação; entretanto, ela pode criar uma pré-disposição para uma dada interpretação em vez de outra. Isso ocorre devido aos julgamentos de valor que estão implícitos em certas palavras e expressões utilizadas pelos falantes. Esse importante papel ideológico da metáfora pode ser identificado pela ACM.

A ACM alega que tanto recursos individuais quanto sociais influenciam a escolha da metáfora no discurso. Recursos individuais podem ser subdivididos em

três componentes: nossos pensamentos, sentimentos e experiências corporais no mundo; nossa compreensão do que pode ser eficaz em contextos de uso específicos; e nosso conhecimento do sistema lingüístico – de campos lexicais e dos vários sentidos das palavras que se encontram disponíveis. As bases sociais para a escolha da metáfora são a perspectiva ideológica – basicamente ponto de vista político e religioso – e conhecimento histórico e cultural. Por exemplo, as pesquisas indicam que metáforas de fogo e luz são usadas para avaliação positiva no discurso político americano, enquanto que o discurso político britânico emprega metáforas de planta para essa função discursiva. Esse fato pode ser explicado com referência ao passado revolucionário americano e à experiência cultural britânica de jardinagem.

Assim sendo, com base no que foi exposto sobre a ACM, entende-se que o efeito persuasivo da metáfora no discurso de domínios sociais pode ser explicado com referência aos recursos sociais, além dos individuais. Ademais, é possível argumentar que, em muitos casos, a escolha da metáfora é motivada pela ideologia. As mesmas noções poderiam ser expressas com o uso de diferentes metáforas, de acordo com a perspectiva ideológica dos falantes. Além disso, diferentes aspectos do domínio-fonte podem corresponder a perspectivas ideológicas diferentes.

Em suma, a ACM constitui uma maneira de revelar ideologias, atitudes e crenças subjacentes – e, conseqüentemente, constitui um meio importante para compreendermos melhor as relações complexas entre língua, pensamento e contexto social (CHARTERIS-BLACK, 2004, 2005). Entretanto, como aponta o autor, é difícil estabelecer uma distinção entre a função lingüística da metáfora de preencher lacunas semânticas, sua base afetiva e cognitiva e sua função retórica de persuasão. Deveríamos considerar o contexto discursivo como determinante do peso a ser atribuído aos vários fatores identificados como influentes na escolha da metáfora – embora todos possam estar presentes, apenas um é primário (ibid.).

Assim sendo, o uso da ACM nesta investigação pode nos levar à identificação de uma possível motivação ideológica para as conceptualizações de tempo reveladas

nos textos publicitários, principalmente, por seu propósito comunicativo ser predominantemente persuasivo, ou por parte das participantes do estudo.

Na próxima seção apresento uma breve discussão sobre o conceito de “cenário”, uma categoria analítica desenvolvida por Musolff (2004), a qual foi utilizada por ter surgido na análise dos dados provenientes do discurso publicitário.

### **5.10 Cenários**

Musolff (2004) introduz a categoria “cenário”, uma categoria analítica intermediária entre o nível do domínio conceptual como um todo e seus elementos individuais, com o propósito de capturar um padrão de ocorrências metafóricas que tendem a se apresentar em grupamentos conceptuais representando subseções de um determinado domínio. Ele o faz com base em Kövecses (2002).

Kövecses (2002) apresenta uma distinção em três níveis da análise da metáfora: os níveis “individual”, “supra-individual” e “subindividual”. O primeiro nível diz respeito a como os falantes “utilizam metáforas [...] em situações reais de comunicação” e “criam novas metáforas” (Kövecses, 2002: 242). O nível “supra-individual” consiste nas “metáforas convencionalizadas de uma dada língua” (KÖVECSES, 2002: 240) e sua análise permite aos lingüistas chegar a generalizações sobre conceitos metafóricos que são específicos de uma língua ou cultura. O nível “subindividual” diz respeito ao fundamento experiencial dos conceitos metafóricos (Kövecses, 2002: 243-4). Nesse nível, metáforas ditas primárias incorporam conceitos abstratos ao relacionarem os mesmos a cenas primárias do desenvolvimento infantil, ou seja, a experiências corporais de orientação espacial, desejos básicos, e funções neurofisiológicas básicas.

Usando as categorias de Kövecses, Musolff (2004) considera as metáforas individuais em um corpus como sendo ocorrências, ou seja, amostras de mapeamentos conceptuais que representam seus tipos no nível supra-individual, o

qual, por sua vez, pode ser relacionado a aspectos emocionais e experienciais no nível subindividual. Segundo Musolff (ibid.), as ocorrências individuais podem ser dispostas em grupamentos conceptuais seguindo um critério de semelhança semântica. E esses grupamentos, por sua vez, podem ser classificados em unidades conceptuais maiores, ou seja, domínios. Esses espaços conceptuais – domínios – exibem uma estrutura radial na qual seus elementos se encontram agrupados em torno de conceitos centrais.

Os cenários – conjuntos de pequenas encenações ou histórias – evoluem, segundo Musolff (2004), a partir desses grupamentos conceptuais que constituem os domínios e o termo “cenário” escolhido pelo autor capta o fato de que existem padrões e configurações conceptuais que incluem suposições sobre participantes, papéis e ações que, de certo modo, se comparam aos sentidos pertencentes à terminologia teatral e cinematográfica. Ainda segundo o autor, pode-se definir “cenário” como

um conjunto de suposições por parte de membros competentes de uma comunidade discursiva sobre os aspectos ‘prototípicos’ (participantes, papéis, enredo) e avaliações sociais/éticas no que diz respeito aos elementos dos domínios conceptuais (MUSOLFF, 2004:17).

Vale observar, entretanto, que cenários, na concepção de Musolff (ibid.), não são introduzidos a priori, mas tidos como categorias que refletem grupamentos documentados de ocorrências de elementos de um domínio em um determinado corpus.

A identificação de cenários conceptuais objetiva determinar quais aspectos de um mapeamento metafórico podem ser considerados como dominantes no discurso público no que diz respeito a um tópico específico. Assim sendo, cenários complementam a categoria mapeamentos centrais introduzida por Kövecses, a qual diz respeito ao ‘núcleo’ conceptual do qual derivam todas as metáforas pertencentes a um dado domínio. Os cenários proporcionam, dessa forma, os enredos ou

perspectivas ao longo dos quais os mapeamentos centrais são desenvolvidos ou expandidos.

A utilização dessa unidade de análise pode contribuir para uma melhor compreensão e explicação das conceptualizações de tempo reveladas pelo corpus em questão, principalmente a parte do corpus proveniente do discurso publicitário.

Passo, a seguir, a apresentar e a discutir as metáforas subjacentes inferidas como resultado da análise dos dados coletados para a presente pesquisa. Em um primeiro momento essa discussão se dará separadamente, levando em consideração a fonte dos dados. Posteriormente, tentarei relacionar os resultados encontrados na análise dos dados provenientes das três diferentes fontes (discurso midiático, discurso feminino urbano e discurso feminino rural). Essa discussão se dará a partir das metáforas resultantes do relacionamento entre o domínio-alvo e os domínios-fonte (item III da seção 6.1) e consistirá na interpretação e na explicação das metáforas, com base em Charteris-Black (2004):

- Interpretação da metáfora: “envolve o estabelecimento da relação entre metáforas e os fatores cognitivos e pragmáticos que as determinam” (CHARTERIS-BLACK, 2004: 37)<sup>14</sup>. “Nesse estágio é possível contemplar até que ponto as escolhas das metáforas atuam na construção de uma representação socialmente importante“ (ibid.: 38)<sup>15</sup>.
- Explicação da metáfora: trata-se da “identificação da agência social que está envolvida na sua produção e no seu papel social de persuasão”<sup>16</sup>. É através da identificação da função discursiva da metáfora que se torna possível estabelecer sua motivação ideológica e retórica (ibid.: 39).

---

<sup>14</sup> Interpretation involves establishing a relationship between metaphors and the cognitive and pragmatic factors that determine them.

<sup>15</sup> At the stage of interpretation it is possible to consider how far metaphor choices are proactive in constructing a socially important representation.

<sup>16</sup> Explanation of metaphors involves identifying the social agency that is involved in their production and their social role in persuasion.

## **6 ANÁLISE: INVESTIGANDO METÁFORAS DO TEMPO NO DISCURSO**

O objetivo principal desta análise é tentar responder às perguntas de pesquisa propostas, as quais foram apresentadas no capítulo introdutório deste trabalho:

- 1. Que metáforas conceptuais sobre o tempo fundamentam o discurso midiático voltado para mulheres brasileiras adultas de classe média?**
- 2. Que metáforas conceptuais sobre o tempo subjazem ao discurso de mulheres brasileiras, de classe média, na faixa etária de 50 anos? Como essas metáforas se articulam às metáforas inferidas em "1"?**
- 3. Haveria diferença entre as metáforas conceptuais e/ou suas marcas lingüísticas no discurso de mulheres de diferentes subculturas - mulheres habitantes de zona urbana e mulheres habitantes de zona rural?**

## 6.1 Discurso midiático

A primeira parte do corpus a ser analisada foram os textos midiáticos, que, para efeito de análise, foram divididos em dois tipos – textos publicitários e textos reflexivos/depoimentos. O uso de diferentes tipos de dados encontra suporte na visão de Cameron (2006) de que as metáforas que as pessoas utilizam não refletem de maneira direta suas conceptualizações, atitudes e valores, mas o fazem através do tipo de evento discursivo nos quais elas são expressas. Assim sendo, segundo a autora, deveríamos coletar e analisar tipos diversos de dados e comparar as metáforas usadas. Esse procedimento poderia fornecer maior evidência, uma vez que, supostamente, eliminaria o possível efeito do tipo de discurso e do contexto.

### 6.1.1 Textos publicitários

No que tange aos textos publicitários, as seguintes metáforas foram inferidas<sup>17</sup>:

O TEMPO É UM INIMIGO QUE DEVE SER COMBATIDO

001 *...chegou a última palavra em antiidade ...*

002 *...a linha anti tempo Vita Derm...*

O TEMPO É UM INIMIGO QUE AGE SOBRE O CORPO DA MULHER

003 *...a dose certa para minimizar a ação do tempo...*

004 *...proteger a pele da ação do tempo...*

---

<sup>17</sup> As metáforas subjacentes inferidas são apresentadas juntamente com algumas das expressões linguísticas identificadas no discurso publicitário que nos levam a evidenciá-las.



O TEMPO É UM INIMIGO QUE TIRA DA MULHER O QUE ELA TEM DE MAIS PRECIOSO

005 ...*a juventude que os sinais do tempo tiraram do seu rosto...*

006 ...*indicado para combater o processo de envelhecimento e para...*

007... *preservar o que você tem de mais valioso: a expressividade...*

O TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO

008 ...*chega uma hora...*

009 ...*ele (o tempo) até anda para trás...*

O TEMPO É UM OBJETO QUE SE MOVE EM UMA VELOCIDADE A SER DETIDA

010 ...*conheça os tratamentos que fazem o tempo parar para você...*

011 ...*XXX age lançando estímulos para o organismo produzir novas células cutâneas, freando o envelhecimento...*

O TEMPO É ESPAÇO SOBRE O QUAL NOS MOVEMOS

012 ...*para chegar bem aos 60...*

O TEMPO É UM RECURSO QUE PODE SER OBTIDO

013 ...*tratamento para ganhar até dez anos...*

014 ...*o objetivo é ganhar mais tempo de vida...*

As sete metáforas acima apresentadas podem ser classificadas como submetáforas ou subcategorias metafóricas<sup>18</sup>, de quatro metáforas conceptuais:

---

<sup>18</sup> O termo *submetáfora* está sendo utilizado neste trabalho para designar uma subcategoria metafórica, ou seja, uma especificação da metáfora geral ou superordenada. Charteris-Black (2004)

TEMPO COMO INIMIGO, TEMPO COMO OBJETO EM MOVIMENTO, TEMPO COMO ESPAÇO e TEMPO COMO RECURSO. Dessas quatro, TEMPO COMO OBJETO EM MOVIMENTO, TEMPO COMO ESPAÇO e TEMPO COMO RECURSO são tidas como metaforizações convencionais do TEMPO por vários pesquisadores (LAKOFF E JOHNSON, 1980, 1999; GIBBS, 1994; LAKOFF, 1993; KÖVECSES, 2002; RADDEN, 2003; GLASBEY ET AL., 2003) (cf. seções 4.2.2.2, 4.2.1, 4.2.3), sendo que, TEMPO COMO OBJETO EM MOVIMENTO e TEMPO COMO ESPAÇO encontram-se disseminadas na língua e não são características de nenhuma cultura em particular e TEMPO COMO RECURSO seria mais característica de culturas ocidentais (LAKOFF E JOHNSON, 1999). Por outro lado, parece não haver registro, na literatura sobre metáfora, da metaforização do TEMPO COMO INIMIGO, metaforização essa mais amplamente utilizada nos textos publicitários analisados. Por essa razão, parece-me adequado discutir essa metáfora e, mais especificamente, as metáforas de guerra (metáforas bélicas) que foram ativadas pelo conceito de inimigo.

Dos 79 termos fonte identificados nesta primeira parte da análise, 24 pertencem ao domínio militar. Ou seja, mais de 33% das metáforas lingüísticas usadas para falar sobre o tempo pertencem ao domínio militar. A seguir apresento as expressões metafóricas identificadas como pertencentes ao domínio militar. Porém, vale antes observar que, em várias das expressões metafóricas abaixo, o domínio-alvo TEMPO aparece em relação metonímica com *envelhecimento*, *idade*, e outros termos chave pertencentes ao mesmo domínio. Entretanto, como mencionado anteriormente, em um primeiro momento, neste trabalho, esse tropo está sendo computado como metáfora. Ademais, é importante observar que a análise desta parte do corpus vem confirmar a alegação de vários autores (STEEN, 1999; CAMERON, 1999, 2003), como mencionado na seção 6.1, de que metáforas verbais são encontradas com grande frequência em certos tipos de discurso.

---

utiliza os termos *metáfora conceptual* e *chave conceptual* com o mesmo propósito – para se referir a uma metáfora subordinada e a uma superordenada ou mais geral.

- TEMPO É INIMIGO

- 015 *O creme nutritivo noturno Chronos combate o envelhecimento.*
- 016 *... há duas armas capazes de combater o envelhecimento ...*
- 017 *Science indicou um novo caminho contra esses inimigos.*
- 018 *Novos ácidos, lasers mais poderosos e ingredientes ativos de última geração são uma artilharia eficaz na guerra contra o envelhecimento.*
- 019 *... os anti-oxidantes são a arma mais eficiente para retardar o envelhecimento.*
- 020 *Guarde bem o nome da primeira arma: neuropeptídeos.*
- 021 *A segunda arma eleita pelo “dr. Pele” é o ácido alfalipóico (ALA)...*
- 022 *...são uma necessidade dietética para quem quer combater o envelhecimento...*
- 023 *...agora a tecnologia se une à indústria cosmética... para prevenir e combater o envelhecimento da pele...*
- 024 *...produzem bactérias saudáveis que combatem os efeitos do envelhecimento...*
- 025 *Os produtos da nova safra procuram caminhos para combater um dos maiores inimigos da vitalidade da pele:...o avanço inexorável do relógio biológico.*
- 026 *“É fundamental fazer uma boa avaliação para indicar a melhor estratégia” ...(para combater o grande inimigo da vitalidade da pele: o envelhecimento)*
- 027 *...os antioxidantes são a arma mais eficiente para retardar o envelhecimento celular.*
- 028 *Frutas e vegetais considerados super poderosos têm a função de combater o envelhecimento.*
- 029 *Sua alta concentração de ativos combate o envelhecimento da pele...*
- 030 *Pare o tempo! Armas que realmente funcionam.*

031 *Conheça as armas que realmente são eficazes ... e ganhe essa batalha contra o tempo...*

032 *Para combater o envelhecimento celular as vitaminas são as melhores armas...*

033 *Estamos falando em desacelerar o processo de envelhecimento e conquistar anos a mais...*

A metáfora bélica/de guerra tem sido bastante pesquisada e discutida na literatura contemporânea sobre metáfora (LAKOFF E JOHNSON, 1980/2002, 1999; LAKOFF E TURNER, 1989; MONTGOMERY, 1991; SONTAG, 1991; STEIN, 1990; VERVAEKE E KENNEDY, 1996; RITCHIE, 2003; CARVALHO, 2006; entre outros). Segundo Sontag (1991), a metáfora de guerra é altamente produtiva, uma vez que ela pode ser utilizada como domínio-fonte para uma grande gama de domínios-alvo. Lakoff e Johnson (1980/2002) argumentam que GUERRA constitui metáfora conceptual primária para DISCUSSÃO e, segundo esses dois autores, nós só conseguimos pensar e falar sobre discussão em termos de guerra e ações militares, como, por exemplo:

*Ele atacou os pontos fracos dos meus argumentos.*

*Sempre que discutimos ele vence.*

*Ele usou uma estratégia suja para derrubar os meus argumentos.*

Vervaeke e Kennedy (1996, citado em RITCHIE, 2003) acrescentam que o domínio da guerra, além de ser utilizado como domínio-fonte para o alvo DISCUSSÃO, é freqüentemente usado como metáfora para interações que envolvem disputas como concursos e jogos:

*Seu time foi derrotado pelo adversário por 2x0 com gol de ...*

*O tenista saiu da quadra após uma vitória arrasadora sobre seu adversário.*

*O jogador usou uma estratégia inteligente para vencer seu adversário...*

Stein (1990) observa que médicos são propensos ao emprego de metáforas de guerra para descrever suas atividades profissionais cotidianas. Eles freqüentemente

dizem "*estar na linha de frente*", "*precisar ser mais agressivos com certos pacientes*", e falam nas "*armas contra determinadas doenças*". Tais expressões metafóricas podem ser encontradas em discussões formais e informais entre médicos, conversas entre médicos e pacientes, em seminários e congressos médicos, em anúncios publicitários de medicamentos e em artigos veiculados em periódicos médicos ou na mídia popular (citado em LUPTON, 1994:63). Além disso, como observa Gwyn (1999), a AIDS proporcionou uma nova arena para a produção de metáforas militares, "uma arena que é particularmente pungente dada a luta entre a vida e a morte dos pacientes" (GWYN, 1999:206). Montgomery (1991, citado em GWYN, 1999) argumenta que a metáfora de guerra não deveria ser considerada metáfora na arena biomédica. O autor alega tratar-se de metáfora morta<sup>19</sup>.

O poder da metáfora de guerra, como aponta Gwyn (1999), está na sua capacidade de levar as pessoas a tal estado de temor que as incita a se mobilizarem preventivamente na tentativa de evitar um estado de emergência. Seguindo a mesma linha de pensamento, é possível traçar um paralelo, com base em Charteris-Black (2005), no que diz respeito ao uso de metáforas de guerra: assim como o uso de metáforas esportivas no relato sobre guerra oculta o sofrimento humano, o uso de metáforas de guerra no discurso publicitário sobre os efeitos do tempo no corpo da mulher exacerba a ansiedade e o sofrimento. Acredito que essa possa ser a razão pela qual a mídia, no caso desta pesquisa a mídia publicitária, faça uso tão freqüente da metáfora bélica. Trata-se de um poderoso instrumento de persuasão, principalmente no caso da estética e em se tratando de uma sociedade como a nossa, na qual a juventude é tão valorizada. Ainda de acordo com o autor, há um fundamento ideológico no uso da metáfora bélica no discurso publicitário em questão, uma vez que a análise das metáforas revela as intenções encobertas dos produtores do discurso: incitar um estado de emergência ou provocar sofrimento e

---

<sup>19</sup> metáforas mortas "são metáforas que se tornaram tão convencionais e comuns/triviais, devido ao uso constante, que perderam seu vigor e não são mais vistas como metáforas" (Kövecses, 2002: ix). Uma metáfora é considerada morta quando não se tem mais acesso à sua motivação.

ansiedade com propósito persuasivo (cf. seção 5.9). Em outras palavras, trata-se de um caso de discurso planejado em que a metáfora reflete a decisão pragmática consciente de persuasão (CHARTERIS-BLACK, 2005).

Em consonância com a visão discutida acima, Sontag (1991) vê a metáfora bélica como potencialmente perigosa: "a partir de seu exagero característico, a metáfora de guerra nos proporciona (e a mídia prospera por isso) um mal identificável que é facilmente transferido às pessoas envolvidas" (SONTAG, 1991:180). Sontag se referia à guerra/inimigos sendo usados metaforicamente no domínio da AIDS, mas, na minha opinião, seu argumento se adequaria à metáfora ou metonímia TEMPO/EFEITO DO TEMPO COMO INIMIGO.

A análise da primeira parte do discurso midiático nos levou à identificação do cenário CAMPO DE BATALHA pertencente ao domínio GUERRA (cf. seção 5.10). A identificação dos termos fonte nos textos publicitários que formam parte do corpus desta pesquisa e a análise subsequente dos mesmos mostram que a guerra contra o tempo (TEMPO É INIMIGO) e seu efeito mais temido – o envelhecimento do rosto da mulher – conta com o empenho de "*soldados lutando em várias frentes de batalha*": cientistas, médicos, fabricantes de cosméticos. As metáforas lingüísticas analisadas revelam que a guerra contra o tempo e seus efeitos sobre o corpo da mulher constitui um mapeamento bastante complexo do domínio GUERRA, tendo o rosto da mulher adulta como campo de batalha. O diagrama a seguir mostra a estrutura e os participantes dessa guerra metafórica, desse cenário.

campo de batalha	o rosto da mulher adulta
inimigo	o tempo e seus efeitos sobre o corpo da mulher adulta, principalmente o rosto (rugosidade, aparência envelhecida)
soldados lutando na linha de frente	cirurgiões plásticos, esteticistas
armas	produtos cosméticos, vitaminas, certos alimentos
artilharia pesada	lasers poderosos e outras tecnologias desenvolvidas especialmente para combater o envelhecimento das células da pele, produtos químicos, ácidos, cirurgia plástica.
estrategistas	cientistas e químicos empregados pela indústria cosmética, dermatologistas.
vítima	a mulher adulta
retaliação/defesa/ataque	combate à idade/tempo

Assim como Gwyn (1999) argumenta que a AIDS proporcionou uma nova arena para a metáfora militar, eu gostaria de argumentar que os efeitos do TEMPO sobre o rosto da mulher também parecem proporcionar uma nova arena para as metáforas de guerra. Também vejo essa preocupação com os efeitos do tempo sobre o rosto da mulher como uma relação metonímica em que uma parte do corpo vem representá-lo como um todo que sofre os efeitos do tempo. Como o rosto é a parte mais facilmente perceptível de um indivíduo, um rosto enrugado, envelhecido seria bastante significativo no que diz respeito ao TEMPO. Essa argumentação é baseada na alegação de Lakoff e Johnson (1980/2002) de que, na nossa cultura, a metonímia ROSTO PELA PESSOA, existente em nosso sistema conceptual, funciona ativamente. Geralmente, identificamos uma pessoa pelo seu rosto e agimos de acordo com essa percepção (LAKOFF E JOHNSON, 2002:94).

Um dos objetivos desta pesquisa é investigar as metáforas conceptuais sobre tempo no discurso midiático voltado para mulheres de classe média e sua possível articulação com as conceptualizações de tempo dessas mulheres. Ainda não é possível investigar tal articulação devido ao estágio inicial da análise, entretanto vale tecer algumas observações no que diz respeito ao discurso publicitário.

O discurso publicitário é definido por Douglas (2007) como um tipo misto de diálogo direcionado à ação, mas que, ao mesmo tempo, envolve persuasão em seu método. Ou seja, o meio utilizado para se conseguir a ação é o de persuadir o público a aceitar um determinado ponto de vista. Entretanto, como aponta Lakoff (2004), as pessoas só aceitam um argumento se esse estiver em concordância com suas conceptualizações, com sua visão de mundo, caso contrário tais argumentos são descartados como absurdos ou irracionalidades. Assim sendo, o uso de metáforas de guerra no discurso publicitário parece remeter a um recurso característico desse tipo de discurso, apontado por Douglas (2007:99): “o uso de palavras emocionalmente carregadas ou emoções, *convicções* (meu grifo) e entusiasmos do público para ganhar aceitação para um determinado desfecho”. Mas, por outro lado, essas expressões não seriam utilizadas se elas não refletissem conceptualizações de tempo por parte do público-alvo do referido discurso: mulheres adultas de classe média. Isso nos leva a crer que a mulher adulta de classe média conceptualiza o TEMPO COMO INIMIGO e a mídia publicitária explora, amplia e exacerba essa conceptualização, para atingir seu propósito: vender seu produto. Como resultado da persuasão, a conceptualização é reforçada e o processo parece se transformar em um ciclo.

Passo agora a discutir os resultados da segunda parte da análise do discurso midiático. Trata-se da análise dos dados provenientes dos textos denominados reflexivos, ou seja, depoimentos de leitoras sobre como elas utilizam seu tempo. São leitoras da revista *Cláudia*, ou seja, mulheres adultas, pertencentes à classe média, solteiras ou casadas, que falam sobre seu dia-a-dia.

### **6.1.2** Textos reflexivos

Nesta parte da análise, as metáforas subjacentes inferidas são, em sua totalidade, consideradas metaforizações convencionais do tempo por vários autores



(LAKOFF E JOHNSON, 1980/2002, 1999; LAKOFF, 1993; KÖVECSES, 2002; RADDEN, 2003; GLASBEY ET AL., 2003) e podem ser divididas em duas metáforas principais: TEMPO COMO RECURSO e TEMPO COMO OBJETO EM MOVIMENTO. Com base no tema dos textos analisados, já era de se esperar a presença de evidências de conceptualização de TEMPO COMO RECURSO, pois o próprio tema evidencia essa conceptualização. Entretanto, decidi incluir esses dados na pesquisa por se tratar de um tema recorrente na mídia voltada para a mulher adulta, como mencionado na Introdução deste trabalho, e também pelo fato de ter sido essa uma das questões inquietantes que me levaram a realizar este estudo.

As duas metaforizações de TEMPO encontradas nesta parte da análise podem ser subdivididas:

- O TEMPO É UM RECURSO – pode ser subdividida nas seguintes submetáforas:

#### O TEMPO É UM BEM QUE PRECISA SER ADMINISTRADO

034 *...fácil falar em administrar tempo...*

035 *...estou conseguindo organizar meu tempo...*

#### O TEMPO É UM RECURSO ESCASSO

036 *...sofro com a falta de tempo...*

037 *Falta é tempo pra mim.*

#### TEMPO É DINHEIRO

038 *Meus filhos me cobram tempo...*

039 *...do tempo gasto por dia olhando...*

- O TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO – representada pela submetáfora:

## O TEMPO É UM OBJETO QUE SE MOVE MUITO RAPIDAMENTE

Algumas expressões lingüísticas metafóricas encontradas nos dados e licenciadas pela conceptualização convencional de TEMPO COMO OBJETO EM MOVIMENTO seriam:

040 *O tempo está voando...*

041 *O tempo está passando muito rápido...*

042 *O tempo passa mais rápido do que a gente gostaria.*

No discurso midiático analisado, a metáfora TEMPO COMO OBJETO EM MOVIMENTO é revelada a partir de metáforas verbais. A conceptualização de tempo inferida a partir das expressões acima, e muitas outras semelhantes encontradas no decorrer da análise, não é apenas de TEMPO COMO OBJETO EM MOVIMENTO, conceptualização essa bastante discutida na literatura sobre metáfora de tempo (cf. seção 4.2.2.2). Na presente análise, o tempo parece ser conceptualizado como objeto que se movimenta muito rapidamente, e essa rapidez é aparentemente vista como um aspecto negativo. Se o tempo se movimentasse mais devagar, nós o teríamos mais presente em nossas vidas, ou nossas vidas teriam maior duração. Conseqüentemente, seríamos capazes de mais e maiores realizações. Essa conceptualização do tempo também parece estar ligada ao medo da morte e à vontade de adiar o final do nosso tempo de vida. O TEMPO, desse modo, seria visto como uma entidade que se move muito rapidamente, levando com ele nossas vidas ao seu destino final – a morte. Essa metaforização, parece relacionada à metáfora A VIDA É UMA VIAGEM, a qual parece pressupor que o fim da jornada também seria a morte.

A análise revelou que das 54 expressões metafóricas investigadas, 6 (seis) se referem ao TEMPO COMO OBJETO EM MOVIMENTO, e que, como visto acima, na

verdade essas constituem uma outra perspectiva da conceptualização do TEMPO COMO RECURSO ESCASSO. Das outras 48 metáforas lingüísticas, 44 evidenciam uma conceptualização de TEMPO COMO RECURSO. Como visto na seção 4.2.3, segundo Lakoff e Johnson (1980/2002, 1999), uma das características mais marcantes da cultura ocidental é o fato de o tempo ser conceptualizado como um bem/recurso não reutilizável. Portanto, o fato de 81% das expressões metafóricas analisadas nessa seção apontarem para uma conceptualização de TEMPO COMO RECURSO não surpreende, pelo contrário, o resultado da análise reitera as alegações dos dois estudiosos acima citados. Alguns exemplos de expressões lingüísticas metafóricas que evidenciam essa metáfora:

043 *Preciso encontrar tempo para ...*

044 *eu tenho tempo pra trabalhar*

045 *Quando tinha tempo sobrando*

046 *Se eu tivesse tempo eu poderia ...*

047 *Eu gostaria de ter mais tempo para ...*

048 *Quando eu tinha mais tempo ...*

Entretanto, é importante salientar que 20 dessas 44 expressões, ou seja, 45% constituem metáforas lingüísticas que podem ser tomadas como manifestações da metáfora TEMPO É UM RECURSO ESCASSO. Em outras palavras, elas se referem à falta de tempo. Eis alguns exemplos:

049 *Eu não tenho tempo para ...*

050 *Eu não tenho tido tempo para ...*

051 *Eu sofro com a falta de tempo ...*

052 *Não sobra tempo para ...*

Vários autores (LAKOFF & JOHNSON, 1980; KOVECSES, 2002; BROWN, 2003) observam que um dos mapeamentos metafóricos de tempo mais evidentes em nossa cultura é TEMPO É UM RECURSO ESCASSO/LIMITADO, que constitui uma submetáfora da metáfora geral TEMPO É UM RECURSO (cf. seção 4.2.3). Entretanto, como discutido na seção 1.1, segundo Oliveira (2003), foi só

recentemente que expressões metafóricas que indicam uma conceptualização de TEMPO COMO RECURSO ESCASSO começaram a aparecer no discurso feminino com uma certa frequência. Expressões desse tipo eram geralmente identificadas com o discurso masculino. Essa mudança coincidiu com a entrada da mulher de classe média no mercado de trabalho e, muito provavelmente, esse seja o motivo da nova percepção de tempo pela mulher adulta. Desde que começaram a ter emprego, a carga de trabalho das mulheres praticamente dobrou, uma vez que raramente há compartilhamento de tarefas entre o homem e a mulher no que diz respeito aos afazeres domésticos.

A pesquisa de Aguiar (2005), também mencionada na seção 1.1, contribui para explicar o aparecimento dessa metáfora no universo feminino adulto. Como visto anteriormente, a socióloga registrou em minutos a carga de trabalho do homem e da mulher no período de uma semana. De segunda a sexta-feira, a carga de trabalho da mulher, no universo pesquisado, supera em 5% a do homem. Entretanto, no final de semana a mulher trabalha 62% a mais do que o homem.

Assim sendo, não é difícil entender porque *“nunca há tempo para nada”*. O conceito de escassez, o qual, como visto acima, é definido pelo esquema de recurso, é evidenciado pelas expressões lingüísticas metafóricas. A escassez é definida como falta de recurso suficiente para alcançar um determinado propósito. Quando mapeada sobre o domínio TEMPO COMO RECURSO, a escassez se transforma em falta de TEMPO suficiente para que a mulher atinja seu propósito.

A seguir discutirei os resultados da análise dos dados provenientes do discurso feminino urbano.

## 7.2 Discurso oral urbano<sup>20</sup>

No discurso oral urbano, motivado e produzido a partir de conversas sobre textos, foram identificadas 232 expressões lingüísticas metafóricas tendo o TEMPO como domínio-alvo. O domínio-fonte mais amplamente utilizado foi *espaço* (42%), seguido de *recurso* (22%), *agente* (14%) e *objeto em movimento* (12%). Metáforas bélicas representam 4% do total de metaforizações do TEMPO, e 2% das expressões metafóricas apontam para uma conceptualização de TEMPO COMO AMIGO (tabela I).

<b>Domínios-fonte</b>	<b>%</b>
espaço	42%
recurso	22%
agente	14%
objeto em movimento	12%
guerra	4%
inimigo	2%

Tabela I: Domínios-fonte utilizados nas expressões lingüísticas metafóricas de TEMPO identificadas no discurso oral urbano.

A seguir, apresento a lista de metáforas conceptuais inferidas no decorrer da análise dos dados, juntamente com alguns exemplos de expressões lingüísticas metafóricas que levaram às revelações das metáforas ou de suas subcategorias:

- TEMPO É ESPAÇO

---

<sup>20</sup> Na presente pesquisa utilizo a denominação *Discurso oral urbano* para me referir à parte do corpus produzida pelas seis participantes urbanas por ocasião dos eventos sociais de leitura, ou seja, é o discurso oral urbano específico ao corpus.

053 ... eu acho assim, lá atrás, já quando criança, eu já mostrava um interesse pelo olhar...

054 ... tomo Liptor, tomo Gardenal também, que aí não é por conta da idade, mas o Liptor eu já tomo e daqui pra frente daqui a pouco vou ter que tomar outros...

055 ... Eu sinto agora é uma coisa que quando eu olho pra trás e digo “gente”... e eu sei, sou muito tímida e essa coisa do tempo, essa coisa da morte, né que vai se aproximando, que é uma realidade, ela tá uma coisa muito presente na minha cabeça, mas enfim, eu tenho 51 anos, acho que depois que eu fiz 48 eu comecei a sentir isso. É interessante, né. E aí você tem um entendimento muito diferente, né. Uma postura diferente. Posso tá falando uma coisa óbvia...

056 ... eu não tenho grandes lembranças não, as coisas não ficaram naquela época, né, quando eu tinha entre 18 e 22 anos.

057 ...na época que eu era casada, que eu ia pro sítio, lembra? O tal sítio lá no interior de São Paulo que eu ia...

Como discutido anteriormente neste trabalho (cf. seção 4.2.1), a conceptualização de TEMPO COMO ESPAÇO é tida como metaforização convencional do TEMPO e encontra-se disseminada na língua de um modo geral, não sendo característica de nenhuma cultura em particular. Entretanto, eu gostaria de discutir uma expressão metafórica recorrente relacionada a essa conceptualização de TEMPO. A expressão “no meu tempo/na minha época” foi utilizada diversas vezes:

058 ... *Eu achei, é, a nossa prisão em relação ao tempo, a nossa vida condicionada ao tempo. Você fala “eu não tenho mais tempo pra isso, é, eu já vivi tanto tempo, não posso mais isso”, né, se prende sempre a essa coisa de não ter tempo. Se não tem tempo pra continuar a sua vida. ‘No meu tempo...aquele momento de juventude”, né. Porque eu não sei nem quando a gente começa a achar que não é mais o tempo da gente..*

059 ... *É, porque aquela coisa de achar, desculpa, sabe, é uma coisa aquela coisa que me irrita muito, aquela história que a pessoa vem e “ah, porque no meu tempo não era assim”, como quem diz “hoje o tempo tá tão ruim, né, que no meu tempo era muito bom”. Eu não acho, eu acho que os tempos sempre foram ruins ou sempre foram bons. Entendeu, é “ah no meu tempo as crianças não falavam assim”. Essa coisa muito de colocar sempre o passado era sempre melhor do que é hoje, mas eu acho que cada tempo tem os seus problemas. “Ah, porque no meu tempo filho não falava assim com pai”. Não falava o esquimbau, mas fazia outras coisas, entendeu...*

060 ... *Hoje, eh, com internet, com a comunicação, tá assim, com a liberdade que se dá... a gente não tava falando assim “no meu tempo criança não falava, não interrompia o adulto”?... quer dizer, eles têm, as crianças de 2006 que são crianças hoje, eles estão expostos a muito mais coisas que nós não estávamos, então eles despertam, eles tomam consciência numa idade antes do que a que nós tomamos...*

061... *O momento que a gente vive, é... possibilita muitas outras leituras disso tudo, que a muito poucos anos atrás isso não era possível. Acho que na época da mãe dela não era possível...*

062... *Você sabe que na época, na minha época a gente estudava psicologia do desenvolvimento, então as etapas né, de 0 a tantos anos, de tanto a tanto, de tanto a tanto. Então tinha, né, a primeira infância, a segunda infância, a terceira infância, adolescência, e até a vida adulta. Acabou. Num, num, hoje eu acho...*

063... *Exatamente. Mas a postura na minha época era essa...chegou no auge...idade adulta...*

Nas expressões sublinhadas acima, em que a palavra *tempo* é utilizada, observa-se uma relação metonímica – todo pela parte. Nessas expressões, *tempo* está se referindo a um determinado momento ou período da vida. O mesmo acontece com o uso da palavra *época*, pertencente ao mesmo domínio TEMPO. Essa se encontra em relação metonímica – também todo pela parte – com a idéia de um determinado momento da vida. Nos dois casos, as participantes estão se referindo à juventude, à idade jovem, como sendo o momento de suas vidas com o qual elas mais se identificam ou consideram o mais importante: “*o meu tempo/a minha época*”. O uso do pronome possessivo *meu/minha* aponta para um sentido de pertencimento desse momento da vida por parte dos falantes. Ou seja, o período de juventude e início da vida adulta a nós pertence. Talvez essa sensação esteja relacionada com o nosso afastamento/libertação dos nossos pais, que ocorre por volta dessa época – final da adolescência, após os 18 anos –, quando atingimos a maioridade legal e nos tornamos responsáveis por nossos atos. Tem início, então, “*o nosso tempo*”. Como uma das participantes questionou: “*quando é que a gente começa a achar que não é mais o nosso tempo*”? Se formos discutir o assunto racionalmente, certamente concluiremos que o *nosso tempo* é toda a nossa vida, mas inconscientemente, nos referimos ao *nosso tempo* como sendo a juventude, o período de nossas vidas, aparentemente, mais valorizado na sociedade brasileira (FEATHERSTONE, 1991).



Ademais, é possível observar nos dados apresentados acima que, normalmente, o *meu tempo* é apresentado como sendo “melhor” do que o tempo atual. Entretanto, as participantes racionalizam o contrário, o que poderia constituir mais uma evidência da valorização da juventude, ou seja, o mundo não era melhor, o falante é que era jovem e como ser jovem era melhor, o mundo de então também parecia melhor.

➤ TEMPO É UM PONTO NO ESPAÇO PARA O QUAL NOS MOVEMOS

064 ... *é um tempo até que eu nem vivenciei, é um tempo que eu nem cheguei lá nele, entendeu...*

065 ... *Aquela coisa de sempre sonhando que chegue aos 15 anos, e aos 18...*

066 ...*no sonho você volta no passado e vai pro futuro...*

067 ... *Eu realmente, eu me sinto mais de 50, né, do que de 60, 60 (anos) pra mim é uma coisa que tá tão distante ainda.*

Esta metáfora representa uma submetáfora da conceptualização de TEMPO COMO ESPAÇO, que, por sua vez, constitui metaforização convencional do TEMPO

- TEMPO É RECURSO

068 ... *Este tempo você pode manipular, você pode dispor como você quiser...*

069 ... *Eu acho que é uma maneira de lidar com o tempo que é aquilo que a gente tava falando no começo. Uma maneira de lidar com o tempo, assim de não levar em conta as horas de fato que estão passando...então tenho todo tempo do mundo, entendeu?*

070 ... *Todas as pessoas que têm 10, 20 anos mais do que eu é que morrem...*

A metaforização do TEMPO COMO RECURSO também é convencional e sua evidenciação a partir do discurso oral urbano, assim como na análise dos textos reflexivos (cf. 6.1.2), não causa surpresa.

➤ TEMPO É RECURSO ESCASSO

071 ... *Você fala “eu não tenho mais tempo pra isso”...*

072 ... *eu quero fazer tudo... que eu tenho na minha cabeça, eu quero fazer, porque eu não tenho muito mais tempo aqui não.*

073 ... *Eu não tenho muito tempo aqui não. Então eu vou fazer, vou fazer mesmo, porque eu sei lá, porque a vida muda muito rápido. Eu sou muito existencialista ... e tô ficando cada vez mais, então não sei, acho que isso nem é tão bom por causa dessa questão da paciência, né, a ansiedade sabe de, ah... tem uma corrida não sei das quantas, não tô virando Vânia não, ah não sei quê, essa corrida não sei, é difícil, mas vou fazer porque sei lá se vou morrer amanhã...*

074 ... *É. Eu achei, é a nossa prisão em relação ao tempo, a nossa vida condicionada ao tempo. Você fala “eu não tenho mais tempo pra isso, eh... eu já vivi tanto tempo, não posso mais isso”, né, se prende sempre a essa coisa de não ter tempo. Se não tem tempo pra continuar a sua vida...*

075 ... *quer dizer, você não tinha nem tempo pra pensar, você era uma professora e tava bom...*

A conceptualização TEMPO COMO RECURSO ESCASSO constitui uma subcategoria da conceptualização TEMPO É RECURSO e também já foi discutida na seção 6.1.2, relativa à análise da segunda parte do discurso midiático. Entretanto, a limitação do tempo parece ser vista de duas perspectivas diferentes. No discurso midiático, como visto anteriormente, trata-se de tempo/recurso limitado para realizar as tarefas do dia-a-dia e a razão dessa falta de tempo/recurso parece ser a sobrecarga de afazeres que recai sobre a mulher, depois que essa ingressou no mercado de trabalho. Por outro lado, no discurso oral urbano, a preocupação com a falta de tempo parece encontrar fundamento na idade das mulheres e o que é limitado ou escasso é o tempo de vida que lhes resta, o qual não parece ser suficiente para que elas possam realizar tudo o que desejam. Ou seja, parece que estamos diante de uma conceptualização metonímica – todo pela parte, isto é, tempo pela vida. Assim sendo, trata-se de um recurso que se esgota dia-a-dia e provoca ansiedade, tristeza e sentimento de frustração.

- TEMPO É AGENTE – A conceptualização de TEMPO COMO AGENTE foi inferida com base em Evans (2004). Segundo o autor, o sentido agentivo é elaborado em termos de ações que ocasionam, ou seja, causam mudança de estado. Entretanto, tal mudança de estado requer um agente que possua uma habilidade ou característica específica que o capacite ocasionar a mudança. De acordo com a conceptualização mencionada acima, o TEMPO seria uma entidade que possui a habilidade de afetar a nós e ao meio ambiente. Ele pode curar, inovar, roubar nossa juventude, nos envelhecer, infligir cicatrizes, amarelar páginas, transformar pessoas, situações, etc.

A análise dos dados do discurso oral urbano revelou três subcategorias da conceptualização do TEMPO COMO AGENTE: TEMPO COMO CAUSADOR, TEMPO COMO AGENTE MODIFICADOR, e TEMPO COMO CURANDEIRO. Na verdade, essas duas últimas metaforizações de tempo – TEMPO É AGENTE MODIFICADOR e TEMPO É CURANDEIRO – podem ser consideradas subcategorias da submetáfora

TEMPO COMO CAUSADOR: aquele que causa (motiva, origina, produz) modificações e curas. Exemplos de expressões lingüísticas metafóricas que evidenciam as conceptualizações acima mencionadas serão apresentados a seguir.

➤ TEMPO É CAUSADOR

076 ... *É liberdade mesmo, né, a questão da não-censura...o melhor que a idade traz é isso... aí a gente chega à conclusão que a gente fez direitinho, do jeito que era pra ser... e aí é legal porque você se aceita melhor. Não tem arrependimento...*

077 ... *tomo Liptor, ...que é por conta da idade...*

078 ... *É, esse é a última coisa que tem pra colesterol, um por mês, saiu agora...\_Daqui pra frente vai aumentando, né gente? Por causa da idade. Não tem jeito...*

079 ... *você só nota a questão do envelhecimento, é... se você leva em consideração o tempo ...o tempo que passa, né, e aí é concreto mesmo, né, ruga é concreto... pois é, a marca do tempo é concreta, mas o tempo não,... a marca é...*

080 ... *Eu tô pensando assim, nas gerações anteriores, né, da mamãe mesmo, né, que é mais velha um pouco, da minha avó... aí a gente tá falando dessa coisa da cosmética e da preocupação com ruga...com as marcas do tempo e que não era tão grande porque elas viviam muito menos, né?...*

081 ... *Em compensação, tem algumas coisas provocadas pela idade que são ótimas, não é só conhecimento não... a maturidade...*

082 ...eu acho que a única coisa boa que acontece por causa da idade é o conhecimento, mais nada...

083 ... Uma vez eu disse isso pra Helenita num almoço e ela tinha feito um monte de plástica, não sei quê... E ela falou exatamente isso que eu vou falar aqui pra você "você fala isso porque você não precisa. Você se olha no espelho e tá bom assim. Tudo ainda em cima, agora, com o tempo, quando começar a cair..."... Eu não faço porque eu tenho medo...

Como pode ser observado, os efeitos causados pelo TEMPO COMO AGENTE CAUSADOR podem ser positivos ou negativos. Os efeitos positivos estão relacionados ao conhecimento, maturidade, maior liberdade de ação e auto-aceitação (...a idade traz liberdade, a questão da não-censura...você se aceita melhor...), enquanto que os efeitos negativos estão relacionados a problemas com a saúde e à aparência física, tão valorizada na nossa sociedade e que constitui motivação para a conceptualização de TEMPO COMO INIMIGO discutida na seção **6.1.1**, referente à análise da primeira parte do discurso midiático.

➤ TEMPO É AGENTE MODIFICADOR

084 ... sem a condescendência da fantasia, eu acho que as fantasias é que mudam, né com o tempo, você fica mais realista também, né, fica mais realista, mas também se dá o direito, né, de fantasiar e de lançar mão. Eu acho que é isso aí também, a gente se dá o direito de lançar mão do que fantasia, a idade nos permite isso.

085 ... o brilhante pra ele tinha mais alguma coisa, é... era um presente que ele tinha que me dar mas, não sei, era por causa da importância do

*brilhante, né, como brilhante mesmo... é toda uma questão mesmo de geração, muda muito com o tempo...*

086 ... *uma pessoa que eu acho, assim, que suavizou com o tempo foi a madame. Porque eu fui aluna dela, eu era solteira. Mas era assim, ela era aquela coisa, né. E quando a gente resolveu estudar eu falei com a Tereza, eu disse “duas vezes por semana não vou agüentar. Uma vez por semana tudo bem”. Como ela é agora ... um doce. Aquela história, doçura, exatamente, ela depurou...como tempo...*

087 ...*(com a idade) a gente percebe tanta coisa interessante que a gente não percebia. Eu tenho a sensação que tudo na minha cabeça ampliou, assim...*

088 ... *(com a idade) eu acho que a gente tem mais liberdade, não tem? Isso, essa, isso não dá mais liberdade à gente?*

A maior parte das expressões metafóricas que evidenciam a conceptualização de TEMPO COMO AGENTE MODIFICADOR aponta para uma conceptualização positiva do tempo. As modificações constatadas são vistas como benéficas e o tempo é apontado como agente beneficiador. O TEMPO torna as pessoas mais realistas e lhes dá o direito de fantasiar e de lançar mão das fantasias, o que não acontecia anteriormente. O TEMPO torna as pessoas mais tolerantes, suaves, agradáveis. O TEMPO torna as pessoas mais perceptivas.

➤ TEMPO É CURANDEIRO

089 ... *agora eu tô pensando aqui numa outra situação do tempo. Eu acho que o tempo cura muito as feridas, cura muito o sofrimento. Eu sei o que eu*

*estou falando, porque eu passei por coisas na minha vida muito nova...coisas que só o tempo curou...*

090 ... *tem esse lado do tempo, que o tempo é o melhor... nada melhor... as pessoas mais velhas, quando você tá passando por um problema sério, falam pra você ( ) pô, esse cara é maluco, mas hoje eu sei disso, o tempo é um grande amigo pra curar ferida, no meu caso foi, porque eu acho que eu era uma pessoa até que eu teria que ter feito análise...*

A metaforização TEMPO COMO CURANDEIRO aponta para uma conceptualização positiva do TEMPO. Ele não apenas cura feridas e sofrimento, ele ajuda a curar até problemas emocionais, substituindo um psicanalista.

- TEMPO É OBJETO EM MOVIMENTO

091 ... *Então quer dizer, o tempo tá passando...*

092 ... *A gente vive a perspectiva do futuro...e, aí é terrível, né...porque aí quando você vê a vida passou. Você não curtiu aquele momento que você estava realmente vivendo...*

093 ... *ela tá falando sobre o tempo. Porque o que ela tá descrevendo como o tempo, a passagem do tempo, na verdade é o amadurecimento da gente...*

094 ... *eu acho que tá mais pra o que a Lívia falou. Eu entendo assim, eu acho que realmente seria isso, o processo que você chega a um fim como uma coisa ruim...a passagem do tempo como uma coisa ruim...*

095 ... o tempo pra eles passa muito mais devagar do que pra gente...a gente fica assim: “e já tá no fim do ano, já tá no meio do ano”, né, e passa realmente...

096 ... aí é uma coisa concreta, né, não como você envelhecer, parar de conseguir fazer as coisas, evoluir, não, mas como não tem jeito, envelhece mesmo, o tempo vai passando e você envelhece...

097 ... É só uma preocupação com o tempo que tá passando... exatamente... é só uma preocupação de ver tudo que aconteceu de bom e de ruim e que vai servir de... como algum aprendizado, né, pra vida dele. Eu acho que, sei lá, ele é muito pessimista com relação ao tempo...eu acho que é o discurso de quem tem dificuldade de envelhecer...

098 ... Não, mas olha, presta atenção, então mesmo sendo concreto, mesmo que ele esteja querendo voltar o tempo, isso não é possível, porque tempo não volta, não é?...

099 ... É o tempo da cabeça dele. Vai e volta, vai e volta...porque ele pega um diário, de repente adapta, a data é aqui...a data não segue, entendeu?...

100 ... e essa coisa do tempo, essa coisa da morte, né que vai se aproximando, que é uma realidade, ela tá uma coisa muito presente na minha cabeça...

A metaforização do TEMPO COMO OBJETO EM MOVIMENTO, como visto anteriormente (seção 4.2.2.2) também constitui uma conceptualização convencional do TEMPO e parece não estar relacionada a nenhuma cultura específica (LAKOFF E JOHNSON, 1980/2002; LAKOFF, 1993; LAKOFF E JOHNSON, 1999; RADDEN, 2003).



Com base no discurso apresentado acima, essa conceptualização pode ser vista de maneira positiva, negativa ou como um fato. O resultado positivo da passagem do TEMPO seria o conhecimento adquirido ao longo dos anos, o qual também foi considerado positivo na conceptualização do TEMPO COMO CAUSADOR. O efeito negativo seria o envelhecimento para “*quem tem dificuldade de envelhecer*” e a perda gradativa da vida. Um fato ou realidade é que, à medida que o tempo vai passando, “*a morte vai se aproximando*”, ou seja, a passagem do tempo nos leva à morte.

- TEMPO É INIMIGO

101 ... *É, não, exatamente, porque tem pessoas que dizem assim, “ah eu quero é viver”, mas, assim, quer dizer, numa revanche, “eu quero viver porque eu vou mostrar que eu ainda sou capaz”... que não sei que lá...Travando uma luta, né?... Uma luta, exatamente...Contra o tempo...Contra o tempo, uma luta perdida....luta perdida..*

102 ... *Então aquilo que a gente fala, o tempo é inimigo, tem esse lado do tempo, que o tempo é o melhor...o tempo cura as feridas...*

103 ... *É, mas isso aqui eu acho que é uma visão trágica do tempo. É o oposto do que a gente tava falando, né? Quer dizer, que eu entendi assim... É que a gente tava falando do lado positivo do tempo...É, isso daqui é o oposto...Quer dizer, a gente não resiste ao tempo, né, o tempo vence sempre...*

104 ... *(o tempo) é um grande inimigo em determinadas coisas...*

... *Eu tenho uma prima que luta contra a idade ... ela pede de presente de aniversário Botox. Agora imagina ... presente de natal, Botox. Ela é*

*realmente escrava dessa coisa de ... da imagem ... da imagem. Ela não quer ficar jovem, ela não quer é ter ruga nenhuma ... não aceita...*

A análise do discurso oral urbano, assim como a análise do discurso midiático, apontou para uma conceptualização do TEMPO COMO INIMIGO. Entretanto, a motivação maior para essa conceptualização do tempo no discurso midiático é a perda da aparência jovem, destruída pelo TEMPO, o qual, às vezes pode aparecer representado pela metonímia *idade* (como é o caso de uma das expressões acima), enquanto que, no discurso oral urbano, surge uma outra motivação para essa metaforização: a perda da vitalidade, da saúde e da capacidade de realização que nos levam à morte, símbolo da vitória do TEMPO nessa guerra, que, segundo uma das participantes, ” a gente não resiste , o tempo vence sempre...”

- TEMPO É AMIGO

105 ... o tempo é um grande amigo pra curar ferida, no meu caso foi, porque eu acho que eu era uma pessoa até que eu teria que ter feito análise...

106 ... Eu acho que isso tudo me fez crescer como pessoa...claro, o sofrimento faz isso, né?...então, aí que eu digo, o tempo é um grande amigo meu...é um aliado também...

107 ... Então eu acho que nesses casos, né, eu tô falando aqui de coisas trágicas, né, que me aconteceram e eu acho que o tempo é muito legal nisso daí. Hoje eu sei disso e já usei esse estratagema pra gente ajudar outras pessoas que na época tavam passando por coisas muito difíceis.

Numa conceptualização positiva do TEMPO, ao contrário do que acontece na conceptualização vista anteriormente, esse é visto como amigo. Um amigo nas horas

trágicas, que ajuda a superar os momentos difíceis, um amigo que pode até substituir um tratamento psicológico, assim como o TEMPO CURANDEIRO, que, como visto anteriormente, também pode substituir um tratamento psicológico. Nessa conceptualização, assim como na metaforização TEMPO COMO CURANDEIRO, diferentemente do que ocorre na conceptualização anterior – TEMPO COMO INIMIGO – mais é melhor.

Na próxima seção discutirei os resultados da análise dos dados provenientes do discurso feminino rural.

### 7.3 Discurso oral rural<sup>21</sup>

No discurso oral rural, obtido a partir de entrevistas semi estruturadas com cinco participantes residentes na região sertaneja do estado de Minas Gerais, foram identificadas 112 expressões lingüísticas metafóricas tendo o TEMPO como domínio-alvo. O domínio-fonte mais amplamente utilizado nas metaforizações foi *agente* (14%), seguido de *estado em que nos encontramos* (13%), *objeto em movimento* (12,5%), *situação* (12%), *espaço* (10%), *recurso/bem* (9%), *objeto controlado por Deus* (2,6) e *inimigo a ser vencido* (2,6%) (tabela II). Apresento, a seguir, as metáforas conceptuais de TEMPO inferidas a partir da análise do discurso oral rural, juntamente com exemplos das expressões lingüísticas metafóricas que evidenciam as conceptualizações e suas subcategorias.

---

<sup>21</sup> Assim como no caso da denominação *Discurso oral urbano*, a denominação *Discurso oral rural* é específica ao corpus desta pesquisa.

<b>Domínios-fonte</b>	<b>%</b>
agente	14%
estado em que nos encontramos	13%
objeto em movimento	12,5%
situação	12%
espaço	10%
recurso/bem	9%
objeto controlado por Deus	2,6%
Inimigo a ser vencido	2,6%

Tabela II: Domínios-fonte utilizados nas expressões lingüísticas metafóricas de TEMPO identificadas no discurso oral rural.

- TEMPO É AGENTE

A análise dos dados do discurso oral rural revelou três subcategorias da conceptualização do TEMPO COMO AGENTE: TEMPO COMO AGENTE MODIFICADOR, TEMPO COMO AGENTE QUE INTERFERE POSITIVAMENTE NA VIDA DAS PESSOAS e TEMPO COMO AGENTE QUE INTERFERE NEGATIVAMENTE NA VIDA DAS PESSOAS. Exemplos de expressões lingüísticas metafóricas que evidenciam as conceptualizações acima mencionadas serão apresentados a seguir.

- TEMPO É AGENTE MODIFICADOR

108 ...com o tempo tudo mudou ... antigamente as coisa era tudo difícil, era tudo mais difícil e hoje não, hoje as coisa já tão mais, não tá tão difícil igual tava antigamente, é, hoje as coisa é mais com facilidade ... Era difícil porque tinha assim, o serviço não era, o salário não era igual hoje, ganhava poquim. A gente até algumas vez passava é, alguma necessidade e hoje, hoje não,

hoje graças a Deus a gente trabaia, tem um ordenadinho mais melhor, a gente... prosperei minhas filha, minhas filha casaram, graças a Deus, só tem uma pra casar e eu acho que as coisa antigamente era mais difícil. Antigamente a gente não tinha assim nem roupa direito, a gente era difícil, hoje não, hoje a gente ganha muita roupa, o que ganhamo, o que a gente ganha dá pra gente comprá, não é, então por isso que eu falo que antigamente as coisa era bem mais difícil... com o tempo as coisa mudou ... e tem também, eu acho que vem tudo uma coisa com a outra ajudando, o presidente nosso ajuda muito, porque vem aqui uma bolsa famia, um auxílio famia, tudo vem ajudando a passar, então a pessoa tendo isposição pra trabaiaá ... honestidade, a pessoa vai, trabaia e aquele dinheirim já serve pra aplicá em outra coisa, não é? Então a gente trabaia na roça, cóie, né, então dá pra controlá, não é? Tendo saúde, né, graças a Deus, não é? Deus abençoa, né, a vida e a saúde. E é isso...

109 ...as coisa mudou muito com o tempo, porque quando no tempo da gente assim mais nova as coisa parece que era assim mais simples um pouco, porque não tinha muita violência, né. A gente podia andá assim mais tranqüila, sem medo. Hoje as coisa melhorou, mas no momento faz até medo, né, porque tem muita violência...

110 ... Ah, quando a gente era nova tudo, como diz ( ) aí quando a gente vai ficando mais velha, com o tempo tudo muda, né. No tempo da gente mais novo, ali naquelas festa de primeiro, né, que era festa boa, você ia, você farreava a noite toda, não tinha confusão, as colega, você brincava de roda com as colega, era tudo bom, né. Hoje, cabô, hoje não tem isso mais, não tem essa união hoje mais. As moça, hoje você não vê as moça brincá de roda com as outra, você não vê os rapaz hoje com união. É tudo sem união, hoje eles não tem união um com outro. É brigando, é tudo, né, de primeiro não tinha

*isso, né. Então eu acho isso e a gente, no tempo da gente mais novo, se voltasse esse tempo, assim, quando eu era mais nova...*

*111 ... pra mim já, hoje já é mais diferente, por conta que a gente já tá mais de idade, né, então vai acabando mais aquela coisa que a gente tinha de ( ) antigamente. Só que a gente vê os filho da gente, o jeito que eles fica não é igual a gente, né. Do tempo da gente, a gente vê é diferente, né, muito diferente. De antigamente as menina brincava muito de boneca, era tudo. Hoje, as menina hoje não quer saber de brincá de boneca, não quer saber de nada, elas hoje... o brincá de boneca delas é diferente, né...*

Na conceptualização do TEMPO COMO AGENTE MODIFICADOR esse é visto tanto de maneira positiva quanto negativa. Ou seja, a mudança proporcionada pelo TEMPO pode ser positiva ou negativa e pode atuar sobre a sociedade como um todo, agindo indiretamente sobre a vida das pessoas, ou sobre as pessoas individualmente.

➤ TEMPO É AGENTE QUE INTERFERE POSITIVAMENTE NA VIDA DAS PESSOAS

*112 ... mas muitas coisa com o tempo melhorou, em muitas coisa hoje tá melhor de que antigamente.. sobre assim, o dinheiro, né. Antigamente a gente não tinha nenhum dinheiro direito pra gente poder comprar alguma coisa pra gente, né, então a gente só tinha as coisa assim da roça que a gente plantava, coía, aqueles mantimento que a gente vendia e mesmo assim as vez a gente nem alimentava direito e hoje você já alimenta direito, já tem algumas coisa que ( ) e já dá pra você comprá alguma coisa melhor pra você alimentá melhor e antigamente não, era mesmo da roça, mesmo que a gente coía pra poder alimentá, né...*

113 ... *era serviço pesado. Eu ia pro cerrado mais meu irmão. Nós ia trabaiá com machado e foice, nós pegava, cortava a lenha e fazia aqueles metro dessa altura assim, dessa largura pra vender, né. Pra no fim da semana nós tê aqueles trocado pra nos alimentá, né. Que nós já não tinha, o pai não güentava trabaiá mais, né, já não mexia com lavoura mais, né. Enquanto ele güentava mexer com lavoura nós mexia, né. Depois, mas ele também tinha lavoura, mas nós tinha que ganhá uns trocado, né, por fora, né. Então nós mexia, cá eu mais meus dois irmão também, depois que meu pai morreu nós continuou mexer com a lavoura. E casei ... e casei e veio meus filho e buscava água lá longe, um na barriga e outro no braço, né, hoje graças a Deus cabô isso, né ... as coisa mudou com os ano ... as coisa hoje melhorou demais mesmo, eu acho. Hoje a gente tendo o dinheiro a gente tem tudo que a gente precisa, né. Tudo mais fácil. Ah, de primeiro era muito dificultoso...*

114 ... *com o tempo as coisa melhorou bem, graças a Deus, melhorou. Nossa, a gente sofria, viu. A gente trabaiava pra ajudá os pais, boba. Hoje, graças a Deus, tá bem melhor a vida, pelo jeito que a gente tinha ... a gente, mudava daqui pra lá, só depois que nós fez a casinha sossegou mais, né. Ficou mais sossegado, sem ficá mudando. Nó, nós mudava demais quando nós era mais novo, com pai. Agora melhorou bem...*

Tomando como base o discurso acima, que aponta para a conceptualização do TEMPO COMO AGENTE QUE INTEFERE POSITIVAMENTE NA VIDA DAS PESSOAS, observa-se que a interferência positiva se dá de maneira indireta, via mudança social, apontando assim para uma fundamentação ideológica da conceptualização do tempo (CHRTERIS-BLACK, 2004, 2005; cf. **5.9**).

➤ TEMPO É AGENTE QUE INTERFERE NEGATIVAMENTE NA VIDA DAS PESSOAS

115 ... a pessoa tem de ... de ter mais, mais genioso, né, levanta cedo, pra tudo cedo, cedo né. E agora, se a pessoa não tiver isposição pra trabaiaá, pra nada, fica naquilo, né. Tem que ter saúde, saúde à benção de Deus é primeiro, né, e a isposição , né, se não tiver isso não tem nada feito... mas, aí já vem os probreminha junto com a idade, a gente tem saúde à benção de Deus, mas saúde que não é igual de antigo. Antigamente eu era mais nova, né, era mais nova, não era cheia de probrema igual hoje. Hoje, já viu, já tem um probreminha de reumatismo, já vem, a idade também chega e ela traz o probreminha, tá aí, né, então..

116 ... mas eu estou com essa idade, mia fia. Então, é o caso que hoje em dia, a vida é essa, corrida, tem hora que a gente tem que trabaiaá, a gente não pode ficá parado não. E vem os probreminha com o tempo, as vez reumatismo, é um trem, é outro, mas Deus ajuda a gente superá isso, né?...

117 ... meu dia a dia é, eu saio assim na segunda, e na terça eu tô em casa, quando eu não tô trabaiano mais minha irmã do outro lado do rio, que ela tem um sítio lá do outro lado e ela anda muito probremada de saúde, a idade trouxe uma probremada de saúde, então é, eu vou mais ela. Ela tem a carroça, pega o cavalo, arreia e nós vamo. O dia que eu não ... se eu não tô pra lá, eu tô aqui, eu aqui é ... lavando umas roupa, é mexendo numa roça, é arrumando essa casa aqui...

118 ... eu trabalho só aqui mesmo na minha casa, né. Na lavoura agora eu não güento mais não, né. Nem, eu tenho probrema de cardíaco também, né.



*Qualquer coisinha que eu mexo assim com pressa eu fico com falta de fôlego.  
A idade trouxe isso ...*

119 ... *as menina aí, meu marido me xingam porque eu tenho o remédio dentro de casa mas tem dia que eu passo até semana sem tomar o remédio... eles fala com eu assim ... , ah, eu nasci pra tomar remédio não (risos). Tô pra ver né, ignorância. Não importo mesmo com remédio, não. Na hora que eu tô ruim mesmo, aí eu tomo. A sra desculpa porque a gente não sabe nem conversar. A gente se for conversar mesmo, ô meu Deus, o princípio da vida da gente, né. A idade judia muito da gente, não deixa a gente fazer muita coisa, mas eu tô lutando ...*

No discurso analisado, todas as expressões lingüísticas metafóricas que apontam para a conceptualização do TEMPO COMO AGENTE QUE INTERFERE NEGATIVAMENTE NA VIDA DAS PESSOAS apresentam a relação metonímica idade pelo tempo (efeito pela causa). Com base no discurso acima, a interferência negativa se dá de maneira direta: trata-se do TEMPO atuando diretamente sobre os indivíduos e produzindo efeitos prejudiciais à saúde.

Nas três subcategorias da conceptualização TEMPO COMO AGENTE vistos acima, é possível observar o uso recorrente das expressões *com o tempo* e *com a idade*, utilizadas metaforicamente. Assim sendo, faz-se necessário discutir o uso das referidas expressões.

Segundo Bechara (1986), um dos usos básicos da preposição *com* é para indicar causa, o que parece acontecer no discurso rural analisado. Desse modo, assim como evidenciado no discurso urbano, o TEMPO também é conceptualizado como um agente causador pelas participantes rurais desta pesquisa. O fato de as expressões serem utilizadas como constituintes de expressões lingüísticas metafóricas que apontam para as conceptualizações TEMPO É AGENTE MODIFICADOR, TEMPO É AGENTE QUE INTERFERE POSITIVAMENTE NA VIDA DAS PESSOAS e TEMPO É

AGENTE QUE INTERFERE NEGATIVAMENTE NA VIDA DAS PESSOAS, vem reforçar a alegação de que essas conceptualizações constituem subcategorias da metáfora TEMPO É AGENTE CAUSADOR.

Uma pesquisa rápida no site de busca Google mostrou que essa conceptualização do TEMPO pode ser evidenciada em diferentes discursos. Em uma busca feita no dia 10/04/2008 foi possível observar que de um total de 100 ocorrências da expressão *com o tempo*, 32% eram metafóricas e apontavam para a conceptualização TEMPO COMO AGENTE CAUSADOR. Seguem alguns exemplos:

- ✓ ... *com o tempo você compreende...*
- ✓ ... *algumas coisas mudam com o tempo...*
- ✓ ... *com o tempo as imaginações tornam-se lembranças...*
- ✓ ... *com o tempo as coisas se acertam ...*
- ✓ ... *você vai aprender com o tempo ...*

Quanto à expressão *com a idade*, pertencente ao mesmo domínio TEMPO, de um total de 100 ocorrências 49%, praticamente a metade, eram metafóricas e apontavam para a mesma conceptualização do TEMPO. Seguem alguns exemplos:

- ✓ ... *animais perdem a fertilidade com a idade ...*
- ✓ ... *o consumo de TV aumenta com a idade ...*
- ✓ ... *o funcionamento do cérebro reduz com a idade ...*
- ✓ ... *a saúde tende a declinar com a idade ...*
- ✓ ... *a massa protéica do organismo diminui com a idade ...*
- ✓ ... *com a idade, o problema de intestino preguiçoso aumenta ...*

É importante observar, que, desses 49% de ocorrências metafóricas, 75% parecem evidenciar a conceptualização O TEMPO INTERFERE NEGATIVAMENTE NA SAÚDE DO SER HUMANO, que, por sua vez, constitui uma subcategoria da

metáforização do TEMPO COMO AGENTE CAUSADOR. Ademais, trata-se de uma conceptualização que pode ser associada à conceptualização TEMPO É INIMIGO, inferida do discurso rural analisado nesta pesquisa e cuja motivação parece ser a debilitação da saúde decorrente da idade.

- TEMPO É ESTADO EM QUE NOS ENCONTRAMOS

120 ... *mas eu estou com essa idade, mia fia. Então, é o caso que hoje em dia, a vida é essa, corrida, tem hora que a gente tem que trabaiaá, a gente não pode ficá parado não. E vem os probreminha com o tempo, as vez reumatismo, é um trem, é outro, mais Deus ajuda a gente superá isso, né?...*

121 ... *estou com 48 anos. Eu nasci foi na fazenda perto de Caetanópolis. Nós trabaiaava na roça desde pequeno, né. Meu pai toda vida, né, mora na roça e nós foi criado tudo na roça, trabaiano na roça, até hoje nós mexe na roça...*

122 ... *com essa idade que eu tô agora eu não sinto saudade de antigamente, não...*

123 ... *Quando eu vim pra cá, deixa eu ver, a menina minha , uma menina minha que eu tava esperando ela, tava ... eu tava com 2 mes de gravidez, hoje ela tá com 16 anos...*

124 ... *Eu casei com 19 anos e depois que eu casei ainda fiquei morando lá por aquelas beirada lá de ( ) muitos ano ainda, deve ter ficado mais ou menos mais uns 10 anos ou mais, é fiquei morando lá. Aí a gente veio pra cá... eu tive as minhas filha... cinco menina, tudo muié. É, tenho nenhum homem não. Agora elas tão no, são quatro, é três casada e duas sem casar ...*

*essa aqui que tá com 9, 10 anos e a outra que tá com 16 anos. Essa é a mais nova...*

125 ... *Aproveitei muito, né o meu tempo. Então hoje, pra mim já, hoje já é mais diferente, que a gente já tá mais de idade, né, então vai acabando mais aquela coisa que a gente tinha de ( ) antigamente...*

126 ... *E eu comecei a trabaiá eu tava com 8 anos. Estudei não, e era muito difícil também ... não tinha condição mesmo da gente ir estudá não. Então a vida da gente é muito sofrida, né. E aí eu fiquei, com 8 anos eu comecei a trabaiá e fui trabaiano, trabaiano pros outro assim, plantando roça, ia com meu pai pro mato pra ele ... tocava lavoura, né, ele tocava lavoura e então eu ia com ele e meus dois irmão mais véio que eu, eu ia que eu cozinhava pra eles e a hora que eu cabava de arrumá lá a comida eu ia ajudá eles plantá. Quando era dia de sábado nós voltava pra casa...*

127 ... *quando eu casei eu tava com 15 anos e meu marido tava com não sei se é 21, 22 anos ... filho vivo eu tenho 7 ... eu tive 10...*

128 ... *Aí quando eu tava com 30 anos eu ganhei a caçula e aí eu liguei...*

129 ... *Eu nasci foi aqui em Beltrão, de famia fraca, de famia, é, sô humilde, da roça, meus pais nasceram aqui, sempre moramo aqui e fui criada aqui. Tô nessa idade criada aqui em Beltrão...é... trabaiamo muito tempo lá na fazenda dos uruguaio e depois voltei a tá aqui em Beltrão mesmo...*

130 ... *fiquei lá uma parte de um ano e pouco em Três Marias e trabaiei, depois eu vim embora pra cuidar do meu pai porque ele tava andando muito*

*doente ... e tô nessa idade ... aí logo eu prosperei famia, não casei não, prosperei famia...*

No discurso analisado, todas as expressões lingüísticas que apontam para a conceptualização do TEMPO COMO ESTADO EM QUE NOS ENCONTRAMOS constituem metáforas verbais, ou seja, o foco da metáfora lingüística é o verbo *estar*, verbo que expressa estado transitório, passageiro (BECHARA, 1986; CUNHA, 1980). Como visto anteriormente na seção 6.2, no discurso feminino urbano também foram identificadas metáforas verbais para referir à idade. Entretanto, no discurso urbano oral observou-se o uso do verbo *ter*, indicando posse, apontando assim para uma noção de pertencimento, propriedade do TEMPO, enquanto que no discurso rural oral o uso do verbo *estar*, para a mesma situação, aponta para uma visão bem diferente do TEMPO. Ao contrário do que acontece com as participantes urbanas, as mulheres habitantes de região rural que participaram desta pesquisa apresentam, aparentemente, uma relação de distanciamento com o TEMPO, não de propriedade, pelo fato de o conceberem como transitório, passageiro, e, por esse motivo, não cabível de pertencimento. Uma razão para essa diferença nas conceptualizações do tempo talvez seja o fato de que, em comunidades rurais, parece não ser incomum pessoas como as participantes da pesquisa não exercitarem o “senso de propriedade”. Elas moram em casa alheias, trabalham em terras alheias, o que possuem é muito pouco. Porque o TEMPO lhes pertenceria? O TEMPO não pertence a elas, mas a alguém mais rico ou poderoso, como acontece com tudo mais. Além disso, uma possível motivação para a escolha do domínio-fonte *estado*, evidenciado pelo verbo *estar*, talvez seja o fato de esse constituir um domínio primário relacionado às experiências mais marcantes nas vidas dessas mulheres. Todas elas relataram ter vivido uma vida quase que nômade, itinerante, em que nada era permanente, tudo era temporário: a moradia, o trabalho, as amizades, etc.

- TEMPO É OBJETO EM MOVIMENTO

131 ... *Eu tinha de ir pra arrumar lá a casa. Eu falei, gente ( ) tava aproximando o feriado, né, aí eu falei ... não eu tinha de vir. Aí eu vim. Cheguei, fui pra fazenda, trabaiei bastante, graças a Deus tudo bem. Graças a Deus...*

132 ... *Hoje, já viu, já tem um probreminha de reumatismo, já vem, a idade também chega e ela traz o probreminha, tá aí, né, então...*

133 ... *Parece a veiice tá chegando é de pouco a pouco ... não sinto vontade... e o caso é quando a gente é mais novo, aí com uns 25, 30 anos é bom, tem disposição, né. Mas eu acho que agora não sinto vontade de sair, é mesmo assim, tem vez que eu vou na casa duma amiga, assim, a gente bate papo ali...*

134 ... *eu preocupo, né, a gente ficar mais velha, né, não güentar nada mais, mexer, ( ) muita coisa, né? A gente não sabe da vida da gente, do tempo que vem né, só Deus. Adoecer, não güentar fazer nada, ficar em cima da cama, eu penso assim, ficar dependendo dos outros, nó, muito ruim, né. Eu penso muito.*

135 ... *(o tempo) passa ...*

136 ... *Então eu acho isso e a gente, no tempo da gente mais novo se voltasse esse tempo, assim, quando eu era mais nova...*

137 ... *Até que chegou uma idade da gente ficar assim mais adulta, né, mas sempre na convivência, trabalhando, né. Casei, meu marido também, a mesma coisa, né...*

138 ... *Naquelas brincadeiras de criança eu tava aproveitando o meu tempo de infância. Então chegou o tempo determinado pelo senhor de fazer uma transformação da minha vida espiritual...*

139 ... *Tem hora que a gente fica recordando as coisa que passou, né, tudo passa, o tempo passa, mas menos a palavra de Deus que continua para sempre, né ...*

140 ... *Vai chegar o tempo que a bíblia vai ser recolhida, vai chegar o tempo que ninguém pode falar de Jesus mais...*

Todas as expressões lingüísticas metafóricas do discurso rural oral que levaram à inferência da conceptualização de TEMPO COMO OBJETO EM MOVIMENTO constituem metáforas verbais. Esse objeto que se move apresenta um aspecto negativo: alguns problemas de saúde que são trazidos pelo TEMPO, e que diminuem a capacidade de trabalho das mulheres, colocando em risco sua sobrevivência.

Diferentemente do que foi observado no discurso urbano oral e no discurso midiático, não parece haver a sensação de que esse movimento seja muito rápido, pelo contrário, ele é lento. Como observam duas das participantes “*a veíice tá chegando é de pouco a pouco*”, “*Até que chegou uma idade da gente ficar assim mais adulta*” ( “*de pouco a pouco*” e “*até que*” expressando lentidão). Entretanto, esse movimento lento não parece ser visto de maneira negativa nem positiva. Apenas constitui um fato.

- TEMPO É SITUAÇÃO

141 ... eu preocupo, né, a gente ficar mais velha, né, não güentar nada mais, mexer, ( ) muita coisa, né? A gente não sabe da vida da gente, do tempo que vem né, só Deus. Adoecer, não güentar fazer nada, ficar em cima da cama, eu penso assim, ficar dependendo dos outros, nó, muito ruim, né. Eu penso muito... nó, eu tenho um medo disso. Tem gente que fica assim, né. Eu preocupo muito com essa idade da gente. Mas hoje em dia, ah, as pessoa não tá ficando muito velho demais não...

142 ... na época, espiritualmente eu vivia morta, eu ainda não conhecia esse Deus maravilhoso. Então eu não me preocupo com esse negócio da idade porque Jesus é tudo por nós...

143 ... A gente tem saudade do tempo de mais novo ... a gente tem saudade porque você vê, né, só de dizer que era mais nova, já era um pouco ... né? E a gente já meia, já decadente... A gente vai numa festinha, tem outra isposição quando a gente é novo ...

144 ... eu acho que eu nem tenho saudade do tempo que a gente era mais novo, viu. A gente já passou muito sofrimento na vida, boba...

145 ... Não tem nenhuma saudade daquele tempo ... tem nada. Tá muito bem assim. Eu trabaio, desde quando nós era mais novinha, com 13, 14 anos, né, nós trabaiaava na roça mais pai e até hoje continuo trabaiano do mesmo jeito na roça, na lavoura e vai e é desse jeito, minha fia...

146 ... eu não tem não ... tem saudade daquele tempo não, porque a gente vem sofrendo desde novo, desde nova que eu evem sofrendo, né. E não tem jeito, não... agora ficou mais fácil do jeito que ... de primeiro as coisa era muito dificultoso, né, agora hoje não, hoje tem tudo na ... tudo em ordem



*mesmo, que a gente só pega, não precisa de ficar com dificuldade, socando arroz, torrando café. Torrava café. A gente panhava o café, a gente ia socar ele pra poder torrar, né...*

147 ... *Eu ia muito ne ferra, em jogo com as minha colega. Aproveitei muito né o meu tempo. Então hoje, pra mim já, hoje já é mais diferente, que a gente já tá mais de idade, né, então vai acabando mais aquela coisa que a gente tinha de ( ) antigamente...*

148 ... *Naquelas brincadeiras de criança eu tava aproveitando o meu tempo de infância...*

149 ... *tem um ano que aprendi a andá de bicicleta ... é um ano, que eu aprendi, graças a Deus. Que tem me servido um tanto ... tem me servido muito ... Eu vou pra lá, num instantinho eu chego lá, volto, vou pra algum serviço aí de bicicleta...*

150 ... *tem 8 anos que nós mora aqui em Beltrão. Depois que nós veio pra aqui melhorou um pouco ... nós tinha uma vidinha muito ruim...*

151 ... *já tem 20, 22 ano que nós mora aqui. Mora com patrão...*

As expressões lingüísticas acima apontam para uma conceptualização do TEMPO COMO SITUAÇÃO EM QUE NOS ENCONTRAMOS. Com base no discurso analisado, trata-se de um conjunto de circunstâncias que pode ou não nos proporcionar alegria, do qual temos ou não saudades, com o qual nos preocupamos ou não, ou que simplesmente existem. Com base em Barcelona (2002) (cf. capítulo 3), acredito que essa possa ser uma conceptualização metonímica (parte pelo todo), em que o TEMPO, nesse caso um subdomínio pertencente ao domínio SITUAÇÃO, é

realçado e usado para referir ao conjunto de circunstâncias que formam uma situação.

- TEMPO É ESPAÇO

152 ... *Ela vai fazer 1 ano dia 26 de julho... tá perto... tá pertinho, né, passa rapidinho...*

153 ... *Meu pai quando ele morreu ele tava muito novo e minha mãe morreu depois dele, mas morreu nova também. Ela morreu com uns 60 anos. Agora ele não, ele tava mais novo, ele tava bem novo. Naquela época o povo casava muito novo, né? Casava novo demais, e aí casou e daí a pouco veio os fio e ele foi adoeceu, minha mãe também adoeceu e eu mais ... eu e os dois irmão mais velho, né, que trabaiava pra sustentar os mais novo. Tinha mais quatro mais novo. Fora os outro que já tinha morrido, né. Então ficou nós...*

154 ... *sempre a gente pensa, né, pro futuro da gente, né, mas é só Deus mesmo pra vê que que a gente pode, né. Pra resolver que que pode ser o futuro mais pra frente, né. Mas é meio difícil...*

155 ... *na época eu era bem pequena. Então nesse período a gente foi pra lá também trabalhar, né, ajudar ali na batalha, ali, esses menino tudo pequeno, tudo mais ou menos na idade nossa, tudo igual, sabe...*

156 ... *tem muitas coisa que a gente recorda, né, ali, aquela convivência que tinha, né, na época, né, mas tudo passa, né e ali chegou a uma conclusão que a gente vai entender o que Deus queria com a gente, não é? E vai modificando, que o Senhor prepara o tempo, tudo no tempo certo ... no tempo não nosso, mas do Senhor ...*

As expressões metafóricas identificadas no discurso oral rural que apontam para a metaforização do TEMPO COMO ESPAÇO, são, em sua maioria, expressões metafóricas preposicionais. Nesses casos, como visto anteriormente neste trabalho (seções 4.2.1 e 4.2.3), o tempo é conceptualizado como uma paisagem sobre a qual nos locomovemos. Por outro lado, apesar de as expressões “*tá perto*” e “*o futuro mais pra frente*” evidenciarem uma conceptualização do TEMPO COMO ESPAÇO, trata-se da submetáfora TEMPO COMO PONTO NO ESPAÇO e para o qual nos dirigimos.

- TEMPO É RECURSO/BEM

157 ... *Aproveitei muito, né o meu tempo. Então hoje, pra mim já ... hoje já é mais diferente, que a gente já tá mais de idade, né, então vai acabando mais aquela coisa que a gente tinha de ( ) antigamente...*

158 ... *Naquelas brincadeiras de criança eu tava aproveitando o meu tempo de infância..*

159 ... *É que tem muitas coisa que você quer fazer e não consegue fazer porque não tem o tempo. Ou as vezes você quer fazer uma coisa e você não pode fazer porque não tem o serviço...*

160 ... *E eu trabaio na roça, né, na lavoura, até hoje, todo dia, hoje mesmo eu já vim de lá da lavoura, eles tão colhendo milho lá. Lá do outro lado do rio das Velhas. Nós mexe é com isso aqui, minha fia, nós não teve tempo nem de estudá, porque mexendo, né. Pai mudava demais. Ele tinha uma vidinha muito ruim, né e nós não teve tempo nem de estudá. Nós são sete irmãos...*

161 ... *Mais ou menos eu acho que uns 51 eu creio que eu já tenho, uai, minha terra natal toda vida foi aqui essa cidade ( ) Beltrão, né...*

162 ... *o Senhor prepara o tempo, tudo no tempo certo, no tempo não nosso, mas do Senhor...*

As expressões metafóricas identificadas no discurso oral rural como evidência para a metaforização do TEMPO COMO RECURSO/BEM podem ser divididas em dois tipos: metáforas verbais e aquelas cujo foco é o pronome possessivo (*meu/nosso*). Enquanto que no discurso oral urbano a conceptualização do TEMPO COMO RECURSO/BEM representa 22% das metaforizações identificadas, no discurso oral rural essa conceptualização representa apenas 9% das metaforizações. A preocupação, a ansiedade e a tristeza observadas na análise do discurso oral urbano, diante da constatação da limitação do recurso TEMPO, não parecem se sustentar no discurso rural. Ademais, em uma das expressões metafóricas, a propriedade do TEMPO COMO RECURSO é atribuída a Deus (“*no tempo não nosso, mas do Senhor ...*”), o que vem reforçar a constatação, baseada nas expressões metafóricas que apontam para a metáfora TEMPO É ESTADO EM QUE NOS ENCONTRAMOS, de que o tempo não pertence a essas mulheres rurais, ele pertence a alguém mais rico ou poderoso: ele pertence a Deus.

- TEMPO É OBJETO CONTROLADO POR DEUS

163 ... *O futuro só Deus controla...*

164 ... *Ah, menina, tem muitas coisa que a gente recorda, né, ali, aquela convivência que tinha, né, na época, né, mas tudo passa ... e vai modificando, que o Senhor prepara o tempo, tudo no tempo certo, no tempo não nosso, mas do Senhor...*

165 ... *Então chegou o tempo determinado pelo senhor de fazer uma transformação da minha vida espiritual ...*

A conceptualização do TEMPO COMO OBJETO CONTROLADO POR DEUS parece confirmar a hipótese, levantada acima, de que o TEMPO é um recurso/bem que pertence a Deus. E como tal, é Deus quem o controla, determina e modifica. Assim sendo, seguindo Charteris-Black (2004), parece que estamos diante de uma conceptualização do tempo de base ideológica, ou seja, fundamentada na religião, uma das agências sociais mencionadas pelo autor (cf. seção 5.9).

- TEMPO É INIMIGO A SER VENCIDO

166 ... *Deus que tudo pode, né, ele dá força pra gente cada vez vencer as batalhas do tempo ... é o único caminho que traz segurança pra nossa vida...*

167 ... *E a vida é essa, difícil, é lutada, né...*

168 ... *A idade judia muito da gente, não deixa a gente fazer muita coisa, mas eu tô lutando ...*

A conceptualização do TEMPO COMO INIMIGO já foi discutida anteriormente neste trabalho (seções 6.1.1 e 6.2). Duas diferentes razões foram apontadas como fundamentos para essa conceptualização: a perda da aparência jovem e a fragilização da saúde, ambas consideradas efeitos negativos do TEMPO sobre o corpo da mulher. No discurso rural analisado, é possível identificar a fragilização da saúde como responsável por essa conceptualização. Diferentemente do que ocorreu no discurso midiático e no discurso oral urbano, a perda da aparência

jovem causada pelo tempo não é mencionada em nenhum momento. Entretanto, surge um outro fator que também parece fundamentar a conceptualização em questão: problemas de cunho social – a questão da segurança, em dois sentidos: segurança física e segurança no trabalho – e que são considerados, pelo senso comum, resultado dos tempos atuais.

Na próxima seção apresento a discussão dos resultados da análise apresentada acima, procurando estabelecer uma articulação entre as constatações feitas a partir da análise dos três diferentes tipos de discurso que compõem o corpus.

#### **6.4 Discussão dos resultados**

As metáforas conceptuais inferidas a partir da análise do corpus foram as seguintes (apresentadas em ordem decrescente de frequência):

Discurso midiático – textos publicitários:

- TEMPO É INIMIGO
- TEMPO É OBJETO EM MOVIMENTO
- TEMPO É RECURSO
- TEMPO É ESPAÇO

Discurso midiático – textos reflexivos:

- TEMPO É RECURSO
- TEMPO É OBJETO EM MOVIMENTO

Discurso oral urbano:

- TEMPO É ESPAÇO
- TEMPO É RECURSO
- TEMPO É AGENTE
- TEMPO É OBJETO EM MOVIMENTO

- TEMPO É INIMIGO
- TEMPO É AMIGO

Discurso oral rural:

- TEMPO É AGENTE
- TEMPO É ESTADO EM QUE NOS ENCONTRAMOS
- TEMPO É OBJETO EM MOVIMENTO
- TEMPO É SITUAÇÃO
- TEMPO É ESPAÇO
- TEMPO É RECURSO
- TEMPO É OBJETO CONTROLADO POR DEUS
- TEMPO É INIMIGO

A análise apresentada no capítulo 6 mostra que as conceptualizações do TEMPO COMO ESPAÇO, TEMPO COMO RECURSO e TEMPO COMO OBJETO EM MOVIMENTO foram inferidas nos três tipos de discurso que compõem o corpus desta investigação. É importante lembrar, entretanto, que essas inferências já eram esperadas, uma vez que se trata de metaforizações convencionais do TEMPO (cf. seção 4.2). Por outro lado, também foi observado que as motivações para as conceptualizações do TEMPO COMO RECURSO e TEMPO COMO OBJETO EM MOVIMENTO não parecem ser as mesmas nos discursos analisados.

A conceptualização do TEMPO COMO RECURSO parece encontrar motivação na sobrecarga de trabalho imposta à mulher, no que diz respeito aos textos reflexivos do discurso midiático, o que as leva à visão de TEMPO COMO RECURSO ESCASSO. Com base em Charteris-Black (2004, 2005), essa conceptualização pode ser considerada como sendo de cunho ideológico, uma vez que encontra motivação na agência social emprego (cf. seção 5.9).

No que tange ao discurso oral urbano, a metaforização do TEMPO COMO RECURSO parece ser motivada pela idade das mulheres e pelo desejo de realização,

o qual parece ser maior do que o tempo de vida que lhes resta. Esses dois fatos também conduzem à metáforização do TEMPO COMO RECURSO ESCASSO. Por outro lado, no discurso oral rural, além da sobrecarga de trabalho que recai sobre as mulheres, que, como no caso do discurso midiático, leva à conceptualização de TEMPO COMO RECURSO ESCASSO, surge uma motivação religiosa para a metáforização do TEMPO COMO RECURSO, a qual leva à subcategoria TEMPO É RECURSO QUE PERTENCE A DEUS. Essa conceptualização também parece ter cunho ideológico, uma vez que se apóia na instituição social religião (cf. seção 5.9).

Com relação aos textos publicitários que constituem parte do discurso midiático analisado, a metáfora TEMPO COMO OBJETO EM MOVIMENTO aparenta ter motivação estética, ou seja, parece ser motivada pela valorização da aparência jovem. Daí a submetáfora TEMPO É OBJETO EM MOVIMENTO QUE DEVE SER DETIDO. Nessa conceptualização é o movimento do tempo que provoca o envelhecimento e, conseqüentemente, a aparência enrugada. Se o movimento é detido, o envelhecimento cessa e a aparência permanece jovem. Quanto aos textos reflexivos, também parte do discurso midiático, a conceptualização do TEMPO COMO OBJETO EM MOVIMENTO parece ter mais de uma motivação: o desejo de realização, o desejo de prolongar a vida e de retardar a morte. Nessa conceptualização, ao se movimentar, o tempo nos leva ao nosso destino final: a morte. Quanto mais rápido esse movimento, mais rapidamente somos conduzidos ao nosso destino e menos vida nos resta. Daí, novamente, a submetáfora TEMPO COMO OBJETO EM MOVIMENTO QUE DEVE SER DETIDO, visto que, se o movimento do TEMPO é interrompido, a vida é prolongada, há a oportunidade de realizações e a morte é retardada. Como visto na seção 6.2, essa conceptualização está, de alguma forma, relacionada à metáforização A VIDA É UMA VIAGEM.

No discurso oral urbano, a conceptualização do TEMPO COMO OBJETO EM MOVIMENTO é vista tanto positiva quanto negativamente. O aspecto positivo diz respeito ao conhecimento e ao amadurecimento que *“vêm junto com o tempo”*. Já o aspecto negativo refere-se ao envelhecimento *“para aqueles que têm dificuldade de*



*envelhecer*”, à morte que se aproxima cada vez mais com o movimento do tempo e a conseqüente perda da vida – uma conceptualização semelhante àquela inferida nos textos reflexivos do discurso midiático.

No discurso oral rural, na conceptualização do TEMPO COMO OBJETO EM MOVIMENTO, o movimento não é visto como sendo rápido e não precisa ser detido, como constatado na análise dos demais discursos. Nessa conceptualização esse objeto traz consigo alguns problemas de saúde, o que é constatado apenas como um fato, uma realidade.

Outra metáfora recorrente nos três diferentes discursos analisados é TEMPO É INIMIGO, metáfora essa que também apresenta diferentes motivações. No discurso midiático, a conceptualização do TEMPO COMO INIMIGO é inferida apenas nos textos publicitários e as motivações para essa metaforização do tempo parecem ser a estética e o medo do envelhecimento, que também pode estar relacionado à estética. O TEMPO é visto como o grande inimigo que destrói a aparência jovem, rouba a expressividade e provoca rugas nas mulheres. Por esse motivo ele deve ser combatido com o uso de armas de última geração. Ademais, a análise do discurso publicitário, com base em Musolff (2004) (cf. **5.10**), apontou para a configuração do cenário “campo de batalha”, com seus personagens e respectivas ações. Vale lembrar, também, que, com base em Charteris-Black (2004, 2005), parece haver um fundamento ideológico no que diz respeito à metaforização do TEMPO COMO INIMIGO inferida no discurso publicitário, uma vez que a análise das metáforas revela as intenções encobertas dos produtores do discurso: incitar um estado de emergência ou provocar sofrimento e ansiedade com propósito persuasivo. Nesse discurso, o produto anunciado aparece como o “herói” (a solução), que surge para combater o inimigo (o tempo e suas marcas).

Por outro lado, a metáfora TEMPO É INIMIGO apresenta-se bem menos freqüente nos discursos oral urbano e oral rural. As razões da referida conceptualização também parecem ser outras. No discurso urbano a vitória do TEMPO seria sobre a vitalidade, saúde e capacidade de realização. No discurso rural

o TEMPO é visto como INIMIGO devido ao fato de ele tirar da mulher a saúde, aquilo que garante a sua capacidade de trabalhar e, conseqüentemente, de sobreviver.

Uma das questões desta pesquisa diz respeito à articulação entre as metáforas inferidas no discurso midiático e aquelas que fundamentam o discurso oral urbano. Na verdade, eu esperava encontrar uma articulação maior entre essas metaforizações, em virtude da alta freqüência da conceptualização do TEMPO COMO INIMIGO em um discurso persuasivo como o publicitário. Entretanto, essa articulação não foi observada. Pode ser que, como sugere Cameron (2006), o contexto – evento social de leitura – ou o tipo de discurso tenham contribuído para a produção de diferentes mapeamentos do TEMPO COMO INIMIGO. Talvez se essas mulheres se encontrassem em um salão de beleza ou na sala de espera de uma esteticista, suas conceptualizações de TEMPO COMO INIMIGO se apresentassem em maior consonância com aquelas observadas no discurso midiático analisado.

A conceptualização do TEMPO COMO AGENTE pôde ser evidenciada tanto no discurso urbano quanto no discurso rural. Entretanto, os mapeamentos apresentam algumas diferenças. Para as mulheres habitantes de zona rural, o agente TEMPO pode ocasionar mudanças positivas ou negativas, atuando indiretamente, ao atingir a sociedade como um todo, ou sobre as pessoas individualmente. A interferência positiva parece se dar via mudança social (*aumento salarial, bolsa família*) e os benefícios mencionados são sempre benefícios materiais (*salário melhor, roupas, alimentos*), relacionados às necessidades básicas das pessoas. Quando a interferência é negativa o TEMPO atinge as mulheres diretamente, causando problemas de saúde.

Quanto aos mapeamentos metafóricos evidenciados no discurso urbano, as ações ocasionadas pelo agente TEMPO também podem ser positivas ou negativas. As interferências negativas dizem respeito a, além de problemas de saúde, como no discurso rural, a estética. Entretanto, no que diz respeito aos problemas de saúde, no discurso rural, como visto acima, esses afetam diretamente a vida das mulheres,

limitando suas ações e impedindo que elas trabalhem (sua maior preocupação). Por outro lado, no discurso urbano, o problema de saúde mencionado – colesterol alto (problema intelectualmente concebido) – não apresenta sintoma limitador e não afeta diretamente o cotidiano das participantes. As interferências positivas, diferentemente do que foi detectado no discurso rural, se referem a benefícios imateriais: *conhecimento, maturidade, auto-aceitação, percepção, tolerância*, etc. Ou seja, benefícios nada relacionados às necessidades básicas, certamente devido ao fato de essas participantes pertencerem a uma classe sócio-econômica mais privilegiada. Assim sendo, é possível que as diferenças constatadas nos mapeamentos da conceptualização do TEMPO COMO AGENTE inferida tanto no discurso urbano quanto no rural se sustentem nas diferenças sociais experienciadas pelos dois grupos de participantes.

Algumas metaforizações do TEMPO foram detectadas em apenas um dos discursos. As mulheres habitantes de zona urbana conceptualizam o TEMPO COMO AMIGO que ajuda a curar feridas (sofrimento) e a superar tristezas. O discurso rural apontou para as conceptualizações do TEMPO COMO SITUAÇÃO, TEMPO COMO ESTADO EM QUE NOS ENCONTRAMOS e TEMPO COMO OBJETO CONTROLADO POR DEUS.

Na metaforização do TEMPO COMO SITUAÇÃO, esse se apresenta em relação metonímica (parte pelo todo) com o domínio SITUAÇÃO.

As conceptualizações do TEMPO COMO ESTADO EM QUE NOS ENCONTRAMOS e TEMPO COMO OBJETO CONTROLADO POR DEUS constituem mapeamentos que se apóiam em idéias contrárias à de pertencimento, como a da metaforização do TEMPO COMO RECURSO e parecem ter fundamento ideológico, pelo fato de terem cunho social.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente pesquisa teve como objetivo principal buscar uma compreensão da conceptualização de tempo por mulheres brasileiras, na faixa etária 48-58 anos, pertencentes a duas diferentes subculturas – mulheres residentes em zona urbana e mulheres residentes em zona rural. Para tal, parti da investigação de expressões lingüísticas metafóricas de tempo presentes no discurso midiático voltado para o público feminino adulto e no discurso produzido pelas participantes da pesquisa.

Para desenvolver este estudo, o primeiro passo foi o estabelecimento de um arcabouço teórico que pudesse servir de apoio ao processo de investigação. Com esse propósito, primeiramente, apresentei e discuti as Teorias Conceptuais da Metáfora e da Metonímia – as quais constituem a visão contemporânea desses dois tropos –, pois, a partir dessa visão, estariam implicadas outras questões que constituiriam o meu aparato teórico. Desse modo, compuseram também a fundamentação deste estudo os modelos conceptuais de tempo desenvolvidos a partir das teorias cognitivas da metáfora e da metonímia.

A investigação foi conduzida com base no paradigma interpretativista de pesquisa e para a qual foi utilizado um corpus composto de três tipos diferentes de discurso, somando um total de aproximadamente 50 000 palavras. Uma parte do corpus foi coletada de publicações voltadas para o público feminino adulto e outras duas partes foram geradas pelas participantes da pesquisa, a partir de eventos sociais

de leitura e de entrevistas semi estruturadas, resultando, nos dois casos, em narrativas de vida.

O corpus foi analisado seguindo metodologia desenvolvida para analisar metáforas presentes no discurso, ou seja, na linguagem em uso, em diversos contextos, e tendo como unidades de análise a metáfora e seus constituintes – o termo fonte e o termo alvo – e o cenário (como conceitualizado por Musolff, 2004).

A análise dos três tipos de discurso apontou, em sua maior parte, para conceptualizações semelhantes de tempo inferidas no discurso publicitário e por parte das participantes urbanas e rurais. Entretanto, foi possível observar diferenças nos elementos constituintes dos respectivos mapeamentos. A análise parece indicar que esses diferentes mapeamentos possuem uma base sócio-cultural, e são, em alguns casos, permeados pela ideologia dos produtores do discurso ou de instituições sociais.

Acredito que esta investigação represente uma contribuição, não apenas para o estudo da metáfora como também para a nossa compreensão do comportamento humano, uma vez que qualquer tentativa de se compreender o TEMPO, objeto desta pesquisa, signifique tentar entender uma parte vital de quem somos e em que mundo vivemos. A importância de entender como pensamos o tempo reside no fato de esse ocupar lugar central em nossas vidas. O impacto que o tempo causa nas pessoas pode ser evidenciado no dia-a-dia – trata-se de um assunto e preocupação frequentes, principalmente para os adultos. A maioria das comunidades discursivas que incluem o tempo em suas discussões o faz a partir de uma visão informada pelo senso comum, o qual, segundo Hryniewicz (1996), é um tipo de saber prático que surge na tentativa de resolver de forma imediata os problemas que o homem encontra no seu cotidiano. Assim sendo, por se tratar de um tema central em nossas vidas, o tempo constitui objeto de estudo de pesquisadores e estudiosos que atuam em diversas áreas de conhecimento como a física, a filosofia e a sociologia. Como vimos anteriormente (cf. seção 4.1), a preocupação em compreender o tempo remonta à antiguidade e tem sido amplamente abordada pelos filósofos há séculos.

Entretanto, no que diz respeito ao tempo na filosofia, várias questões estão ainda por serem explicadas, dentre elas, o que realmente é o TEMPO (há quem duvide que isso seja possível).

No que tange ao estudo da metáfora, esta investigação representa uma contribuição, principalmente no que diz respeito à relação entre metáfora e cultura, uma relação aparentemente dialética. Assim sendo, esta pesquisa também contribui para evidenciar a importância do estudo da metáfora no que concerne ao entendimento da cultura, de um modo geral, e de diferentes subculturas. Entretanto, a pesquisa abrange também outros aspectos, uma vez que investiga a metáfora desde um nível macro – no discurso, o qual, por sua vez, se encontra inscrito em uma cultura – até o nível sistêmico – a metáfora inscrita na língua.

É importante observar, porém, que, pelo fato de se tratar de um estudo de cunho interpretativista, não cabe aqui fazer generalizações à cultura como um todo ou a subculturas, o que, a meu ver, não compromete a validade da investigação. Por outro lado, a pesquisa vem fortalecer a alegação de que domínios abstratos como o tempo são metaforicamente entendidos, contribuindo também para reforçar a visão de que existe uma relação entre dimensões sociais e culturais e a conceptualização de domínios abstratos.

Os corpora trabalhados não foram submetidos a uma micro-análise de cunho mais nitidamente discursivo, devido ao fato de esse tipo de análise estar além do escopo deste trabalho. O mesmo aconteceu com a questão ideológica, que poderia ser mais aprofundada. Portanto, seria interessante pensar em um estudo futuro explorando mais detalhadamente essas duas questões – a análise micro discursiva e a análise ideológica do corpus da presente investigação –, o qual, creio eu, também representaria uma importante contribuição para os estudos da metáfora.

Por último, reporto-me às inquietações de ordem mais pessoal do que acadêmica, relatadas na introdução deste trabalho, as quais, inicialmente, motivaram a escolha do tema desta pesquisa. Não posso afirmar que essas inquietações foram “resolvidas” durante e após o desenvolvimento do estudo, mas não há dúvidas de

que compreender mais profundamente a natureza conceptual da noção de tempo por meio de suas manifestações na linguagem e no discurso ajudou-me a perceber o quanto nossas visões e expectativas são sócio-cognitivamente fundadas. O tempo não constitui em si uma entidade objetiva, nem tampouco é inimigo ou amigo e nem mesmo um recurso ao nosso dispor. Concebê-lo de uma forma ou de outra implica posições sócio-subjetivas, metaforicamente construídas, imbricadas tanto na cultura quanto na linguagem. Já que não podemos, de fato, nos isolarmos dessas concepções que nos constroem, ter, ao menos, consciência de sua dimensão representou um nítido avanço no meu entendimento sobre as metáforas de tempo que povoam nossa vida cotidiana.

## BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, J. R. D. *Ficar jovem leva tempo... Um guia para viver melhor*. Rio de Janeiro: Saraiva, 1998.

BAKHURST, D.; SYPNOWICH, C. (Eds.) *The Social Self*. London: Sage Publications, 1995.

BARCELONA, A. Clarifying and applying the notions of metaphor and metonymy within cognitive linguistics: an update. In: DIRVEN, R.; PÖRINGS, R.. *Metaphor and Metonymy in Comparison and Contrast*. New York: Mouton de Gruyter, 2002.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1986.

BENJAMIN, A.; OSBORNE, P. (Orgs.) *A Filosofia de Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1997.

BLACK, M. *Models and Metaphors*. New York: Cornell University Press, 1962.

\_\_\_\_\_. More about Metaphors. In: ORTONY, A. (Ed.) *Metaphor and Thought*. New York: Cambridge University Press, 1979.

BLOOME, D. Reading as a Social Process. *Advances in Reading/Language Research*. Vol. 2. Greenwich: JAI Press, 1983. 165-195.

BOERS, F. Applied linguistics perspectives on cross-cultural variation in conceptual metaphor. *Metaphor and Symbol*, 18, 231-238, 2003.

BROWN, T. *Making truth: Metaphor in Science*. University of Illinois Press, 2003.

CAMERON, L.; LOW, G. (Eds.) *Researching and Applying Metaphor*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

CAMERON, L. *Metaphor in Educational Discourse*. London: Continuum, 2003.



\_\_\_\_\_. Material apresentado no *Metnet Workshop (Metaphor Analysis Project)*. The Open University, Milton Keynes, UK. 19-20 de setembro de 2006.

\_\_\_\_\_. *Metaphor Analysis*. Disponível em: <<http://creet.open.ac.uk/projects/metaphor-analysis>> Acesso em 31/07/2007.

\_\_\_\_\_. Patterns of metaphor use in reconciliation talk. *Discourse and Society*. 2007.

CARVALHO, J. G. V. *Filosofia do tempo*. Disponível em: <[www.adital.com.br](http://www.adital.com.br)> Acesso em 31/10/2005.

CARVALHO, S. A “guerra” nas palavras: a metáfora conceptual na retórica do presidente G. W. Bush Jr e de seus colaboradores. Tese de doutoramento – Universidade Federal Fluminense, 2006.

CAVALCANTI, M. C.; ZANOTTO, M. S.. Introspection in Applied Linguistics: meta-research on verbal protocols. In: BARBARA, L.; SCOTT, M. (Eds) *Reflections on Language Learning*. Clevedon: Multilingual Matters, 1994.

CHARTERIS-BLACK, J. *Corpus Approaches to Critical Metaphor Analysis*. London: Palgrave MacMillan, 2004.

\_\_\_\_\_. *Politicians and Rhetoric: The Persuasive Power of Metaphor*. London: Palgrave MacMillan, 2005.

CHAUDRON, C. *Second Language Classrooms: Research on teaching and learning*. Cambridge: CUP, 1988.

COBRA, R. Q. *Vida, filosofia e obras de Immanuel Kant*. Disponível em: <[www.cobra.pages.nom.br](http://www.cobra.pages.nom.br)> Acesso em 31/10/2005.

COHEN, A. D. Metodologia de pesquisa em lingüística aplicada: mudanças e perspectivas. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*. Vol. 13, 1989. 1-13.

COHEN, L.; MANION, L.; MORRISON, K. *Research Methods in Education*. London: Routledge, 2000.

CORREIA, F. *O problema do tempo em Santo Agostinho*. Disponível em: <[www.mundodosfilosofos.com.br](http://www.mundodosfilosofos.com.br)> Acesso em 14/11/2005.

CUNHA, C. F. da *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: FENAME, 1980.

DEIGNAN, A. Metaphorical Expressions and Culture. In: *Metaphor and Symbol*, 18(4). pp 255-271, 2003.

\_\_\_\_\_. *Metaphor and Corpus Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

DOUGLAS, W. *Media argumentation. Dialectic, Persuasion, and Rhetoric*. New York: CUP. 2007

DOWDEN, B. *Time*. Disponível em: <[www.iep.utm.edu/d/descarte.htm](http://www.iep.utm.edu/d/descarte.htm)> Acesso em: 31/10/2005.

EVANS, V. *The Structure of Time*. Amsterdam: John Benjamins, 2004.

EVANS, V.; GREEN, M. *Cognitive Linguistics – An Introduction*. Edingburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FAERCH, C.; KASPER, G. *Introspection in second language research*. Clevedon: Multimedia Matters, 1987.

FEATHERSTONE, M. *Consumer Culture and Postmodernism*. Londres: Sage, 1991.

FILIPAK, F. *Teoria da Metáfora*. Curitiba: HDV, 1983.

FOSNOT, C. T. (Org.) *Construtivismo: Uma teoria psicológica da aprendizagem*. Artes Médicas, 1998.

GIBBS, R. W. *The Poetics of Mind*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

\_\_\_\_\_. Taking metaphor out of our heads and putting it into the cultural world. In: GIBBS, R. W.; STEEN, G. J. (Eds.), *Metaphor in Cognitive Linguistics* (pp. 146-166). Amsterdam: John Benjamins, 1999.

GLASBEY, S. R. et al. Temporal Metaphors in Discourse. In: CONFERENCE ON METAPHOR AND THOUGHT, 1., 2002, São Paulo.

GOOSSENS, L. Metaphonymy: The interaction of metaphor and metonymy in expressions of linguistic action. In: L. GOOSSENS; PAUWELS, P.; RUDZKA-OSTYN, B.; SIMON-VANDERBERGEN, A.; VANPARYS, J. (Eds.) *By Word of*

*Mouth: Metaphor, Metonymy and Linguistic Action in a Cognitive Perspective.* Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GWYN, R. "Captain of my own ship": Metaphor and the discourse of chronic illness. In: CAMERON, L.; LOW, G. (Eds.), 203-220, 1999.

HRYNIEWICZ, S. *Introdução à Metodologia: Contribuições da Filosofia à História da Psicologia.* 1996.

HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (Eds.) *Evaluation in Text.* Oxford: OUP, 2000.

KITTAY, E. F. *Metaphor: Its Cognitive Force and Linguistic Structure.* New York: Oxford University Press, 1991.

KOLODNY, Annette. *The lady of the land: Metaphor as experience and history in American life and letters.* Chapel Hills, University of North Carolina Press, 1975.

\_\_\_\_\_. *The land before her: Fantasy and experience of the American frontiers.* Chapel Hills, University of North Carolina Press, 1984.

KOVÈCSES, Zoltan. *Metaphor and Emotion: Language, Culture and Body in Human Emotion.* Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

\_\_\_\_\_. *Metaphor: A Practical Introduction.* Oxford, OUP, 2002.

\_\_\_\_\_. *Metaphor in Culture. Universality and Variation.* Cambridge, CUP, 2005.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things.* Chicago: University of Chicago Press, 1987.

\_\_\_\_\_. Contemporary Theory of Metaphor. In: ORTONY, A. (Org.) *Metaphor and Thought.* Nova York: CUP, 1993, 2ª ed.

\_\_\_\_\_. *Don't think of an elephant: Know your values and frame the debate.* Vermont: Chelsea Green Publishing. 2004.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by.* Chicago: The university of Chicago Press, 1980.

\_\_\_\_\_. *Metáforas da Vida Cotidiana.* São Paulo: EDUC, 2002. 359 p., p. 9-37. Tradução de: *Metaphors we live by* por Vera Maluf e grupo GEIM (Grupo de Estudos de Indeterminação da Metáfora).

\_\_\_\_\_. *Philosophy in the flesh*. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G.; TURNER, M. *More than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor*. Chicago; London: University of Chicago Press, 1989.

LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar. Volume I*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.

LANGONE, J. *The mystery of time: Humanity's quest for order and measure*. Washington, DC: National Geographic, 2000.

LARAIA, Roque de B. *Cultura – Um Conceito Antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, 17ª ed.

LEME, Helena G. S. *Indeterminação e Metáforas no Discurso Religioso: A construção do sentido no discurso do Evangelho da Prosperidade*. São Paulo, 2003. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, PUC/SP, São Paulo. 2003.

LENZ, P. Metáfora e Linguagem. In: FELTES, H. P. M. (Org.) *Produção de Sentidos*. Caxias do Sul, Porto Alegre, São Paulo: Educs/Nova Prova/Annablume, 2003.

LUPTON, D. *Medicine as Culture*. London: Sage, 1994.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

MARCONDES, D. *Textos Básicos de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2000.

Mc DONOUGH, J.; Mc DONOUGH, S. *Research Methods for English Language teachers*. Edward Arnold, 1997.

MAYBIN, J.; MOSS, G. Talk about texts: reading as a social event. *Journal of Research in Reading*. Vol. 2, 1993. 138-147.

MISHLER, E. *Research Interviewing*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1986.

MOITA LOPES, L. P. Discursos de identidade na sala de aula de leitura em língua materna: a construção da diferença. In: SIGNORINI, I. (Org.) *Língua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

MOURÃO, M. *Administração do Tempo*. 1992.

MUSOLFF, A. *Metaphor and Political Discourse: Analogical Reasoning in Debates about Europe*. London: Palgrave Macmillan, 2004.

NUNAN, D. The Experimental Method. In: \_\_\_\_\_. *Research Methods in Language Learning*. Cambridge, Cambridge University Press, 1992.

ORTONY, A. Beyond literal similarity. *Psychological Review*, 86. pp. 161-168, 1979.

\_\_\_\_\_. (Org.) *Metaphor and Thought*. Nova York: CUP, 1993.

PEREIRA, J.F. *A fonte da Juventude*. Belo Horizonte, 2002.

PERRINE, L. Four forms of metaphor. *College English*, 33. pp. 125-138, 1971

RADDEN, G. How metonymic are metaphors? In: DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. *Metaphor and Metonymy in Comparison and Contrast*. New York: Mouton de Gruyter, 2002.

\_\_\_\_\_. *The Metaphor TIME AS SPACE across Languages*. 2003. Disponível em: <[www.spz.tu-darmstadt.de/projekt\\_ejournal/jg-08-2-3/beitrag/Radden1.htm](http://www.spz.tu-darmstadt.de/projekt_ejournal/jg-08-2-3/beitrag/Radden1.htm)> Acesso em 27/10/2004.

REDDY, M.J. The conduit metaphor – a case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, A. (Org.) *Metaphor and Thought*. Nova York: CUP, 1979.

RITCHIE, D. Argument is war: or is it a game of chess? Multiple meanings in the analysis of implicit metaphors. *Metaphor and Symbol*: 18(2), 125-146, 2003.

RICHARDS, K. *Qualitative Inquiry in TESOL*. New York: Palgrave Macmillan, 2003.

RICOEUR, P. *The Rule of Metaphor*. London: Routledge, 1994.

SARUP, M. *Identity, Culture and the Postmodern World*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1996.

SELLTIZ, C. et al. *Métodos de Pesquisa nas relações sociais*. São Paulo: EPU, 1987.

SILVEIRA, TEREZINHA M. da. Convívio de gerações: ampliando possibilidades. *Textos Envelhecimento*, 2002, vol.4 no.8. ISSN 1517-5928.

SONTAG, S. *Illness as Metaphor: AIDS and its Metaphors*. London: Sage, 1991.

STEEN, G. J. *Understanding Metaphor in Literature*. London: Longman, 1994.

\_\_\_\_\_. Metaphor and Discourse: towards a linguistic checklist. In: CAMERON, L.; LOW, G. (Eds.), 81-1004, 1999.

STEIN, H. *American Medicine as Culture*. Colorado: Westview, 1990.

VAN LIER, L. *The Classroom and the Language Learner*. Longman, 1988.

VEREZA, S. C. O dragão da inflação contra o santo guerreiro: um estudo da metáfora conceitual. *INTERCÂMBIO*, Vol. 5, p. 165-178, 1996.

VERVAEKE, J.; KENNEDY, J. M. Metaphors in Language and Thought: Falsification and multiple meanings. *Metaphor and Symbolic activity*, 11, 273-284, 1996.

WALLACE, C. Critical Literacy Awareness in EFL Classroom. In: FAIRCLOUGH, N.(Ed) *Critical Language Awareness*. London: Longman, 1989.

WOLFSON, F. Speech Events and Natural Speech: Some implications for sociolinguistic methodology. *Language and Society*, 5: 189-209, 1976.

ZANOTTO, M. S. A construção e indeterminação do significado metafórico no evento social de leitura. In: PAIVA, V. L. M. O. (Org.) *Metáforas do Cotidiano*. Belo Horizonte: Editora do Autor, 1998.

ZANOTTO, Mara Sofia et al. Apresentação à edição brasileira. In: LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da Vida Cotidiana*. São Paulo, EDUC, 2002. 359 p., p. 9-37.

## APÊNDICE 1

### A Interferência do Tempo

Há quem diga que o tempo não existe, que somos nós que o inventamos e tentamos controlá-lo com nossos relógios e calendários. Nem ousarei discutir esta questão filosófica, existencial e cabeluda. Se o tempo não existe, eu existo. Se o tempo não passa, eu passo. E não é só o espelho que me dá certeza disso.

O tempo interfere no meu olhar. Lembro do colégio em que estudei durante mais de uma década, meu primeiro contato com o mundo fora da minha casa. O pátio não era grande – era colossal. Uma espécie de superfície lunar sem horizontes à vista, assim eu o percebia aos sete anos de idade. As escadas levavam ao céu, eu poderia jurar que elas atravessavam os telhados. Os corredores eram passarelas infinitas, as janelas pareciam enormes portões de vidro, eu me sentia na terra dos gigantes. Volto, depois de muitos anos, para visitá-lo e descubro que ele continua sendo um colégio grande, mas nem o pátio, nem os corredores, nem as escadas, nada tem o tamanho que parecia antes. O tempo ajustou minhas retinas e deu proporção às minhas ilusões.

A interferência do tempo atinge minhas emoções também. Houve uma época em que eu temia certo tipo de gente, aqueles que estavam sempre a postos para apontar minhas fraquezas. Hoje revejo essas pessoas e a sensação que me causam não é nem um pouco desafiadora. E mesmo os que amei já não me provocam perturbação alguma, apenas um carinho sereno. Me pergunto como é que se explica que sentimentos tão fortes como o medo, o amor ou a raiva se desintegram? Alguém era grande no meu passado, fica pequeno no meu presente. O tempo, de novo, dando a devida proporção aos meus afetos e desafetos.

Talvez seja essa a prova da sua existência: o tempo altera o tamanho das coisas. Uma rua da infância, que exigia muitas pedaladas para ser percorrida, hoje é atravessada em poucos passos. Uma árvore que para ser explorada exigia uma certa logística – ou ao menos um “calço” de quem estivesse por perto e com as mãos livres – hoje teria seus galhos alcançados num pulo. A gente vai crescendo e vê tudo do tamanho que é, sem a condescendência da fantasia.

E ainda nem mencionei as coisas que realmente foram reduzidas: apartamentos que aprecem caixotes, carros compactos, conversas telegráficas, livros de bolso, pequenas salas de cinema, casamentos curtos. Todo aquele espaço da infância, em que cabia com folga nossa imaginação e inocência, precisa hoje se adaptar ao micro, ao mínimo, a uma vida funcional.

Eu cresci. Por dentro e por fora (e, reconheço, pros lados). Sou gente grande, como se diz por aí. E o mundo à minha volta, à nossa volta, virou aldeia, somos todos vizinhos, todos vivendo apertados, financeira e emocionalmente falando. Saudade de uma alegria descomunal, de uma esperança gigantesca, de uma

confiança do tamanho do futuro – quando também o futuro era infinito à nossa frente.

*Marta Medeiros*



## Apêndice 2

### Poema em cinco tempos

*Elder Vieira*

O tempo não é minha matéria,  
pois não o domino.  
O tempo é algo que vai pra além  
da dimensão material de nossos dias  
e controla nossas vidas  
ao invés de o controlarmos.

Não, não odeio o tempo.  
Só odeio sua impiedosa paisagem.  
Não que do tempo queira fazer espaço,  
ou, do espaço entre seus minutos,  
meu tempo.  
É que o tempo nos impede a geografia  
das montanhas e o cheiro das hortaliças.  
Destroça nossos sonhos arregimentados  
no decorrer da jornada de todo dia  
e devora nossos carneiros apavorados  
nas noites de insônia e agonia.

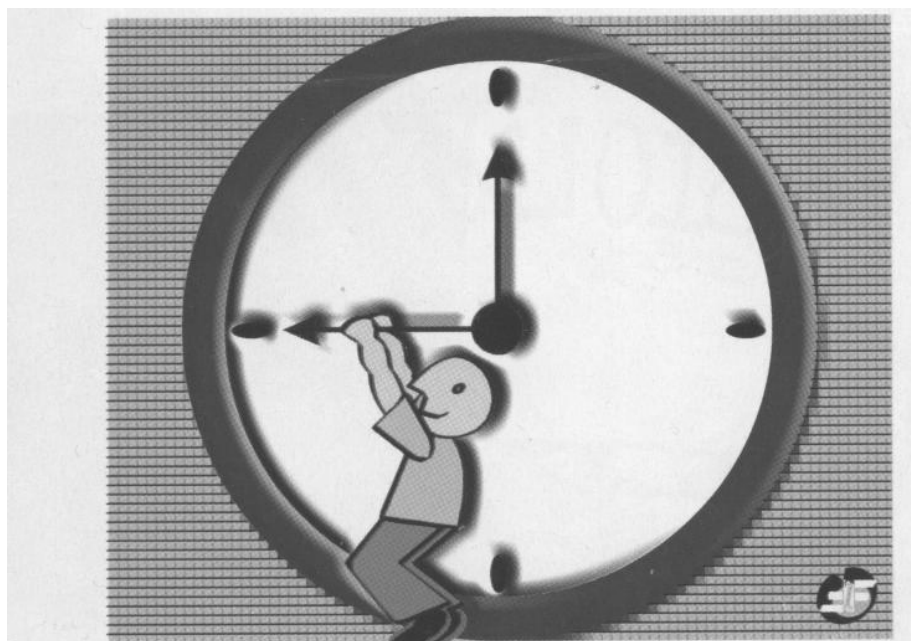
O tempo, inimigo, nos persegue  
nesta imensa avenida (a que comumente chamamos vida)  
e tenta, a todo custo, injetar em nossas veias  
sua velha alquimia.

### Apêndice 3

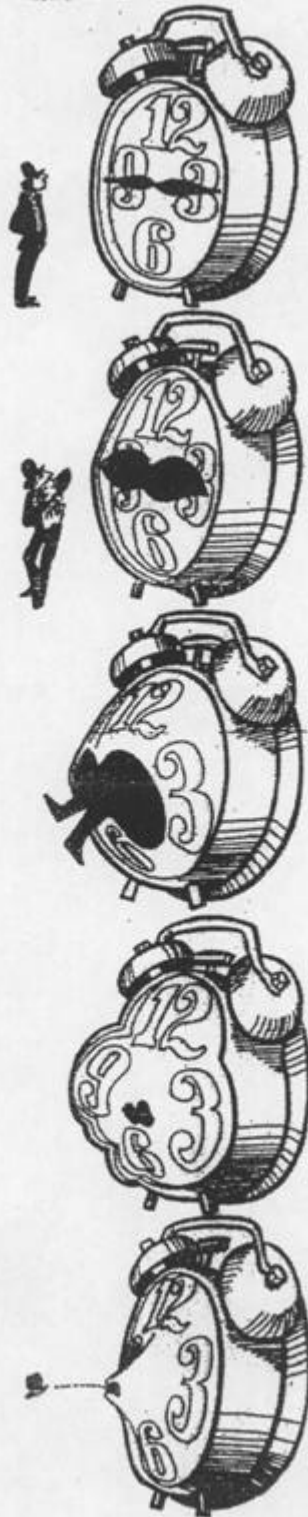
Tenho um relógio parado  
Por onde sempre me guio  
O relógio é emprestado  
E tem horas a fio

*Fernando Pessoa*

## Apêndice 4



MACHADO



MACHADO, Juarez. *Jornal do Brasil*, 1972.



pois os  
justos desta  
nozarão.

## Apêndice 5

Amostras do processo de identificação de metáforas lingüísticas através dos termos fonte/veículo:

### Dados do discurso midiático:

#### TEXTOS PUBLICITÁRIOS

(*O Globo* – revista – 21/08/05)

Está certo quem diz que o tempo não pára (parar é interromper um movimento. Uso metafórico. O tempo como movimento) Aqui ele até anda para trás (Uso metafórico. Se refere ao tempo com se ele fosse uma pessoa capaz de se movimentar).

A melhor clínica de anti-envelhecimento do país fica na Barra. Assim como muitos atletas, artistas e executivos, aqui você vai descobrir que o tempo trata (comportar-se de uma certa maneira em relação a uma pessoa ou objeto. Uso metafórico quando o agente é o tempo) bem quem se cuida bem. Clínica Anna Aslan, você não vai sentir o tempo passar (mover em uma determinada direção. Uso metafórico quando se trata do tempo).

Conheça os tratamentos (cuidados médicos para curar uma pessoa ou animal. Uso metafórico quando a referência é o tempo) que fazem o tempo parar (parar é interromper um movimento. Uso metafórico. O tempo como movimento) pra você.

(*Claudia* – agosto 2004)

L'Oreal – Vença a corrida (ser o melhor em uma competição contra alguém. Uso metafórico quando o inimigo é o tempo) contra o tempo!

Você acorda um dia e leva um susto diante do espelho. Já teve essa sensação de estar olhando para sua mãe ao ver sua imagem refletida? Pois é, a única diferença entre você e ela é que as gerações anteriores não tiveram escolha para prevenir e combater (lutar fisicamente, geralmente numa guerra, contra um inimigo. Uso metafórico) o envelhecimento da pele. E agora a tecnologia se une à indústria cosmética a seu favor.

(*Nova* – setembro 2005)

A linha antitempo (o prefixo anti significa contra, contrário ou para prevenir algo nocivo. O uso é metafórico quando usado para se referir ao tempo) Vita Derm ficou ainda mais completa: cápsulas com DMAE 5% e ceramidas. Ideal para

atenuar e prevenir as rugas do pescoço, colo e mãos, podendo também ser aplicado em todo rosto. A dose certa (medida certa de medicamento, para tratamento, cura de alguma doença. Uso metafórico quando utilizado para se referir ao tempo) para minimizar a ação (o ato de fazer alguma coisa. O agente é sempre uma pessoa. Uso metafórico quando o referente é o tempo) do tempo.

Passe Vita Active (Boticário) que o tempo não passa (uso metafórico). 'Chega (chegar significa alcançar o final de uma jornada ou algum ponto dela. Aqui o uso é metafórico ao ser utilizado para se referir ao tempo) uma hora em que é preciso neutralizar as ações (resultado de um ato realizado por alguém. Uso metafórico quando referente ao tempo) do tempo ... Passe Vita Active creme multivitamínico que o tempo não passa (uso metafórico).

## Dados do discurso midiático:

### TEXTOS REFLEXIVOS

(Revista Cláudia – <http://forum.abril.com.br/claudia/forum.php?topico=192846> – acessado em 26/03/2006)

#### Comunidades –

Meu problema é tempo.

Enquete: O que ocupa (preencher um espaço. Uso metafórico quando referente ao tempo) mais o seu tempo?

Nossa, também sofro com a falta (ausência, escasso. Uso metafórico quando usado referente ao tempo) de tempo, ou por ocupá-lo (preencher um espaço. Uso metafórico quando referente ao tempo) de todas as formas... Saio de casa às 07h00, chego em casa às 24h00... Trabalho em dois empregos, ainda entrei numa academia só para mulheres, com treinamento de 30 minutos!!! Nas (preposição de espaço. Uso metafórico quando o referente é o tempo – horas de folga) folgas só tenho vontade de dormir, pra namorar tem que dar sempre um jeito...(Luciana)

Primeiramente gostaria de salutar a todas da comunidade e dizer que gosto muito de participar e também de ler os depoimentos que são como uma experiência para mim. Sobre a questão do tempo, não tenho dúvidas: Mudança geral!!! Porque a administração (controlar, ser responsável e tomar decisões por um negócio. Uso metafórico quando o referente é o tempo) do nosso tempo é um bem precioso e é dele que depende tanto o fracasso quanto o sucesso nas áreas mais importantes da nossa vida. Exagero? Não, planejamento e resultados eficientes andam juntinhos... Até a próxima!! (Renata)

Nossa...me identifico e muito com essa comunidade...esse ano eu posso realmente encher a boca pra dizer que o que está faltando (não ter, não possuir. Uso metafórico quando referente ao tempo) em minha vida é essa bendita palavrinha chamada TEMPO. Desde que comecei a fazer faculdade saio de casa às 06:00 hrs da manhã e só chego meia noite de segunda a sexta. Fora que trabalho também aos sábados e domingos...tempo pra sair com amigos...fazer trabalhos da faculdade e dizer um simples OLÁ pra minha família eu não tenho tido (possuir algo. Uso metafórico quando referente ao tempo) mais...essa é a palavrinha mágica que significa tanto mas descobrimos que não conseguimos mais encontrá-la tarde demais. (Jana)



Oi, Gente! Me identifiquei muito com essa comunidade, porque com certeza tempo é uma coisa que não tenho (possuir algo. Uso metafórico quando referente ao tempo), saio às 07:15 de casa para trabalhar, vou para a faculdade e tem dias de só voltar às 23:00 hs, e mês sim, mês não ainda trabalho nos finais de semana, não sobra (permanecer sem uso. Uso metafórico quando referente ao tempo) tempo nem para estar com o meu marido porque quando eu chego em casa eu quero é dormir... (Ana)

## Dados do discurso oral urbano:

Su. O bolor, muito interessante, muito interessante.

So. Também fala sobre o tempo?

L. O tempo todo.

Su. É um diário.

P. É o tempo, o quê, que não é o tempo normal.

So. Cronológico.

L. Cronológico.

Su. É o tempo cronológico.

L. É o tempo da cabeça dele. Vai e volta, vai e volta (o verbo ir significa passar ou deslocar-se de um lugar para o outro e é usado para se referir a pessoas, animais ou objetos concretos. Aqui ele é usado metaforicamente referente ao TEMPO. O verbo voltar significa ir ou dirigir-se ao ponto de onde partiu e é usado para se referir a pessoas, animais e objetos concretos. Aqui o seu uso é metafórico uma vez que se refere ao TEMPO).

P. Vai e volta (uso metafórico dos verbos ir e vir referentes ao TEMPO).

Su. Porque ele pega um diário, de repente adapta, a data é aqui.

L. A data não segue (o verbo seguir significa ir atrás de, acompanhar, ir ao longo de e é usado para se referir a pessoas, animais ou objetos concretos. Aqui ele é usado metaforicamente, uma vez que se refere à data, um ponto no TEMPO), entendeu?

Su. Estamos aqui (advérbio que indica lugar. Uso metafórico quando usado para se referir à indicação de TEMPO) no calendário, ele volta ali (verbo voltar, uso metafórico quando referente ao calendário – sistema de divisão do TEMPO).

So. Ah, sei.

Su. É interessante, é muito interessante. É muito bem escrito.

L. A própria maneira como ele escreve, né, a redação,

So. não é o tempo linear (linear significa algo que apresenta a disposição de linha, que se representa por linhas, e é usado para se referir a entidades concretas. Uso metafórico quando usado para se referir ao TEMPO).

P. Linear é a palavra.

So. Ele não segue a linha do tempo (linha significa traço contínuo de uma só dimensão. É uma entidade concreta. Uso metafórico quando usado para se referir ao TEMPO).

P. Exatamente.

Su. Olha eu já li este ano, acho que cinco livros.

So. Nossa!

Su. É, mas eu sou das decisões, né. É tão engraçado, né.

L. Porque, você falou que este ano você ia ler muito?

Su. É porque assim, eu acho assim, falando até em tempo. Eu sei esperar. Engraçado...( )

Su. Ele fala pra ela, pois é, a mim ela diz que eu sou ansioso, quer dizer, ele estava querendo dizer: você me pareceu ansiosa em querer saber logo a informação e já vir sem perda de tempo (perda significa ato ou efeito de perder. Perder significa ficar privado ou deixar de ter algo que se possuía. Uso metafórico quando se refere ao TEMPO). Mas eu tava doida era pra ir pra Itaipava. Um calor danado, tava querendo ir pra lá, né. E dessa coisa de ansiedade e ...e porque eu não me acho ansiosa. É, eu sei esperar...eu sei esperar, então, quer dizer, ler sempre foi um projeto, que agora pode ser alimentado.

L. Agora é verdade.

Su. Então o momento, tudo bem, já li os cinco livros este ano, né. E a pessoa ansiosa não quer esperar.

## Dados do discurso oral rural:

Ng. Ah, quando a gente era nova tudo, como diz ( ) aí quando a gente vai ficando mais velha tudo muda (mudar significa alterar, transformar, modificar, converter. O agente é geralmente uma entidade concreta. Uso metafórico quando referente ao TEMPO), né. No tempo da gente mais novo, ali naquelas festa de primeiro, né, que era festa boa, vc ia, vc farreava a noite toda, não tinha confusão, as colega, vc brincava de roda com as colega, era tudo bom, né. Hoje, cabo, hoje não tem isso mais, não tem essa união hoje mais. As moça, hoje vc não vê as moça brincá de roda com as outra, vc não vê os rapaz hoje com união. É tudo sem união, hoje eles não tem união um com outro. É brigando, é tudo, né, de primeiro não tinha isso, né. Então eu acho isso e a gente, no tempo da gente mais novo (a preposição em indica lugar. Seu uso é metafórico quando referente ao TEMPO) se voltasse esse tempo (voltar significa ir ou dirigir-se ao ponto de onde partiu e é usado para se referir a pessoas, animais e objetos concretos. Aqui o seu uso é metafórico uma vez que se refere ao TEMPO), assim, quando eu era mais nova. Eu ia muito ne farra, em jogo com as minha colega. Aproveitei muito (aproveitar significa tirar proveito, valer-se de uma situação. Uso metafórico quando referente ao TEMPO), né o meu tempo (meu significa pertencente à, ou próprio da, ou experimentado, pela pessoa que fala. Uso metafórico quando referente ao TEMPO). Então hoje, pra mim já, hoje já é mais diferente, que a gente já tá mais de idade (estar significa achar-se, encontrar-se em certa condição. Uso metafórico quando referente a IDADE/TEMPO), né, então vai acabando mais aquela coisa que a gente tinha de ( ) antigamente. Só que a gente vê os filho da gente, o jeito que eles fica não é igual a gente, né. Do tempo da gente (da gente significa pertencente à, ou próprio da, ou experimentado, pela pessoa que fala. Uso metafórico quando referente ao TEMPO), a gente vê é diferente, né, muito diferente. De antigamente as menina brincava muito de boneca, era tudo. Hoje as menina hoje não quer saber de brincar de boneca, não quer saber de nada, elas hoje o brincar de boneca delas é diferente, né. É isso mesmo.

Mas a minha preocupação é mesmo a saúde, né, é a saúde. Porque se a gente tem a saúde, tudo bem, agora perdeu a saúde cabou, né. Sei que sou da minha idade e em vista de muita gente, até que eu sou muito forte, que até que eu não, é muito difícil eu ir em médico. É, agora, assim, de uns tempo pra cá que a gente deu pra ficar assim meia perrengada mas é mesmo essa gripe que tá dando.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)